

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa

Programa de Pós-graduação em Letras e Artes

LUCILA BONINA TEIXEIRA SIMÕES

**Literatura Infantojuvenil:
compondo um panorama da produção amazonense**

Manaus

2013

LUCILA BONINA TEIXEIRA SIMÕES

**Literatura Infantojuvenil:
compondo um panorama da produção amazonense**

Trabalho apresentado ao Programa de
Pós-Graduação em Letras e Artes
como pré-requisito para a obtenção
do título de Mestre em Letras e Artes.

Orientadora: Prof^a Dr^a Juciane Cavalheiro

Manaus

2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial da Escola Superior de Artes e Turismo da UEA.

| | |
|-------|---|
| S593I | <p>SIMÕES, Lucila Bonina Teixeira. Literatura infantojuvenil: compondo um panorama da produção amazonense / Lucila Bonina Teixeira Simões ; orientadora Juciane Cavalheiro. -- Manaus : [s. n.], 2013.</p> <p>198 f.; 30 cm.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) Universidade do Estado do Amazonas, 2013. Inclui bibliografia. Inclui dicionário de literatura infantil amazonense.</p> <p>1. Letras e Artes - Dissertações 2. Literatura Amazonense 3. Literatura infantojuvenil 4. Dicionário I. Cavalheiro, Juciane II. Título.</p> <p>CDU(1997) 821.134.3(811.3)(043)</p> |
|-------|---|

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES**

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCILA BONINA TEIXEIRA SIMÕES

**Literatura Infantojuvenil:
compondo um panorama da produção amazonense**

Dissertação aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, pela Comissão Julgadora abaixo identificada.

Manaus, ____ de _____ de 2013.

Presidente: Prof^a Dr. Juciane Cavalheiro

Membro: Prof^o Dr. Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque

Membro: Prof^o Dr. Maurício Matos

Membro: Prof^o Dr. Allison Leão

A Jonice Maria Freire Teixeira, minha mãe, a mulher que primeiro me ensinou e me fez acreditar que todo esforço de crescimento intelectual, emocional e espiritual vale à pena, pois é a garantia da minha realização e da minha utilidade no mundo.

A Eunice Freire Teixeira, minha avó, que sempre me dizia: “Trata logo de fazer um mestrado”. Com saudade e reconhecimento eternos, quero dizer como quando eu era pequenina e terminava uma tarefa dada por ela: “Tá aqui, vó, acabei!”

Agradecimentos

A Deus, princípio e razão da minha existência.

A Jorgean Gomes Simões, o homem que aceitou dividir toda a vida comigo, inclusive este projeto-sonho. Obrigada pelo colo nas minhas horas de desespero, pela fé nos meus momentos de fraqueza, pelo consolo nas minhas horas de cansaço. E pelos risos que iluminam sempre nossa vida, até nas horas cinza. Este trabalho também é teu.

A Jonice Freire Teixeira, principal e verdadeira provedora financeira e afetiva de boa parte desta pesquisa e de tudo o que ela implicou em minha vida.

Aos meus irmãos, amigos e familiares que aguentaram, por dois anos, minha incapacidade de variar de assunto nas conversas e nos encontros. E que nunca me deixaram esquecer da minha capacidade para bem fazer este trabalho.

Aos professores do PPGLA-UEA, em especial a Maurício Matos, Allison Leão, Luciane e Márcio Páscoa que desde o início deram crédito ao meu projeto, me incentivaram, deram sugestões e me proporcionaram a formação acadêmica necessária para concluí-lo.

Aos colegas do PPGLA-UEA. Aprendi muito com cada um de vocês.

À editora e livraria Valer que me forneceu acesso aos livros de seu catálogo e permitiu que, em alguns momentos, eu fizesse da livraria meu estúdio de estudo.

A Alba Loureiro, bibliotecária da Semed, que gentilmente localizou e me emprestou livros que eu não achava em lugar nenhum e na pessoa de quem presto meu reconhecimento a todas as bibliotecárias das bibliotecas públicas de Manaus.

Aos escritores Tenório Telles, Astrid Cabral, Ana Peixoto, Cacilda Barbosa e Elson Farias que, ao saber do meu projeto, trocaram ideias comigo e me incentivaram afirmando a importância do meu trabalho.

A Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério da SEMED, nas pessoas dos três chefes ao longo desse período: prof^o Ozires, prof^a Samira e prof^o Luiz Carlos, que desde o início do mestrado me apoiaram o quanto foi possível para que eu conseguisse estudar e continuar desenvolvendo minhas atividades profissionais.

Ao Programa Ciência na Escola (PCE) da FAPEAM/SEMED que colocou de novo em minha ação docente a exigência e a possibilidade da pesquisa: primeira semente deste mestrado.

Um muito obrigada especial a Juciane Cavalheiro. Mais que orientadora você se tornou modelo de pesquisadora e professora.

A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano (*O livro dos abraços*)

LITERATURA INFANTOJUVENIL: COMPONDO UM PANORAMA DA PRODUÇÃO AMAZONENSE

RESUMO: A literatura infantil apenas muito recentemente tornou-se manifesta na cultura amazonense. O objetivo deste trabalho é compor um panorama da literatura infantil amazonense, fazendo um levantamento de autores e obras publicados nos últimos trinta anos. Para compor tal panorama, buscou-se, em primeiro lugar, investigar e refletir sobre as concepções de infância que determinam a produção literária para a infância e quais dessas concepções estão mais demarcadas na produção amazonense. Para isso, além de discutir a evolução do conceito de infância através do tempo, buscou-se verificar como essa evolução influenciou a produção literária brasileira para crianças e como a produção amazonense se posiciona diante deste cenário mais amplo. Concomitantemente ao levantamento de autores e obras da literatura infantojuvenil amazonense ocorreu uma operação arquivística que compôs um arquivo da literatura infantojuvenil amazonense composto por paratextos dos livros infantis, textos jornalísticos sobre o lançamento dos livros e textos biográficos. A análise desses documentos, amparada pelo aporte teórico da crítica biográfica moderna e dos estudos de Gerard Genette sobre paratextos editoriais, buscou identificar os argumentos do discurso de legitimação sobre a nascente literatura infantil amazonense e sobre a noção de infância subjacente ao projeto de literatura infantil que tem sido levado a termo no Amazonas. O estudo feito permite constatar a predominância de uma tendência pedagógica nos livros regionais, decorrente de uma concepção conservadora de infância. Por fim, a parte final do trabalho apresenta o *Dicionário de literatura infantojuvenil amazonense* como produto da pesquisa e manifestação concreta do panorama que este trabalho se propôs a fazer.

PALAVRAS – CHAVE: arquivo; dicionário; literatura amazonense; literatura infantojuvenil.

CHILDREN AND YOUTH LITERATURE: COMPOSING A PANORAMA OF AMAZONIAN PRODUCTION

ABSTRACT: Only very recently, infant literature has become noticeable in the Amazonian culture. The objective of this work is to compose an overview of Amazonian infant literature through a survey of authors and works published in the last thirty years. In order to compose this panorama, first of all it was sought to investigate and reflect on the conception of childhood that determines literary production for children and which of those conceptions are more present in the Amazonian production. For this, besides discussing the evolution of the concept of childhood throughout time, it was sought to assess how this evolution influenced the Brazilian literary production for children and how the Amazonian production stands before this broader scenario. Concurrent with the survey of authors and works of Amazonian infant literature, an archival operation took place and composed an archive of the Amazonian infant literature made up of paratexts of children's books, journalistic texts about the launching of such books and biographic texts. The analysis of these documents, supported by theoretical support of the modern biographical critique and by the studies of Gerard Genette about editorial paratexts, aimed at identifying the arguments of the legitimation discourse on the nascent Amazonian infant literature and on the notion of childhood underlying the project of infant literature that has been brought forward in the Amazon. The study that has been carried out shows the predominance of pedagogical trend in regional books, resulting from a conservative conception of childhood. Lastly, the final part of the paper presents the *Dictionary of Amazonian Infant Literature* as a product of the research and concrete manifestation of the panorama that this work was proposed to do.

KEY WORDS: dictionary; Amazonian literature; infant-juvenile literature

Sumário

| | |
|---|--------|
| Introdução | p. 9 |
| Capítulo 1 | |
| 1 Literatura infantojuvenil: entre a criança, a pedagogia e a arte..... | p. 14 |
| 1.1 Sobre infância e literatura..... | p. 15 |
| 1.2 Percurso da literatura infantil no Brasil..... | p. 25 |
| 1.3 Tendências da literatura infantil contemporânea..... | p. 32 |
| 1.4 A literatura infantil produzida no Amazonas e a cronologia da literatura infantil brasileira..... | p. 35 |
| Capítulo 2 | |
| 2 Literatura infantil no Amazonas: um desejo impaciente de memória..... | p. 38 |
| 2.1 Composição de um arquivo da literatura infantojuvenil amazonense..... | p. 41 |
| 2.2 Elson Farias: biografemas e literatura infantil..... | p. 52 |
| 2.3 Editora Valer: um projeto de literatura infantojuvenil para crianças amazonenses..... | p. 66 |
| Capítulo 3 | |
| 3 Literatura infantojuvenil amazonense: um panorama do período entre 1982 e 2012..... | p. 80 |
| 3.1 Dicionário da literatura infantojuvenil amazonense..... | p. 87 |
| Referências Bibliográficas | p. 195 |

Introdução

A existência de uma literatura específica e conscientemente destinada a crianças é recente. Data do século XVII, quando, junto à escola, surgem livros especialmente dedicados a instruir divertindo. Por isso mesmo permanece relacionada a ela uma complexa discussão suscitada pelo adjetivo infantil que parece delimitar e, segundo alguns, diminuir essa produção a uma categoria de não-literatura. Essa reserva quanto a considerar a literatura infantojuvenil uma arte menor deve-se ao fato de que, em sua gênese, esse tipo de produção teria sido usado primordialmente como instrumento de didática e não como objeto de fruição estética. No entanto, em seu desenvolvimento, a literatura infantil superou o caráter pragmático que caracterizou seu surgimento e, até certo ponto, sua função na sociedade, e constituiu-se como uma expressão artística literária particular, em virtude exatamente de seu público leitor, as crianças.

Em minha prática como professora de Língua e Literatura, constato o quanto essa discussão literatura X pedagogia retorna continuamente ao âmbito do ensino da leitura, justamente pela exigência de que a literatura apresentada às crianças na Educação Básica não se limite a uma visão pragmática, didático-pedagógica, mas para além disso, constitua-se para os leitores iniciantes o que, de fato, ela é, “antes de tudo ‘literatura’, isto é, mensagem de arte, beleza e emoção” (GOÉS, 1994, p.3). Para tanto, muitas pesquisas, análises literárias e metodologias têm sido desenvolvidas no Brasil, as quais investigam fatos, valores, paradigmas, intencionalidades pedagógicas, funcionalidades sociais, autores e obras da literatura infantojuvenil. Voltando o olhar para o cenário local, é difícil encontrar qualquer tipo de estudo direcionado à produção literária para crianças e jovens no Amazonas, apesar de que, principalmente na última década, houve um aumento no incentivo à produção editorial do gênero.

O desejo de recolher, conhecer e estudar esta recente produção, levou-me a planejar uma pesquisa que compusesse um panorama dela, apresentando como resultado um dicionário, uma descrição crítica da literatura infantil amazonense dos últimos trinta anos.

A esse ponto, é necessário explicitar que ao usar a adjetivação “amazonense”, pretendo apenas delimitar um recorte geográfico, ciente de que esse tipo de qualificação é uma construção mais política, histórica e cultural do que propriamente literária. Peço, portanto, que ao ler o termo literatura infantojuvenil amazonense, neste trabalho, entenda-se:

livros brasileiros produzidos intencionalmente para serem apresentados ao público infantil e juvenil e que foram feitos a partir da realidade amazônica (em seus temas ou em seus autores) ou que circularam predominantemente no Amazonas. Por outro lado, tal adjetivação também transparece a consciência da posição “marginal” que as produções literárias produzidas fora do eixo Sul-Sudeste brasileiro assumem quando se considera o sistema literário “brasileiro”. Livros infantis produzidos nessas regiões não são tomados como “regionais” e, sim, nacionais. Em outras partes do Brasil, no entanto, a literatura infantojuvenil ganha o adjetivo regionalizado, embora tal caracterização tenha mais a ver com o local de produção do livro do que com sua temática.

Traçar um panorama da literatura infantojuvenil amazonense é importante, em primeiro lugar, para preservar essa forma de expressão artística justamente em seu momento de fundação. Pesquisar autores e obras, analisar os determinantes sócio-histórico-culturais das obras voltadas a crianças pode servir para valorizar a produção local e também promover a circulação de informações sobre o tema e, inclusive, subsidiar futuros artistas no que diz respeito à produção de uma literatura infantojuvenil mais aberta e criativa, a partir do panorama histórico-cultural que a pesquisa se propõe a fazer. As informações reunidas na pesquisa podem servir, também, de instrumento de pesquisa para a ampliação de estudos e investigações a respeito do tema.

Finalmente, é importante ressaltar que, apesar de não ter sido a preocupação principal desta pesquisa uma abordagem pedagógica da literatura infantojuvenil, é inegável que o produto final da pesquisa pode trazer uma contribuição neste campo. Todo e qualquer esforço para ensejar um ensino eficaz da leitura, mais ainda, um efetivo letramento literário às crianças e adolescentes, implica respeito e conhecimento da expressão artística que é a literatura infantojuvenil, por parte dos professores, primeiros e principais elos entre os leitores em formação e futuros consumidores de literatura e as práticas de leitura. Dessa forma, este estudo, embora não voltado exclusivamente a professores, pode servir de referência para eles em sua formação docente. Por meio da preparação dos profissionais para o trabalho com a literatura infantojuvenil, superando-se a visão pragmática que se tem dela, podemos levar o ambiente escolar a entender e questionar aspectos históricos, culturais e sociais que marcam a produção literária, despertando para a reflexão, a fruição estética e a criação.

O *Dicionário da Literatura Infantojuvenil Amazonense*, produto composto ao final desta pesquisa, pretende cumprir, portanto, uma dupla finalidade: servir de registro para

pesquisas e estudos futuros, assim como servir para subsidiar educadores da educação básica com uma visão, a mais completa e crítica possível da literatura infantojuvenil amazonense, em seu trabalho de ensino da leitura e da leitura literária.

A motivação dessa pesquisa surgiu em minha prática como professora do Ensino Fundamental a partir da exigência de incentivar a fruição estética de textos literários, equilibrando o uso pedagógico dos textos e a apresentação do rico mundo criado pela imaginação dos autores brasileiros destinados ao público infantil. Além disso, minha prática como Contadora de Histórias, na escola e em ambientes vários, me levou a uma constante pesquisa de histórias, livros, autores brasileiros que pudessem enriquecer meu trabalho artístico-pedagógico. Compreender a produção literária infantojuvenil brasileira de forma mais profunda e científica foi se tornando, então, uma consequência natural na busca de melhor usufruir e explorar toda a riqueza dessa produção.

Trabalhando com crianças amazonenses surgiu a necessidade de apresentar uma literatura com elementos mais próximos e significativos desse público, seja pela temática ou pela possibilidade de proximidade com os autores das histórias, a fim de mostrar a literatura como fruto do trabalho e da imaginação de um autor que pode estar em qualquer lugar e, mesmo assim, se fazer ouvir ou entender por todos.

Ao pensar em investigar a produção literária para crianças no Amazonas, fui instigada por questões como:

- Quem escreveu para crianças no Amazonas recentemente? (pelo menos nos últimos cinquenta anos, período em que a literatura infantil brasileira consolidou-se no cenário literário brasileiro.)
- O que caracterizou a produção do gênero no Amazonas nesse período? Houve mudanças em sua evolução? Motivadas por que razões?
- Quem escreve para crianças no Amazonas o faz a partir de que concepção de criança?
- Que temáticas são as mais frequentes? Que fatores históricos, sociais e culturais mais influenciaram essas escolhas?
- Que gêneros são mais escritos? Há prevalência da prosa narrativa em detrimento da poesia e do teatro?
- Qual função a sociedade amazonense que produz e consome, no sentido de indicá-la ou apresentá-la às crianças, atribui à Literatura infantil?

- Como a literatura infantil amazonense se relaciona com o contexto maior da literatura infantil brasileira no período?

Encontrar as respostas a essas perguntas possibilita compor um panorama da produção literária amazonense de modo a proporcionar uma compreensão sobre a constituição da literatura infantojuvenil no Amazonas e sua relação com o panorama brasileiro.

Para reunir o corpus da pesquisa, realizei um levantamento em bibliotecas públicas e privadas, no catálogo de editoras que publicam livros infantojuvenis e uma busca material nas prateleiras das principais livrarias que comercializam livros infantis. Delimitei o levantamento aos seguintes critérios: teria que constar na ficha catalográfica do livro a denominação literatura infantojuvenil (ou infantil), de autores amazonenses, com publicações dentro ou fora do estado, ou livros de autores não amazonenses, mas que exercem sua atividade literária no Amazonas. Inicialmente o recorte temporal da pesquisa era o período entre 1960 e 2011. Porém, durante a pesquisa, verifiquei que as publicações mais antigas ocorreram na década de 1980. Por esse motivo, redefini o recorte para obras publicadas nos últimos 30 anos. Foram levantados 114 títulos de textos literários infantis, de 48 autores. O levantamento completo é apresentado na última parte do trabalho.

Este trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo consiste em uma discussão sobre duas questões fundamentais para a elaboração do panorama da literatura amazonense proposto pela pesquisa: quais concepções de infância subjazem à elaboração de livros para crianças e qual função tem sido atribuída à literatura infantil na sociedade brasileira. Para isso, além de discutir a evolução do conceito de infância através do tempo, buscou-se verificar como essa evolução influenciou a produção literária brasileira para crianças. Desta forma foi possível estabelecer a relação entre a produção no Amazonas e esse cenário mais amplo.

O segundo capítulo apresenta a operação arquivística realizada concomitantemente ao trabalho de levantamento de autores e obras da literatura infantojuvenil amazonense. Os documentos reunidos no arquivo composto são paratextos dos livros infantis, textos jornalísticos sobre o lançamento dos livros e textos biográficos. Na análise desses documentos busquei identificar os argumentos do discurso de legitimação sobre a nascente literatura infantil amazonense, que informassem sobre quais concepções de infância ela tem sido realizada e qual a função social atribuída aos livros infantis. Assim, em primeiro lugar, e amparada por parâmetros de análise da crítica biográfica, analisei mais detalhadamente a

literatura infantil de Elson Farias por ser o autor mais profícuo em lançamento de livros infantis e que, por isso, tem sido apontado como referência de toda a produção atual. Em seguida, partindo dos pressupostos de Genette (2009) sobre paratextos editoriais, analisei a instância prefacial dos livros infantis lançados pela editora Valer (principal publicadora de títulos infantis no Amazonas), buscando compreender o projeto de literatura infantil da editora que tem influenciado a produção dos autores amazonenses. Finalizando o trabalho encontra-se o *Dicionário de literatura infantojuvenil amazonense*, composto por verbetes que informam sobre os autores e as respectivas obras infantis, do período de 1982 a 2012. O dicionário pode ser uma janela por onde se pode contemplar, em visão panorâmica, toda a produção do período.

1 Literatura infantojuvenil: entre a infância, a pedagogia e a arte.

A literatura infantojuvenil, em termos de teoria e crítica literárias, ainda é, e talvez continue a ser sempre, um campo muito aberto de definições e desafios teóricos.

O que define e distingue a literatura infantil é seu leitor implícito, ou melhor, o que marca sua especificidade é o público a que se destina, pois é a única manifestação literária que *a priori*, do ponto de vista da criação literária, tem um público bem determinado. E isso não é um mero detalhe, ao menos para a maioria dos autores, pesquisadores e críticos, mas é um elemento fundamental e de certa forma condicionante no processo criativo. Conscientemente ou não, cada artista que se propõe a escrever um livro, o qual ele mesmo define como literatura infantil, o faz a partir de determinada idealização da infância ou, talvez seja mais correto afirmar, determinada concepção de infância. Sendo assim, é pertinente que qualquer problematização da produção literária para crianças, parta exatamente da problematização das diferentes concepções de infância que influenciam, determinam ou condicionam essa produção.

Quando alguém escreve literatura “não infantil” a imagem de seu possível leitor é menos determinante para o processo criativo. Este é um leitor tão difuso que não chega a interferir ou determinar a produção literária. Em outras palavras, ao escrever para adultos, é natural que o compromisso maior da obra seja com seu próprio ideário de valores estéticos, políticos, culturais, etc. A obra permanece fiel antes de tudo a si mesma, ou a seu autor, a seu projeto artístico, ou ao modelo estético a que se vincula etc.

Quando se escreve para crianças, ao contrário, o artista é imediatamente interpelado pela função, ou papel, que sua obra vai ter diante de um leitor preferencial – a criança - que carrega uma representação social marcada pela necessidade de educação e formação. Querendo ou não, toda obra destinada a crianças precisa se submeter ao fato de que será inserida, ou será recebida, num processo de educação e instrução, seja na escola, seja na família. A diferença será marcada exatamente por qual tipo de formação será essa e para qual contexto de infância. Além disso, pela condição social de submissão e dependência de seu leitor em potencial, o autor depara-se com outro leitor: o adulto (pais, família ou professores) que fazem a mediação entre o livro e a criança, já que mesmo tendo a criança liberdade de escolha, é o adulto quem determina o acesso ou não da criança ao livro desejado. É claro que à medida que a criança vai crescendo essa dependência vai se tornando relativa, mas o fato

importante é que esse duplo interlocutor – criança e adulto – determinam para o autor certos aspectos, características e especificidades da literatura infantil já que sua própria concepção de infância, seu projeto estético endereçado à criança precisa, obrigatoriamente, dialogar com toda a construção ideológica e social sobre a infância na cultura em que se realiza.

1.1 Sobre infância e literatura

Um ponto de partida para a investigação sobre as concepções de infância vigentes na literatura infantil contemporânea, período no qual se insere a produção amazonense, é a constatação da visão adultocêntrica dessas concepções. É preciso admitir que a perspectiva do adulto ao olhar a infância guardará sempre diferença e distância da perspectiva da própria criança e sempre surgirá carregada de idealizações. O autor do livro infantil não consegue desvencilhar-se de sua condição de adulto por mais que tente assumir a perspectiva do seu leitor no momento da criação do texto. A natural condição de dependência infantil (física, psicológica, material, afetiva etc.) torna desafiadora para o adulto a construção de uma relação igualitária, imparcial com a criança, sucumbindo o adulto à manipulação e ao autoritarismo diante da real necessidade de formação e aprendizagem do período infantil que se estabelece, também, quando um adulto se relaciona artisticamente com uma criança.

As representações de que os livros infantis procedem

Deixam transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo[...] E essa propriedade, levada às últimas consequências, permite a exposição de um mundo idealizado e melhor, embora a superioridade desenhada nem sempre seja renovadora ou emancipatória. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p.19).

Buscando definir o que é a literatura infantil, num estudo bastante divulgado pelo Programa Nacional de Biblioteca Escolar do Professor, José Nicolau Gregorin Filho (2009) afirma que uma literatura infantil existe apenas no nível da manifestação textual. A literatura infantil nada mais é do que uma vestimenta, uma roupa infantil que os enunciadores adultos colocam na literatura para que possa ser lida e aceita como infantil pelos adultos-mediadores e pela própria criança, que acaba assumindo a idealização da infância e a dicotomia *mundo adulto X mundo infantil* que a sociedade apresenta a ela em seu processo educativo. Tal

vestimenta tem sido construída desde que a pedagogia propôs que se publicassem textos adequados a um mundo da criança, construído histórica e ideologicamente. Essa vestimenta seria composta de uma espécie de cardápio de elementos de subcomponentes textuais identificados como infantis:

A existência desse relacionamento intertextual – o diálogo entre textos – cria a possibilidade de entender a literatura infantil como sendo aquela que contém em sua manifestação textual espaços, personagens e tempos constantes de outros textos, não somente no que se refere à pararealidade conseguida com a releitura do mundo, mas também à crença de que existe um universo infantil, tendo como sujeitos enunciadorees indivíduos apropriados de um “saber adulto”. (GREGORIN FILHO, 2009, pp. 18-19).

Segundo o autor, as crianças continuam lendo as mesmas coisas que os adultos, como acontecia antes do surgimento da pedagogia e da criação do universo infantil, só que agora os temas surgem nessa roupa confeccionada ao longo da história. A roupa infantil da literatura tende a mascarar os valores criados pela sociedade: “Tem-se, então, a manutenção do pensamento dominante na sociedade sendo feita por meio de um mecanismo que disfarça o caráter doutrinário encontrado em discursos como o religioso e o político, pelo mito que se construiu de literatura infantil” (GREGORIN FILHO, 2009, p.21).

O ponto que mais interessa nesse postulado de Gregorin Filho é o desmascaramento que proporciona sobre as implicações – redutoras ou potencializadoras – da construção ideológica da infância que determina a produção da literatura infantil.

Confronta-se assim, novamente, a realidade de que a produção literária para crianças se pauta pelo conceito construído histórica e culturalmente pela sociedade, tanto de infância como de qual a função da literatura “vestida” como infantil.

O conceito de criança nem sempre foi o mesmo. Aliás, Regina Zilberman (1982, p.39) afirma ser a literatura infantil um “gênero incompreensível sem a presença de seu destinatário, a literatura infantil não pôde surgir antes da infância”. Sendo assim, apenas quando a criança passa a ser percebida como um ser diferente do adulto – e não apenas uma “miniatura” dele – com necessidades e características próprias é que começam a surgir produtos culturais endereçados particularmente a ela com a função de prepará-la para a vida. Antes disso, a criança acompanhava a vida social do adulto, participando também de sua literatura. Apenas em meio à Idade Moderna, com a ascensão da burguesia e o

estabelecimento de uma nova noção de família a partir de um núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade e propriedade, estimulando o afeto entre seus membros, é que surge uma definição do que seria a infância e qual a função do adulto em relação a essa infância.

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão. (ZILBERMAN, 1982, p.15).

A constituição e manutenção desse estereótipo da família burguesa, com uma divisão bem definida de funções na qual cabe ao pai o provimento econômico e à mãe a administração da vida doméstica privada, ambos dedicados ao atendimento integral dos filhos, torna-se a finalidade existencial do indivíduo. A criança, portanto, passa a receber um prestígio social antes inexistente. Porém, contraditoriamente, tal prestígio reforça a condição de dependência e submissão da criança.

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária. Todavia, a função que lhe cabe desempenhar é apenas de natureza simbólica, pois se trata antes de assumir uma imagem perante a sociedade, a de alvo da atenção e interesse dos adultos, que de exercer uma atividade econômica ou comunitariamente produtiva, da qual adviesse alguma importância política e reivindicatória. Como decorrência, se a faixa etária equivalente à infância e o indivíduo que a atravessa recebem uma série de atributos que o promovem coletivamente, são esses mesmos fatores que o qualificam de modo negativo, pois ressaltam, em primeiro lugar, virtudes como a fragilidade, a desproteção e a dependência. (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p. 17).

É nesse contexto que se desenvolve uma nova noção de escola, a serviço da nova ordem social que se estabelecia: “Tendo sido facultativa, e mesmo dispensável até o século XVIII, a escolarização converte-se aos poucos na atividade compulsória das crianças, bem como a frequência às salas de aula, seu destino natural” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007,

p.18). Uma vez que se concebe a criança como um ser frágil e despreparado, é fundamental que escola e família se dediquem a prepará-la para o enfretoamento maduro do mundo.

A noção, ou melhor, noções, que temos de criança hoje em dia são vinculadas a essa idealização burguesa de infância, principalmente no que diz respeito à concepção da criança como um ser diferenciado por sua condição de ser em desenvolvimento, com mais necessidades que possibilidades de ação social e por sua imaturidade intelectual e afetiva que demanda, do adulto, cuidados especiais para sua proteção e desenvolvimento adequados. A partir desse momento histórico, a infância corporifica dois sonhos do adulto: em primeiro lugar porque encarna o ideal do “bom selvagem”, cuja naturalidade é preciso conservar enquanto o ser atravessa o período infantil. Em segundo lugar, porque sobre a criança o adulto pode expandir seu desejo de superioridade mantendo sobre ela um poder inquestionável.

São as instituições encarregadas do atendimento aos jovens que projetam e propagam esta imagem da infância: a literatura infantil passou a ocupar ao lado da escola e da família um papel fundamental na formação dos indivíduos. Mesmo postulando o ideal de que a literatura infantil deva ser antes de tudo, arte, e que em nada difere da outra literatura (sem adjetivos), a sociedade espera que o papel de formação, seja do gosto, seja da capacidade crítica e criativa até a aquisição de conhecimentos assuma, na produção literária para crianças, uma marca fundamental.

Abordando a questão do conceito de infância para, a partir dela, delimitar o conceito de literatura infantil, Peter Hunt (2010) aponta como essencial ter em conta a multiplicidade de concepções de infância ante a análise de obras dedicadas a crianças.

Em suma, a infância não é hoje (se é que alguma vez foi) um conceito estável. Por conseguinte, não se pode esperar que a literatura definida por ela seja estável [...], pois os conceitos de infância vão alterar radicalmente o texto e são muito mais instáveis que os conceitos referentes aos adultos [...] a cultura do livro toma decisões sobre a infância, e em diversos sentidos a cria ou a destrói. (HUNT, 2010, pp.94-95).

Philippe Ariès (1986), no estudo sobre a história da infância, que se tornou referência para quem se debruça sobre o tema, afirma que a infância foi uma invenção da modernidade, constituindo-se numa categoria social construída recentemente na história da humanidade. Para ele a noção de infância como um período particular da vida humana – que ele chamou de sentimento de infância – não foi um processo natural, mas o resultado de um longo processo

histórico. Até o final da Idade Média a criança só recebia uma atenção diferenciada até um desmame tardio, por volta dos sete anos de idade. A partir daí, quando podia dispensar os cuidados da mãe, ela participava da vida dos adultos em todas as suas manifestações: no trabalho, nas execuções, nas festas, nas guerras etc. Sendo assim, participava também de todas as manifestações culturais comuns a todos: os cantos, os jogos e as narrações de histórias etc. Porém, mesmo participando de forma igualitária da vida dos adultos, a criança era excluída das decisões.

Ariés demonstra que os séculos XVI e XVII esboçaram uma noção de infância centrada na inocência, na pureza e na fragilidade infantil. O século XVIII inaugurou a construção da infância moderna com a noção de liberdade, autonomia e independência que marcariam essa etapa da vida que deveria ser logo ultrapassada para que o indivíduo se tornasse rapidamente produtivo e colaborasse com a comunidade. Por outro lado, a sociedade projetava na criança a imagem da pureza, do homem ideal não corrompido, do período por excelência da vida humana, o qual o adulto irremediavelmente perdeu. Sendo assim, é necessário proteger sua inocência, reafirmando sua fragilidade.

Instaura-se assim uma ambiguidade no conceito de infância que, a despeito das mudanças sociais através do tempo, sempre a acompanhará e, conseqüentemente, a todas as ações ou produtos culturais destinados à criança.

Zilberman afirma a esse respeito que essa concepção contraditória de infância foi uma elaboração do adulto diante do sentimento de perder ou abandonar o período infantil a partir do caráter utópico e idealista atribuído a este.

Enquanto isto, como a criança verdadeira era ilhada, porque tornada alheia aos meios de produção, e comprimida pelos mais velhos, que assim asseguravam seu prestígio e dominação, foi elaborada uma série de atributos, os quais revestiram a qualificação dos pequenos e reproduziram ideologicamente sua diminuição social: a menoridade, a fragilidade física e moral, a imaturidade intelectual e afetiva. É o que leva todo menino, que vivencia diariamente a inferioridade, a querer suplantar essa fase e todo adulto a almejar sua recuperação, após fazê-la passar pelo filtro da idealização. (ZILBERMAN, 1982, pp.18-19).

A problematização do conceito de infância na contemporaneidade exige que se abra espaço para a multiplicidade e a parcialidade das representações desse período de vida. Se o conhecimento não é único, segundo o projeto da pós-modernidade, e sim múltiplo, variável, fragmentado e mutável, inscrito nas relações de poder, é preciso admitir que qualquer

conceituação que se pretenda para a noção de infância não poderá aparecer mais como uma verdade fechada e absoluta. Na verdade, não há uma infância, há várias. Apenas uma breve observação da realidade social brasileira já apresenta, ao menos, dois tipos de infância existindo no mesmo tempo, na mesma sociedade, reunida na escola (que é o principal local de circulação da literatura infantil na sociedade brasileira), num sistema educacional que se pretende universal, no mesmo espaço de convivência.

Neste início de século XXI, pode-se encontrar uma grande variedade de “infâncias” coexistindo nas mais diversas sociedades, desde aquelas que ainda não conhecem as transformações sofridas pela escola e seguem trabalhando como adultos, até aquelas que vivem imersas num mundo puramente tecnológico, também afastadas das atividades lúdicas tão necessárias ao desenvolvimento do ser humano [...] tem-se, desse modo, diferentes crianças em múltiplas realidades numa mesma sociedade e, assim, a escola se torna um espaço de convergência de todas essas realidades. (GREGORIN FILHO, 2009, p.42)

Não existe algo como criança ou infância enquanto realidade única e universal a ser descoberta. Na verdade o que existem são muitas crianças e muitas infâncias, cada uma delas construída a partir de determinados olhares, influenciados por interesses e ideologias que estejam vigorando no tecido social em determinado momento histórico. Nessa perspectiva, a infância deve ser compreendida como um modo particular de se pensar a criança, e não um estado universal, vivida por todos do mesmo modo.

Apesar de a criança ser um conceito infinitamente variado,

Ao falar sobre livros para crianças, algumas generalizações devem ser feitas, ou a linguagem se torna incontrolável, porém não se pode esquecer o fato de que o conceito de criança é um problema sempre presente para a crítica da literatura infantil. (HUNT, 2010, p.291).

Três pressupostos, conforme Hunt, compõem a idealização de infância que será determinante na literatura infantil: a infância como um estado que pode e deve ser manipulado pelo adulto para atingir seu pleno desenvolvimento; a infância como um estado puro, inocente, que precisa ser preservado; a infância como uma série de estados de desenvolvimento. Diferentes combinações desses pressupostos geram diversas formas de conceber a criança para a qual se produz literatura.

Buscando fazer generalizações, como sugere Hunt, sobre concepções de infância que determinam a produção literária infantil a fim de compreendê-la, e investigando esse problema em autores e obras que se tornaram referência obrigatória nos estudos sobre literatura infantil no Brasil, é possível estabelecer duas concepções demarcadas e opostas enformando a produção literária para crianças.

A primeira concepção de infância, nomeada conservadora¹, decorre da cristalização da noção burguesa de infância, ou seja, a criança é um ser frágil e dependente, portanto, passível de proteção e cuidados; a criança conhece pouco do mundo, portanto não é capaz de refletir sobre ele ou discuti-lo, sendo fundamental que o adulto a guie, paulatinamente num processo de aprendizagem definido pelo adulto, para que se torne um ser humano completamente formado. Assim, as características peculiares da criança, como o desenvolvimento físico incompleto, a abertura para a fantasia e a capacidade/necessidade de aprender por meio da brincadeira são usados como meios de inculcar na criança os valores pré-determinados pelo adulto. Nelly Novaes Coelho assim enuncia essa concepção conservadora de infância e sua relação com a literatura infantil:

A criança é vista como um ‘adulto em miniatura’, cujo período de imaturidade (a infância) deve ser encurtado o mais rapidamente possível. Daí a educação rigidamente disciplinadora e punitiva; e a literatura exemplar que procurava levar o pequeno leitor a assumir, precocemente, atitudes consideradas “adultas”. (COELHO, 1987, p.7).

A segunda concepção, chamada emancipadora, não concebe a criança como um “vir a ser”, mas como um ser que “já é”, mesmo que vivenciando um período particular de desenvolvimento. A fragilidade física não se volta contra a criança, mas é motivo de discussão sobre suas possibilidades e seu próprio desenvolvimento; a falta de conhecimento e experiências acerca do mundo não é justificativa para a segregação de temas e imposição de valores, mas motivos para o exercício e o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de crítica. A abertura à fantasia e ao lúdico é o espaço do diálogo, da identificação entre a criança

¹Essa concepção tem sido nomeada de diferentes formas por alguns teóricos. Zilberman chama essa concepção mais tradicional e cristalizada de infância de “conservadora” em oposição a uma concepção que seria “emancipadora”. Coelho a chama de “tradicional” em oposição ao que ela chama de “novo valor” na literatura infantil. Cunha, ao se referir a essa forma de conceber a criança a define como uma concepção “pedagógica”. Optei pelos termos conservador e emancipador para definir as concepções de infância por remeterem imediatamente à função social esperada da literatura infantil ao se conceber a infância de tal modo.

e o mundo, e fonte de prazer e beleza. “A criança é vista como um ser-em-formação, cujo potencial deve desenvolver-se em liberdade, mas orientado no sentido de alcançar total plenitude em sua realização” (COELHO, 1987, p.10).

Os limites entre uma concepção e outra não são tão demarcados na realização concreta dos textos como na teoria, mas é possível verificar a incidência maior ou menor dessas concepções na criação literária, principalmente no que diz respeito à função social atribuída (ou praticada) pelo autor à sua literatura infantil que vai determinar o percurso da criação literária da obra.

Discutindo o estatuto da literatura infantil, Regina Zilberman (1982) salienta esse caráter dual da literatura infantil em relação a seu público leitor: por seu vínculo histórico com a pedagogia – visto que literatura infantil e escola provêm de uma gênese comum, qual seja: estar a serviço das necessidades de manipulação/formação da infância da família burguesa – foi-lhe sempre imputado um estatuto menor, quando não inexistente, perante a arte literária: “Como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p. 11). Por outro lado, ela supera a aparente inferioridade de seu estado exatamente por uma sua peculiaridade artística, ou seja, pelo fato de não conhecer fronteiras estéticas, já que não é determinada nem pela forma (verso ou prosa, novela ou conto), nem por um tema específico, passeando livremente entre o realismo e o maravilhoso e admitindo modalidades próprias, como o conto de fadas, a fábula e outras histórias com animais. Além disso, incorpora ao texto a ilustração tornando-se uma manifestação literária única exatamente por carregar esse diálogo intersemiótico em sua constituição. Segundo Zilberman,

Em vista disto, explicita-se a duplicidade congênita à natureza da literatura infantil: de um lado percebida sob a ótica do adulto, desvela-se sua participação no processo de dominação do jovem, assumindo um caráter pedagógico, por transmitir normas e envolver-se com sua formação moral. De outro, quando se compromete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que lhe facilita a ordenação de experiências existenciais, através do conhecimento de histórias, e a expansão de seu domínio linguístico. (ZILBERMAN, 1982, p.14).

Nelly Novaes Coelho discute essa duplicidade de tendências da literatura infantil quando afirma que um dos primeiros problemas a suscitar polêmica no âmbito da literatura infantil quanto à sua forma ideal foi exatamente a definição de sua natureza específica: a

literatura infantil pertenceria à arte literária ou à área pedagógica? Mas para a autora, essas duas atitudes conflitantes não são gratuitas, resultam da indissolubilidade que existe entre a intenção artística e a intenção educativa, incorporadas nas próprias raízes da literatura infantil. Conseguir um equilíbrio entre as duas tendências – literária e pedagógica – seria o ideal da literatura infantil, visto que elas só se excluem quando se radicalizam:

Felizmente para equilibrar a balança, há já uma produção infantil e juvenil de muito bom nível, que conseguiu, com rara felicidade, equacionar os dois termos do problema: literatura para divertir, dar prazer, emocionar... e que, ao mesmo tempo, ensina novos modos de ver o mundo, de viver, pensar, reagir, criar... E principalmente se mostra que é pela invenção da linguagem que essa intencionalidade básica é atingida. (COELHO, 1987, p.27).

Maria Antonieta Antunes Cunha (1988) também confronta a dualidade gerada pelas diferentes concepções de infância que podem condicionar a literatura infantil a um caráter puramente pedagógico. A autora teoriza sobre a literatura infantil buscando resposta a esta indagação: seria a literatura infantil uma traição ao leitor-criança, na medida em que seu discurso reflete um encaminhamento da infância, que não tem voz nesse discurso e não pode posicionar-se? Segundo ela a pergunta só seria pertinente se se considerar que as obras com claro comprometimento pedagógico são literatura. A autora observa que em obras desse tipo há uma redução da criança à concepção de que a criança é, simplesmente, um ser educável, subestimando-se toda a complexidade do que seja a infância.

Muitas obras feitas para crianças e ditas de literatura infantil não se desprendem de uma peculiaridade do discurso pedagógico: a redução da criança, notadamente pela facilitação artística (puerilidade) e pelo tom moralizador. Nesse caso, temos uma pretensa literatura infantil, exatamente como, dentro da produção artística para adultos, existem lamentáveis equívocos: há maus romances, maus poemas, maus contos. E ninguém invalida a literatura por isso. (CUNHA, 1988, p.22).

Por outro lado, Cunha mostra que, quando o adulto percebe a criança como um ser complexo e completo, embora ainda em desenvolvimento, ou seja, atravessando um período em que perspectivas e expectativas são maiores que as possibilidades de realização, a literatura criada por ele para seu leitor-criança não se configura uma traição porque acredita e

aposta na liberdade/capacidade da criança de estabelecer suas relações com o mundo também através da linguagem literária.

A literatura infantil enquanto manifestação artística não é traição: apesar de ser sempre o adulto a falar à criança, se ele for realmente artista, seu discurso abrirá horizontes, proporrá reflexão e criação, estabelecerá a divergência, e não a convergência. E suas verdadeiras possibilidades educativas estão aí. (CUNHA, 1988, p.23).

Maria Antonieta Cunha apresenta, na problematização da literatura infantil, outro ator, também este adulto, que se coloca como o quarto elemento fundamental na constituição da cena literária infantil: o mediador do encontro entre o texto, enunciado por um autor adulto, e a criança-leitora. Essa mediação é operada pelos pais e professores responsáveis pela educação da criança. O grande dilema da literatura infantil, segundo Cunha, está no erro de perspectiva do adulto ao lidar com a obra literária. Para ela é fundamental que o adulto-mediador saiba distinguir entre as duas tendências para as quais livros endereçados à infância podem pender e, por consequência, encaminhar o encontro adequado entre a criança e o livro de acordo com cada tendência, visto que ambas coexistem e são igualmente necessárias à formação completa da criança:

Infelizmente para a literatura, sua matéria-prima – a palavra – não lhe é exclusiva: ela serve tanto à informação quanto à arte. Isto não acontece com as outras artes, cuja matéria-prima é imediatamente identificada com sua expressão artística: o som, para todos, liga-se à música; as cores, à pintura – e assim por diante [...] Ora, lidamos na escola ou na família com a palavra-arte como se ela fosse palavra-informação. Trabalhamos com a literatura do mesmo modo que com a Matemática, ou a Geografia: não distinguindo objetivos diferentes, não usamos estratégias diferentes, para as duas espécies de palavra. (CUNHA, 1998, pp. 41-42).

Maria Antonieta Cunha distingue duas espécies de livros infantis, não considerando, para efeito de estudos, literatura infantil as obras com teor informativo, didatizante, moralizador. No entanto, essa parece uma solução simplista e uma vez que se verifica na vastíssima e crescente produção contemporânea a coexistência das duas tendências na produção que se autoidentifica indistintamente literatura infantil. Por isso, parece mais coerente, diante da investigação que se pretende fazer, não enveredar pelo caminho da

exclusão ou da classificação do que seja ou não literatura infantil no conjunto de obras produzidas para a infância no Amazonas nas três últimas décadas, mas, considerando toda essa produção, verificar as concepções de infância e de literatura infantil nessa produção.

Na perspectiva de uma concepção conservadora de infância, a literatura infantil é, preponderantemente, a expressão da *palavra-informação*² em que a função da literatura infantil deve ser formativa e informativa, portanto atendendo à necessidade de instrução da criança, ao mesmo tempo em que atende sua necessidade pela fantasia, pela distração, pela ludicidade e pelo desenvolvimento de sua imaginação e criatividade.

Na perspectiva de uma concepção emancipadora da criança, a literatura infantil é, ao contrário, a expressão da *palavra-arte* em que a literatura infantil não é exclusivamente informação, mas pluralidade de significados, possibilitando múltiplas interpretações e possibilidades de fruição, como, ademais, é a função de toda outra obra de arte: fonte de conhecimento, reflexão e prazer estético consistindo, justamente nisso, sua função formativa e emancipadora.

Visto que o objetivo desta pesquisa é compreender a literatura infantil produzida no Amazonas e sabendo-se que “via de regra”, a eventual *opção* do escritor em relação a uma dessas atitudes básicas, não depende exclusivamente de sua decisão pessoal, mas da tendência predominante de sua época”, (COELHO, 1987, p. 26), será importante analisar qual tendência é predominante na produção amazonense, e a partir de que contexto pode ser explicada. Tal análise aparecerá posteriormente neste trabalho, quando trataremos de investigar a questão das concepções de infância nas obras de literatura infantil produzidas no Amazonas. Antes disso, passamos a traçar o percurso histórico da literatura infantil no Brasil a fim de contextualizar a produção local no panorama nacional.

1.2 Percurso da literatura infantil no Brasil

A literatura infantil no Brasil é uma manifestação literária muito recente, principalmente para quem considera que apenas a partir de 1895, com a publicação de *Contos da Carochinha*, de Alberto Figueiredo Pimentel, é que se pode falar em uma produção

²Os termos “palavra-informação” e “palavra-arte”, cunhados por Maria Antonieta Cunha serão usados para designar as duas funções sociais assumidas pela literatura infantil e que estão ligadas às concepções conservadora e emancipadora de infância.

autenticamente nacional de livros para crianças. Muitos dos estudos – esses recentíssimos – voltados especificamente para a literatura infantil ainda se detêm exatamente em compor o percurso histórico dessa produção. Diferentes caminhos e formas se têm encontrado para relatar e interpretar tal percurso, entre eles, acredita-se poder afirmar que o percurso ou evolução da literatura infantil brasileira pode ser entendido como uma evolução da alternância entre as duas tendências que a tem definido historicamente: a tendência pedagógica e a literária; ou como venho usando neste trabalho, a prevalência da *palavra-informação*, tendência vinculada à concepção conservadora de infância, ou da *palavra-arte*, decorrente da concepção emancipadora da infância, como expressão do que seja a literatura infantil.

Nesse sentido, não será prioridade aqui traçar um registro histórico, com datas, autores e obras da literatura infantil no Brasil, e sim buscar compreender como as mudanças nas formas de perceber a criança influenciaram as rupturas e continuidades desse percurso.

Maria Antonieta Cunha, apesar de achar prematuro traçar uma história do gênero literário no país, aponta dois momentos bem definidos no percurso histórico, determinados pela mudança de perspectiva dada à criança e pelo contexto sócio-político brasileiro:

No Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias.

Essa fase embrionária da literatura infantil brasileira é representada em especial por Carlos Jansen (*Contos seletos das mil e uma noites, Robinson Crusóé, As viagens de Gulliver a terras desconhecidas*), Figueiredo Pimentel (*Contos da Carochinha*), Coelho Neto e Olavo Bilac (*Contos pátrios*) e Tales de Andrade (*Saudade*).

Com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em alguns personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. (CUNHA, 1988, p.20).

Cunha observa que mesmo compondo obras marcadamente didáticas, Lobato escreve outras de exploração do folclore ou de pura imaginação, com ou sem aproveitamento de elementos e personagens da literatura infantil tradicional. Outra novidade introduzida por Lobato, e que demonstra uma nova forma de perceber e se relacionar artisticamente com a infância, foi a introdução do questionamento e inquietação intelectual atribuída aos personagens crianças, a preocupação com as questões nacionais ou os grandes problemas mundiais, temáticas expressas numa língua marcada pelo aproveitamento do dialeto

brasileiro, bem mais próximo das crianças. “O escritor de Taubaté estava abrindo caminho para muitos escritores de talento, que, sobretudo na última década, vêm criando uma respeitável obra endereçada à criança”. (CUNHA, 1988, p.20). Apesar disso, Cunha observa que a então recente produção literária para crianças ainda se ressentia da excessiva preocupação pedagógica, fato que ainda corresponde à realidade da atual produção, mesmo quando já consolidou a preocupação estética como legitimadora e condição indispensável nos livros de literatura infantil.

Gregorin Filho (2009), ratificando a elaboração já consagrada de que a história da literatura infantil brasileira divide-se em dois momentos distintos, o período fundador anterior a Lobato e o momento atual, pós lobatiano, chama a atenção para o fato de que a história da literatura infantil vincula-se, de certa forma também, à história das práticas pedagógicas que foram se impondo na educação brasileira, libertando-se gradativamente da imposição puramente pedagógica. Apesar dessa libertação, a literatura manteve uma relação muito íntima com a escola, visto que, enquanto produto cultural de consumo, é na escola que a literatura infantil se realiza plenamente, já que são as bibliotecas escolares a via de acesso à literatura mais importante, quando não única, da maior parte da população infantil brasileira.

Adota-se aqui a organização do percurso histórico, proposta pelo autor, em quatro momentos bem demarcados da história da literatura infantil no Brasil, em relação a alguns dos principais fatores histórico-sociais e às práticas pedagógicas vigentes em cada período. Eles são: a) Período dos Precursores; b) Período de Monteiro Lobato; c) Período Pós-Lobato; d) Período Contemporâneo.

O primeiro período que vai do Brasil-Colônia até a década de 1920, é o período dos precursores. Um período que vai da absoluta falta de preocupação com um projeto educativo formal no país até as primeiras iniciativas de organização e sistematização da instrução pública. Na educação e na prática de leitura no Brasil os paradigmas vigentes eram o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com seus modelos de cultura a serem imitados e o moralismo religioso. Todos esses paradigmas eram nada mais que o reflexo dos padrões europeus que se encontravam e confrontavam com os valores de um país que lutava pela busca de sua identidade e procurava ser valorizado enquanto nação. Os livros destinados à infância eram basicamente traduções e adaptações de obras europeias em que abundavam as fábulas, os contos de fada maravilhosos, as novelas de aventura e de cavalaria e livros de leitura, organizados como seletas, de circulação específica nas escolas. A criança era

vista “como um indivíduo pronto para receber a educação como dádiva, como caráter divino, e amar sua pátria como berço e fonte inesgotável de benevolências.” (GREGORIN FILHO, 2009, p.28). A literatura infantil se definia como um instrumento pedagógico pautado pela exemplaridade e pela doutrinação.

O segundo período, da década de 1920 a meados da década de 1980, é um momento fundamental para a literatura infantil, momento de ruptura operada pela produção de Monteiro Lobato. Ele inaugura uma nova literatura infantil brasileira, literatura que ainda passaria por inúmeras transformações e experimentações, por uma ditadura militar e por drásticas e velozes mudanças na tecnologia e na sociedade.

Leonardo Arroyo (1968), em estudo pioneiro sobre a literatura infantil brasileira - *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes* -, já estabelece o “gênio” de Lobato como marco fundamental da história literária brasileira.

Embora estreando na literatura escolar com *Narizinho arrebitado*, Monteiro Lobato trazia já com seu primeiro livro as bases da verdadeira literatura infantil brasileira: o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e linguísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar, fase essa expressa, geralmente, em um português já de si divorciado do que se falava no Brasil. (ARROYO, 2011, p. 281).

O aspecto mais inovador da proposta literária de Lobato foi que:

A criança passa a ter voz, ainda que uma voz vinda da boca de uma boneca de pano, Emília. A contestação e a irreverência infantis sem barreiras começam a ter espaço e a ser lidas, e adquirem maior concretude com as ilustrações das personagens do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. (CUNHA, 1988, p.28).

Além disso, Lobato apresenta temas nunca explorados no universo literário para crianças, como a preocupação com problemas sociais, soluções idealistas e liberais para esses problemas e o questionamento da religião e dos valores tradicionais, para citar alguns.

Com Lobato os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento de inúmeros problemas concretos do país e da humanidade em geral. Ele desmistifica a moral tradicional e prega a verdade individual. Instaura, portanto, a liberdade. Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre a realidade e a fantasia, que ela pode ser agente de transformação. (SANDRONI, 2011, p.54).

A criança, ainda que sujeita ao processo educativo determinado ideologicamente pelo adulto, começa a ser percebida como uma realidade mais complexa, capaz de reflexão e crítica. A literatura infantil continua sendo, nesse período, um instrumento pedagógico, mas começa a expandir suas fronteiras e lança as bases para sua existência “independente” da escola, por introduzir e representar o relativismo de valores presentes na sociedade às crianças.

A obra de Lobato teve tanta importância e obteve tanto sucesso de público em sucessivas reedições que durante muito tempo, depois de 1920, a literatura infantil brasileira permaneceu semiestagnada, oscilando entre várias e frustradas tentativas de imitação da obra lobatiana, a permanência das fórmulas tradicionais do período anterior, agora menos aceitas pelo público e o aparecimento de autores que souberam imprimir sua originalidade e escreveram livros que se mantêm até hoje no catálogo das editoras. Autores como Menotti Del Picchia, Malba Tahan, José Lins do Rego, Viriato Correia, Érico Veríssimo, Orígenes Lessa, Lúcia Machado de Almeida, Maria José Dupré, entre outros.

Em maior ou menor grau, eles realizaram obras nas quais o imaginário e o lúdico encontraram uma linguagem adequada para expressar-se, abordando temas históricos ou de inspiração folclórica, ou ainda criando aventuras maravilhosas. (SANDRONI, 2011, p.62).

Segundo Laura Sandroni, a partir de 1970 algumas modificações começam a ser notadas com o aparecimento de novos autores e uma grande diversificação da produção para atender ao crescimento do público leitor criado pela lei de reforma do ensino que obrigava a adoção de autores brasileiros nas escolas do, então, ensino de primeiro grau. Novamente a literatura infantil se vê intimamente ligada ao sistema de ensino. Se por um lado esse fato põe em risco a leitura como fonte de prazer e fruição quando o poder de decisão e escolha do professor poderia levá-lo a oferecer às crianças textos com intenção puramente didática, por

outro lado propiciou o clima favorável para o aparecimento de muitos autores que, seguindo o rastro aberto por Lobato, vêm produzindo obras sem perder de vista o lúdico, o imaginário, o humor, a preocupação com a linguagem inovadora e poética levando a criança-leitora à reflexão e à crítica.

A grande revolução operada por Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira poderia ser expressa com uma imagem: a produção de livros para crianças até 1920 se apresentava como um adulto que carrega uma criança no colo. Além de expressar proteção e cuidado, segurar a criança no colo põe em relevo a fragilidade e a incapacidade da criança de se sustentar com os próprios pés; além disso, no colo do adulto a criança não tem liberdade de olhar na direção que desperta sua atenção, mas está sujeita a olhar apenas a direção que o adulto aponta e essa direção é sempre marcada por uma visão idealizadora, porque simplista, para não dizer pueril, de mundo. É então que Lobato pega a criança e a põe em pé, no chão, a seu lado. Indo além, o adulto Lobato é que se inclina para alcançar a perspectiva da criança e, a partir daí, continuar apontando não uma, mas muitas formas de ver o mundo. Ele constata e aposta naquilo que os demais autores ainda não tinham percebido: a criança é um ser inteligente e capaz de juízos críticos. Disso é que decorre sua postura inovadora: a relação de respeito – e não de dominação – que tem com seu jovem leitor.

Diferentemente dos autores que o antecederam, adultos falando aos pequenos, Lobato prefere fazer como Dona Benta: senta-se na cadeira de pernas serradas e, desse ângulo de visão, procura enxergar o mundo pelo olhar da criança. Despe a linguagem dos adornos desnecessários (a “literatura” que é preciso extirpar com raspadeira, como diria em carta a Rangel), abdica do autoritarismo e do tom prelecionista próprios do adulto que fala à criança e deixa a imaginação aflorar, com o “faz de conta” dominado a ação. (SILVA, 2009, p.111).

Numa famosa carta ao editor Godofredo Rangel, referida por Arroyo (2011, p.295), o próprio Lobato explicita seu projeto de literatura infantil: “De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo [...] ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar”. Essa afirmação além de revelar certa desilusão com a realidade adulta que o cercava, deixa entrever a idealização da infância que permeia a obra de Lobato quando elege a infância como sua principal interlocutora: a criança é vista como a única possibilidade de modificação do mundo. Ele escreve para uma geração que pode e deve mudar o futuro e a literatura infantil deve influir na formação de um Brasil

melhor através das crianças. Apesar de representar uma mudança significativa em direção à superação da concepção conservadora de infância, a visão de Lobato ainda é problemática, pois representa não a criança concreta, do presente, mas idealiza uma criança que é a esperança de mudança no futuro, subestimando todos os outros fatores que determinam e influenciam a transformação dessa criança em adulto e que podem frustrar a excessiva “esperança” e responsabilidade colocada sob os ombros das crianças. Apesar de ocorrer por um viés diferente, a concepção de infância encontrada em Lobato filia-se ainda à idealização burguesa de infância como um lugar ideal de pureza e possibilidades. Justamente por isso, o projeto de literatura infantil de Lobato continua justificando o tom didatizante e a prevalência da *palavra-informação* em muitas de suas obras.

Mesmo assim, foi justamente da geração dos que cresceram lendo Lobato que surgiram os maiores e melhores escritores da literatura infantil atual. Escritores que, como Lobato, respeitam o leitor-criança, apostam na sua inteligência e o estimulam a pensar, a discutir, a exercitar um olhar crítico em relação ao mundo.

Podemos apontar diversas características temáticas e formais que têm suas raízes no Sítio do Picapau Amarelo e que constituem o legado de Lobato à literatura infantil brasileira. Na produção contemporânea, vemos Lobato emergir da escritura dos mais significativos autores. Ele se faz presente na linguagem coloquial de Lygia Bojunga, no olhar questionador dos personagens de Ana Maria Machado, no humor de Ruth Rocha, só para citar os canônicos. Como o Sítio do Picapau Amarelo, são mundos “sem coleiras” que os bons autores de hoje nos revelam em suas histórias. (SILVA, 2009, p.107).

Retomando a imagem anterior, observa-se que o fato de Lobato ter tirado a criança do colo colocando-a de pé no chão permitiu o estabelecimento de uma nova postura que pode ser apontada como a tendência mais importante da produção contemporânea de literatura infantil: adulto e criança colocam-se agora frente a frente, numa posição dialógica e mantendo as especificidades de suas condições de maturidade e infância, podem compartilhar e descobrir diferentes formas de ver o mundo através da literatura.

O terceiro período da literatura infantil brasileira, de meados de 1980 a meados de 1990, é denominado por Gregorin Filho como período pós-lobato, por ser marcado pela forte influência das inovações introduzidas por Lobato e pelo experimentalismo que se instaura, por causa disso, na produção de livros para crianças. Esse experimentalismo se firma a partir das influências da abertura política na concepção de educação, que abala e demanda reformas na

Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional de 1961, a partir das novas formulações da Pedagogia e da Psicologia com relação à infância. A literatura se mostra inquieta e questionadora abordando questões cotidianas e mais realistas. Há uma busca pela aproximação com o leitor-criança através do aguçamento da curiosidade do leitor e do estabelecimento do dialogismo no texto. Além disso, o apelo à visualidade começa a impor sua força na determinação da especificidade da literatura infantil. É o momento em que a literatura para crianças e jovens “mostra um mundo em construção para uma criança que passa a ser vista como um ser em formação” (GREGORIN FILHO, 2009, p.32) e não mais como um ser passivo e manipulável pela simples imposição de valores e ideias.

O último período, chamado de contemporâneo, que vai de meados de 1990 até a atualidade, é apontado como o momento em que se encontra consolidada uma produção literária para as crianças que não nasce para se tornar mero recurso pedagógico, mas cujas principais funções são o lúdico, o catártico e o libertador, além do cognitivo e do pragmático, já que visa a preparar o indivíduo para a vida num mundo repleto de diversidades. Os autores contemporâneos, ao menos a maioria deles,

Trazem as vozes das crianças e o universo cotidiano com seus conflitos para serem lidos/vistos/sentidos na literatura infantil de hoje, conflitos esses levados às crianças com uma proposta de diálogo, não somente de imposição de valores, por meio de uma literatura que busca a arte, sua característica primeira. (GREGORIN FILHO, 2009, p.30).

É possível afirmar que a gangorra do percurso histórico da literatura infantil alcançou certo equilíbrio, movendo-se o balanço do polo da pedagogia em direção ao polo da literatura, quando a *palavra-arte* se impôs como valor inerente à literatura infantil. Para alguns esse equilíbrio seria o ideal da literatura infantil, enquanto outros postulam que só haverá, de fato, uma literatura infantil quando todo e qualquer comprometimento com a pedagogia tenha sido superado. Talvez nunca se estabeleça uma fórmula ideal e definitiva para o que seja ou deva ser a literatura infantil, até porque as concepções de infância tendem a se modificar afetando a literatura voltada a ela.

1.3 Tendências da literatura infantil brasileira contemporânea

A literatura de livros para crianças no Brasil apresenta um crescimento expressivo e constante nas duas últimas décadas. Marisa Lajolo (2010) apresenta dados que informam que, em 2008, o lançamento de livros de literatura infantil – 6.409 títulos publicados – superou a quantidade de livros destinados a adultos – 4.455 – no mesmo ano. É um crescimento que se deve a vários fatores de ordem econômica e social, como o aprimoramento das editoras, a profissionalização de escritores e ilustradores, a adoção pelas escolas e as compras de livros por programas de leitura do governo. Tudo isso configura o livro infantil como um objeto de consumo, portanto um produto que circula no mercado e que, apesar de endereçado à criança, depende do consumidor adulto, que é o mediador na relação criança-livro. Esse fato condiciona a permanência da tensão entre a *palavra-arte* e a *palavra informação* permeando todo o mercado e estabelecendo o aparecimento de uma diversidade enorme de gêneros e tendências, opções temáticas e estilísticas, com maior ou menor valor estético.

No Brasil contemporâneo, o exame da literatura produzida dá conta de esclarecer bem a polaridade defendida, literatura-arte *versus* literatura degradada. Basta comparar obras de quilate, produzidas por Ruth Rocha, por exemplo, com a pseudoliteratura temática, veiculada na porta das escolas, espécie de livros de autoajuda, que pretendem sanar problemas estruturais da sociedade, como a violência e a droga, por meio de um palavreado insosso, sem nenhum valor literário. Não confundamos, pois, livros preparados exclusivamente com o intuito de agradar o público, de forma indiscriminada e aligeirada, por detrás dos quais se esconde o vil mercado livreiro, com a literatura produzida cuidadosamente por grandes escritores, no Brasil e no mundo. (SOUZA, 2010, p.16).

Nelly Novaes Coelho, sem entrar no mérito da valoração ou gradação de valor da produção atual – postura adotada também na presente investigação – afirma que para além dessa diversidade de caminhos impostos pelo “espírito do tempo”, há um denominador comum que perpassa o emaranhado de tendências das diferentes produções: “o *espírito lúdico* (peculiar ao brasileiro) e a busca/afirmação da *identidade cultural brasílica* (língua, linguagem, diferenças regionais, etc.)”. (COELHO, 2010, p.288).

Buscando sistematizar as tendências que marcam a literatura infantil contemporânea, Coelho distingue três linhas de intenções dessa produção: a realista, a fantástica e a híbrida.

A linha realista é a expressão da realidade cotidiana, tal qual é percebida pelo senso comum. Essa linha atende a diferentes objetivos, quais sejam: a) testemunhar o mundo

cotidiano, concreto, familiar e atual com o qual o jovem leitor pode se identificar imediatamente. Esse objetivo está indissociavelmente ligado à necessidade de adaptar a criança ao mundo adulto; b) informar sobre costumes, hábitos ou tradições populares de diferentes regiões do Brasil; c) apelar para a curiosidade e a argúcia do leitor, explorando enigmas ou aparentes mistérios de acontecimentos que rompem a rotina cotidiana; d) preparar psicologicamente os pequenos leitores para enfrentarem as dores e os sofrimentos da vida. São livros que têm como problemática temas eternos como a morte; ou temas mais recentes e também dolorosos, como, a separação dos pais, as drogas, o racismo etc.; Poder-se-ia acrescentar a essa lista de objetivos da linha realista os livros que buscam atender às demandas dos atuais Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que, preocupados com questões que envolvem a pluralidade cultural e étnica do povo brasileiro, lançaram os Temas Transversais como elementos do currículo comum da educação brasileira a serem trabalhados transversalmente nas diferentes disciplinas curriculares. Trata-se de um conjunto de temas de grande relevância para um projeto de educação que visa, entre outros objetivos, a formação de cidadãos realmente capazes de conviver em harmonia, respeitando as diferenças sociais, étnicas e culturais de um país como o Brasil. Entre esses temas destacam-se Ética, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo e Meio Ambiente.

A linha da literatura fantástica apresenta o mundo maravilhoso, criado pela imaginação, e que existe fora dos limites do real e do senso comum.

Nesse universo literário, prevalece a fantasia sobre a razão. As soluções estilísticas escolhidas pelos escritores têm sido as mais diversas: a que opta por personagens animais (dando continuidade aos princípios da fábula); a que se utiliza das descobertas da ciência para criar seus enredos (como a ficção científica); a que transcorre no âmbito do maravilhoso do “Era uma vez...” (em que o espaço e o tempo normais não existem e o inverossímil torna-se verossímil) a que utiliza a Imaginação como símbolo ou intuição do metafísico; etc. (COELHO, 2010, p.290).

Uma terceira linha apontada por Coelho é a linha da literatura híbrida a qual parte do real e, nele, introduz o imaginário e a fantasia, anulando os limites entre um e outro, na linha do Realismo Mágico. É a linha mais fecunda da produção atual, principal legado de Lobato à literatura infantil, que cria, de forma natural, universos mágicos, insólitos ou estranhos dentro da realidade cotidiana e familiar das crianças. Ainda nessa linha da literatura híbrida, destacam-se duas correntes que vêm crescendo em valor literário e importância histórica,

embora tenham se originado como resposta à demanda dos PCNs sobre a formação dos alunos quanto às origens do povo brasileiro. Trata-se das *narrativas indígenas* e *narrativas africanas*. Através de histórias fantásticas recuperadas ou reinventadas de um passado remoto, tais narrativas vão revelando as peculiaridades desses dois povos que acabaram fazendo parte das raízes da história e cultura brasileiras.

Finalmente, Coelho registra como literatura híbrida a recentíssima tendência dos livros-objetos que, além da matéria verbal e visual, agregam outros elementos como sons, *mouses*, gravadores e brinquedos em geral que estimulam o desenvolvimento dos sentidos e das percepções e, em geral, são destinados a crianças bem pequenas.

1.4 A literatura infantojuvenil produzida no Amazonas e a cronologia da literatura infantojuvenil brasileira

Seguindo a periodização proposta por Gregorin Filho para a história da literatura infantojuvenil brasileira³, a literatura infantojuvenil produzida no Amazonas situa-se, cronologicamente, no momento contemporâneo, configurando-se, porém, como uma produção emergente que ainda busca legitimar-se no cenário da cultura local e nacional. Os livros mais antigos levantados durante esta pesquisa datam da década de 1980, quando a literatura infantil no Brasil já contava com um século de existência e já se apresentava como o mercado editorial mais promissor no cenário cultural brasileiro.

Talvez se possa atribuir esse “atraso” à falta de prestígio histórica sofrida pelo gênero e que se reproduziu na realidade local. Além disso, somente quando o Estado do Amazonas começa a desenvolver um contexto editorial sólido, preocupado, entre outras coisas, em diminuir a “ausência” da literatura amazonense no cenário nacional é que se estabelecem as condições necessárias para a abertura em busca de novos públicos para os livros produzidos no Amazonas, entre estes, o promissor público consumidor infantil. É apenas a partir da década de 2000 que a edição de títulos voltados para crianças se torna regular, encontrando na

³Apesar de ser considerada “nacional”, na verdade a chamada literatura infantil brasileira concentra-se em livros produzidos por editoras especializadas em literatura infantil dos estados do sudeste e do sul do Brasil e que têm circulação nacional, garantida, inclusive através dos programas governamentais de incentivo à leitura, incluído aí o Programa Nacional de Biblioteca Escolar.

Editora Valer a principal promotora dessa produção como detentora da quase totalidade das edições.

Outro fator importante para o recente desenvolvimento da literatura infantil no Amazonas foi o aumento do poder aquisitivo das famílias de classe média e o desenvolvimento social brasileiro das últimas décadas, refletido, inclusive na universalização do Ensino Fundamental. Dessa forma, a necessidade de formar leitores (em última análise, consumidores de literatura), entendendo com isso a formação de cidadãos para uma nova organização social, impõe-se como meta a ser promovida também pela escola. Instala-se, de certa forma, no cenário amazonense um contexto sociocultural similar ao que propiciou o surgimento da própria literatura infantil universal:

Numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria. [...] Por outro lado, porque a literatura infantil trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, supõe terem estas passado pelo crivo da escola. Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO, ZILBERMAN, 2007, p.17).

A literatura infantojuvenil no Amazonas apresenta pontos de semelhança e diferença com o cenário brasileiro no momento contemporâneo. Por um lado, ela une-se à literatura infantil brasileira por aquele “denominador” comum apontado por Nelly Coelho, ou seja, por um espírito lúdico que, não obstante uma tendência pedagógica resistente na produção local, impõe-se como condição e característica primeira dos livros infantis; une-se também pela busca da identidade cultural brasílica, que, no caso da literatura amazonense, significa a busca pela resistência e pelo fortalecimento da identidade cultural regional perante os leitores infantis e seu posicionamento diante da diversidade cultural brasileira.

Por outro lado, enquanto no cenário nacional convivem diferentes formas e tendências relacionadas à produção de livros para crianças, em que a tendência pedagógica da literatura infantil não predomina mais, nos livros amazonenses constata-se uma evidente tendência a associar os livros infantis a objetivos educacionais e pedagógicos, com predomínio da *palavra-informação* sobre a *palavra-arte*. Essa tendência pode ser observada tanto na

observação direta das obras, quanto na análise do discurso que é veiculado acerca da literatura infantil no momento de sua apresentação e recepção ao público.

No próximo capítulo pretendo explicar essa constatação, apresentando o processo de operação arquivística realizado durante a pesquisa, no intuito de ampliar as informações necessárias para compor um panorama mais completo da literatura infantojuvenil no Amazonas. Na seleção de textos e documentos que pudessem compor um arquivo de informações sobre a literatura infantojuvenil amazonense, busquei identificar aqueles que permitissem perceber, em primeiro lugar, as funções sociais atribuídas à literatura infantil que vêm motivando o fazer literário para crianças. Além disso, centralizando a busca de informações na figura dos autores que mais editaram livros para crianças desde 1980, objetivo compreender qual ou quais são as tendências da literatura infantil produzida no Amazonas atualmente.

CAPÍTULO 2

Literatura infantil no Amazonas: um desejo impaciente de memória

A literatura infantil no Amazonas encontra-se num momento de fundação, pode-se afirmar. É apenas a partir dos últimos trinta anos que surgem obras escritas no Amazonas ou por autores amazonenses explicitamente endereçadas ao público infantojuvenil. Perceber-me pesquisadora de um objeto de pesquisa quase contemporaneamente ao seu surgimento, desenvolveu em meu processo de análise duas necessidades – ou “pulsões”, no dizer de Derrida (2001) – convertidos ambos em programa de pesquisa: o primeiro desejo, propulsor inicial da pesquisa, é o de descrever, compreender e registrar a literatura infantil produzida no Amazonas, a partir do levantamento e da análise dos títulos publicados e seus respectivos autores; o segundo desejo, nascido e fortalecido no processo da pesquisa, é o de registrar e preservar a história do surgimento da literatura infantil amazonense que, afinal de contas, minha pesquisa testemunha.

Na prática, o desejo de compreender essa literatura infantil confrontou-me com a “impaciência absoluta de um desejo de memória” (DERRIDA, 2001, p.9). E outro sentido da memória, segundo Derrida, é o arquivo. De fato: “O arquivo resulta do investimento de um trabalho sedutor, remédio para o tão temido desaparecimento da memória” (CORACINI, 2009, p. 133).

Em outras palavras, portanto, encontrei-me em busca de *arquivo* entendendo que:

O conceito de arquivo em Derrida não coincide com a definição usual, pois traz uma multiplicidade de sentidos, dos quais procuramos trazer os mais pertinentes. Para o filósofo, arquivo é tudo aquilo que retém em si acontecimentos passados que se deseja reter de forma ordenada, organizada, mas é, ao mesmo tempo, uma substanciação plural de conhecimento histórico, aberto para futuras interpretações, que dependerão sempre das circunstâncias históricas em que se produzirão”. (CORACINI, 2009, p.135).

Sendo assim, o desejo de descrever a literatura infantil produzida no Amazonas inevitavelmente levou-me a realizar uma operação arquivística: a coleção de textos,

entrevistas, prefácios, enfim, documentos que pudessem constituir uma memória da literatura infantil amazonense nascente e, pela memória, indícios de sua identidade no momento histórico do seu surgimento. Foram selecionados para compor tal arquivo três tipos de documentos: 1) Textos (auto)biográficos de autores, inclusive aqueles apresentados como paratextos nos próprios livros infantis; 2) Textos de imprensa (entrevistas com autores, matérias e notícias) veiculados em meios de comunicação impressos ou digitais; 3) Paratextos como prefácios e apresentações encontrados, atipicamente, em muitos livros destinados à infância publicados no Amazonas. Admitido o fato que tal operação arquivística me permitisse constituir um arquivo da literatura infantil amazonense – no sentido dado por Derrida – que servisse à composição de um panorama desta, é preciso examinar como, em tal arquivo, comporta-se o princípio topo-nomológico que define todo arquivo. Conforme Derrida,

Este nome [arquivo] coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, *ali onde* as coisas começam – princípio físico, histórico ou ontológico –, mas também o princípio da lei *ali onde* os homens e os deuses *comandam*, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, *nesse lugar* a partir do qual a *ordem* é dada – princípio nomológico. (DERRIDA, 2001, p.11).

No que diz respeito à instância topológica, a coleção de textos composta não se constitui como um arquivo na concepção usual do termo: um conjunto orgânico de documentos salvaguardados num lugar específico. No entanto, preserva uma condição fundamental do arquivo que é a exterioridade de um lugar, a operação topográfica de uma técnica de consignação: “Não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade”. (DERRIDA, 2001, p. 23). Os documentos selecionados como arquivo desta pesquisa são identificáveis e repetíveis por sua localização paratextual em relação às obras em que figuram, seja nos próprios livros infantis – no caso dos prefácios e dos textos biográficos –, seja como entrevistas ou como material jornalístico promovido pela editora promotora das publicações e que acompanharam a divulgação do lançamento dos livros. O lugar de consignação torna-se, a partir da seleção e localização dos documentos componentes deste arquivo, a própria pesquisa desenvolvida e agora apresentada.

Por consignação não entendemos apenas, no sentido corrente desta palavra, o fato de designar uma residência ou confiar, pondo em reserva, em um lugar e sobre um suporte, mas o ato de *consignar reunindo os signos*. Não é apenas a *consignatio* tradicional, a saber, a prova escrita, mas aquilo que toda e qualquer *consignatio* supõe de entrada. A *consignação* tende a coordenar um único *corpus* em um sistema ou em uma sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal. (DERRIDA, 2001, p. 14).

A instância nomológica deste arquivo, por sua vez, é determinada pelo próprio local de consignação: a pesquisa. O direito e a competência hermenêuticos em relação a tal arquivo emanam da necessidade de produção de um conhecimento qualificado sobre a literatura infantil produzida no Amazonas. Dessa forma, a busca de respostas às questões postas pela pesquisa definiu o critério de seleção, de consignação dos documentos a serem analisados. Entre todos os documentos reunidos buscou-se selecionar os que continham elementos que permitissem responder aos dois questionamentos fundamentais desta pesquisa: a) Que concepção de infância é predominante nas obras infantis produzidas no Amazonas? b) Que função social é atribuída à literatura produzida para crianças?

Um desejo de memória da literatura infantil amazonense levou-me a consignar os documentos do arquivo proposto. Mas se o arquivo existe, ensina ainda Derrida, é porque o esquecimento e a finitude rondam a memória pela impossibilidade de se reviver diretamente a experiência passada:

Pois o arquivo, se esta palavra ou esta figura se estabiliza em alguma significação, não será jamais a memória nem a anamnese em sua experiência espontânea, viva e interior. Bem ao contrário: o arquivo tem lugar em lugar da falta original e estrutural da chamada memória. (DERRIDA, 2001, p.22).

A memória proposta pelo arquivo, então, não deixa de ser uma invenção já que é o produto de uma interpretação que se constrói depois do acontecimento, mesmo quando o arquivista o tenha vivido e testemunhado – como é, em muitos momentos, o meu caso em minha tarefa arquivística. Ou seja,

A memória será sempre interpretação, invenção, ficção, que se constitui *a posteriori* do acontecimento, num momento em que outros já se cruzaram e fizeram história. Por essa razão a memória será sempre incompleta, sempre faltosa, de certa maneira sempre verdadeira e, ao mesmo tempo, mentirosa. (CORACINI, 2009, p.130).

Essa é a contradição interna do arquivo: o “mal de arquivo” como o chamou Derrida. Sendo assim, não seria possível preservar a memória da literatura infantil amazonense através de um arquivo sem, de certa forma, destruir essa própria memória ao classificar, hierarquizar, transformar os dados reunidos, tornando unificado o que é múltiplo, simplificando (tentando, ao menos) o que é complexo, híbrido e heterogêneo em função de uma compreensão totalizante, neste caso, a composição de um panorama da literatura infantil amazonense.

Mesmo assim, a operação arquivística realizada permanece válida, pois o arquivo agora aberto fecha-se apenas provisoriamente. Permanece latente a projeção ao futuro, elemento também constituinte de todo arquivo, que poderá jogar sempre novas luzes sobre a compreensão do fazer literário para crianças no Amazonas.

Talvez seja da estrutura do próprio arquivo que esse corpo e nome sejam espectrais, incorporando o saber que se demonstra sobre esse tema, o arquivo aumenta, cresce, ganha em *autorictas*. Mas perde, no mesmo golpe, a autoridade absoluta e metatextual que poderia almejar. Jamais se poderá objetivá-lo sem um resto. O arquivista produz o arquivo e é por isso que o arquivo não se fecha jamais. Abre-se a partir do futuro. (DERRIDA, 2001, p. 88).

2.1 Composição de um arquivo da literatura infantojuvenil amazonense

Proceder à análise de uma manifestação literária através não só da interpretação das obras, mas também através de um arquivo composto por documentos tão heterogêneos em sua forma e temáticas, segundo Reinaldo Marques (2011), requer que se assuma um risco, no duplo sentido que a palavra pode ter: risco como ameaça ou perigo, de um lado, e risco como traçado, estrutura ou projeto, de outro.

Assim, em seu aspecto ameaçador, um arquivo pode remeter talvez a um excesso ou carência documental, vinculados à dimensão do passado; entretanto, enquanto traçado, projeto, pode conter a ideia do futuro, colocando-nos frente a novas possibilidades de tratamento do arquivo, a novas ordens de leitura e interpretação de seus documentos. (MARQUES, 2011, p.192).

Dessa forma, nos documentos colecionados neste arquivo vejo nitidamente delineados os dois riscos referidos. Em primeiro lugar porque o arquivo reunido tem a marca da carência: os documentos que o compõem são poucos, esparsos e variados, refletindo, talvez, o desinteresse ou irrelevância que a literatura infantil ainda carrega como manifestação literária no cenário local. Em segundo lugar, os documentos reunidos trazem também a marca do provisório: são documentos selecionados e interpretados no momento mesmo de sua produção, nesse caso, num momento de fundação da literatura infantil no Amazonas no contexto de uma pesquisa acadêmica. Essa proximidade do objeto de análise pode embaçar e até distorcer a visão do observador sobre seu objeto de estudo. Mesmo assim o risco foi assumido conscientemente, justamente porque o arquivo e a interpretação propostos se projetam para o futuro, e esperam ser completados, pois abertos a novas contribuições e leituras.

Listo agora os documentos reunidos e considerados por mim como arquivo da literatura infantil amazonense. Como já referido são documentos de três tipos:

1) Textos (auto)biográficos de autores, inclusive aqueles apresentados como paratextos nos próprios livros infantis:

- Textos biográficos do autor Elson Farias apresentados nas obras da coleção *Aventuras do Zezé na Floresta Amazônica*, da coleção *As aventuras de Zezé viajando pela história do Amazonas*, e na obra *Manaus do Rio Negro, a capital da floresta*.
- Capítulo 19 da obra *Memórias Literárias* de Elson Farias, intitulado “Literatura Infantil”.
- Orelhas do livro *Tia Teté: histórias e lendas da Amazônia*, de Maria Luiza Damasceno, escritas pela própria autora.

2) Textos de imprensa (entrevistas com autores, matérias e notícias) veiculados em meios de comunicação impressos ou digitais;

- Post “Aventuras do Zezé na Amazônia”, publicado no blog Club da Cultura, em 17/06/2008.
- Matéria “Editora Valer lança coleção *Florescer da leitura*” no domingo (19), publicada no site do Jornal A Crítica em 14/12/10.

- Entrevista com a escritora Vera do Val, concedida ao site da editora Kutsemba cartão, publicada em 23/07/2010.
- Matéria “Livro infantil com temática regional” sobre o lançamento do livro “Bel Papoulinha” publicado em 30/04/2011 no portal d24am do Jornal Diário do Amazonas.
- Entrevista: “Elson Farias o narrador da floresta”, concedida a Sávio Stoco e publicada na revista Valer Cultural, ano I, nº 1, abril 2012, pp. 62-67.
- Matéria “Thiago de Mello amigo das águas”, publicada na revista Valer Cultural, ano I, nº 1, abril 2012, pp. 68-70.
- Matéria “Aliados em defesa do planeta”, publicada na revista Valer Cultural, ano I, nº 1, abril 2012, pp. 71-72.
- Matéria “Um menino cuirão”, publicado na revista Valer Cultural, ano I, nº 1, abril 2012, pp. 78-79.
- Matéria “De família em família”, de José Almerindo Alencar da Rosa, publicada na revista Valer Cultural, ano I, nº 1, abril 2012, pp.74-75.
- Matéria “Escrevendo histórias para crianças”, de Leyla Leong, publicada na revista Valer Cultural, ano I, nº 1, abril 2012, pp.76-77.
- Matéria “Elson Farias lança coleção de livros para o público infantil”, publicado no site do Jornal A Crítica, em 28 de agosto de 2012.

3) Paratextos dos livros infantis:

a) Prefácios:

- “As histórias de Elisa Bessa”, escrito Jorge Tufic para o livro *Histórias para minha tia dormir*, de Elisa Bessa.
- “O conto de Thiago”, escrito por José Almerindo Alencar da Rosa para o livro *O menino irmão das águas*, de Thiago de Mello.
- “Uma história mágica”, escrito por José Almerindo Alencar da Rosa para o livro *YahiPuíroKi'ti*, de Jaime Diakara.
- “Prefácio”, escrito por Narda Teles e Paulo Queiroz para o livro *Órfão das águas*, de Wilson Nogueira.
- “A leitura e a descoberta do mundo”, escrito por Tenório Telles para o livro *Quintal, um lugar para ser feliz*, de Ana Peixoto.

b) Apresentação dos livros:

- *Cururu TeiTei*, de Cacilda Barboza escrita por André Gatti.
- *Tita*, de Cacilda Barboza, escrita por Lenara Gonçalves Gesta.
- *Os passarinhos e outros livros*, de Tenório Telles, escrita pelo próprio autor.
- *Sonhos de Cuirão*, de Neuton Corrêa, escrita por Tenório Telles.
- *Çaiçú'Indé*, de Roni Wasiry Guará, escrita por Tenório Telles.
- *O pescador e a princesa encantada*, de Antônio Magalhães Moraes, escrita por Tenório Telles.
- *Lixo, lixinho, lixão*, de Abdiel Moreno, escrita por Neiza Teixeira.
- *Formosa, a sementinha voadora*, de Wilson Nogueira, escrita por Tenório Telles.
- *As frutas do meu quintal*, de Ana Peixoto, escrita por Tenório Telles.
- *Os animais do meu quintal*, de Ana Peixoto, escrita por Tenório Telles.
- “Sapos no quintal”, de Ana Peixoto, escrita por Tenório Telles.
- “O som das letras”, de Elson Farias, escrita por Elson Farias.

c) *Press-releases* e orelhas dos livros:

- *Duas histórias da noite*, de Leyla Leong, escrito por Tenório Telles.
- *O Beija-flor e o Gavião*, de Zemaria Pinto, escrito por Tenório Telles.
- *Órfão das águas*, de Wilson Nogueira, escritas por Tenório Telles.
- *Terra de Cunhatã e Curumim é assim*, de Rosa Clement, escritas por Aníbal Beça.

Todos os textos desse arquivo se definem, conforme conceituação de Genette (2009), como paratextos das obras infantis publicadas no Amazonas. Os paratextos são um conjunto de textos de extensão e conduta variável que cercam e prolongam textos literários. Sua localização pode ser tanto em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como a apresentação e o prefácio – o peritexto; ou ainda em torno do texto, mas a uma distância maior deste, “mais respeitosa ou mais prudente”, segundo Genette – o epitexto, que se situa ao menos na origem, na parte externa do livro, num suporte midiático (entrevistas, matérias, *press-releases* para imprensa) ou sob a forma de uma comunicação privada (correspondências, diários etc.). No arquivo da literatura infantil amazonense há paratextos dos dois tipos, com prevalência dos peritextos.

O objetivo de um paratexto em relação ao texto literário com que se relaciona é:

Exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para *torná-lo presente*, para garantir sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje de um livro. (Genette, 2009, p. 9).

Dessa forma, carregando sempre um comentário autoral, ou ao menos legitimado pelo autor, o paratexto encontra-se não tanto numa zona de transição entre texto e extratexto, e sim numa zona de “transação”, ou seja,

Lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente – mais pertinente, entenda-se, aos olhos do autor e de seus aliados. (GENETTE, 2009, p. 10).

Os paratextos de livros infantis são entendidos, desta forma, como um local – um dos únicos no atual contexto – em que se constrói um discurso de afirmação, legitimação e valorização da literatura infantil que começa a ser produzida e precisa se afirmar no cenário cultural local mirando, primeiramente, os potenciais consumidores – adultos e crianças – dessa recente produção.

Em se tratando de obras dirigidas a crianças, é interessante notar que os aspectos funcionais e pragmáticos dos paratextos se acentuam sobremaneira em relação a outros aspectos, a começar pela própria presença atípica de certos tipos de paratextos em livros infantis no Amazonas. Quais são, por exemplo, os objetivos de prefácios e apresentações de livros infantis que contêm trechos como os que se seguem:

Se o romance nos apresenta o mundo, o conto nos mostra um aspecto, um fato, um caso, verídico ou imaginário, próprio do mundo, porém em menor escala. No prefácio à *Antologia do conto amazonense* (1971), Artur Engrácio (1927/1997) nos apresenta uma citação de Antônio Olinto sobre os contos existentes em *Notícia da visita que fiz no verão de 1953 ao rio Amazonas e seus barrancos*, obra de Thiago de Mello publicada em 1967, pelo Ministério da Educação. (Prefácio escrito por José Almerindo Alencar da Rosa para o livro *O menino irmão das águas*, de Thiago de Mello).

Histórias ou estórias, é povo e tradição. Etimologicamente corretas, trata-se aqui de contar um fato social, ou, quando com H, de acontecimento histórico. À margem disso, e apesar de nunca haver escrito nada, à guisa de prefácio, sobre contos deste

gênero, mas como simples leitor, eu diria que Elisa Bessa, tanto quanto lhe ocorrera na tese de Doutorado, no ensaio acadêmico ou em seus namoros com a poesia, estreia-se bem, e muito bem mesmo, com este *Histórias para minha tia dormir*, doze textos que parecem repetir a façanha de Hércules, pois todos se alinham e se festejam numa cadeia de sucessos narrativos. (Prefácio escrito por Jorge Tufic para o livro *Histórias para minha tia dormir*, de Elisa Bessa).

A leitura é uma experiência definitiva na vida das crianças. Sem a leitura, o imaginário infantil fica esvaziado. É missão dos pais, dos professores, da escola e da sociedade trabalhar para oportunizar o acesso dos pequenos aos livros – é mais que um direito das crianças, é uma sementeira de fé e valores e um estímulo à imaginação. (Apresentação escrita por Tenório Telles para o livro *O pescador e a princesa*, de Antônio Magalhães Moraes).

A quem paratextos como esses são realmente dirigidos no espaço do livro infantil? À criança leitora? Parece pouco provável, uma vez que a linguagem e os temas desenvolvidos neles estão colocados de forma distante e inacessível da perspectiva infantil. Parece-nos pertinente afirmar que é dirigido primeiramente aos adultos. É aos adultos – pais, professores, administradores públicos, críticos e acadêmicos – que interessa informar sobre o livro, pois são eles que avaliam, selecionam, indicam e provêm o acesso da obra às crianças. A necessidade de, no espaço do livro infantil, inserir um texto direcionado aos adultos coloca em relevo, na produção literária amazonense, uma questão crucial da literatura infantil: o caráter assimétrico da relação que se estabelece entre adultos, os possuidores do acesso à criação e ao consumo, e crianças, os recebedores passivos desse tipo de produto artístico-cultural. A partir dessa constatação, é possível aplicar a grande parte da literatura infantil amazonense a afirmação de Fúlvia Rosemberg sobre as tendências vigentes na literatura infantil que se realizava no Brasil até a década de 1970:

Deste modo, a literatura infantojuvenil legitimaria, por sua própria existência – sem mesmo penetrarmos em suas formas e modalidades – esta relação assimétrica, pois se trata de uma comunicação *para* e não *entre* [...]. Na medida em que a literatura infantojuvenil constitui uma produção *para*, na medida em que emissão e recepção não se confundem, as formas de que se reveste em determinado momento histórico – em seu conteúdo, em sua estrutura e em sua materialização – refletirão e concretizarão as particularidades desta relação. (ROSEMBERG, 1985, p. 29-30).

Sendo assim, será possível, então, a partir da leitura desses paratextos combinada à leitura das obras infantis, definir que função a sociedade que produz e consome literatura infantil no Amazonas atribui à literatura infantil e como essa demanda influencia a produção

dos livros. Num tópico mais adiante procurarei exatamente elucidar os objetivos principais de um projeto de literatura infantil levado adiante pela Editora Valer, principal promotora da literatura infantil atualmente no Amazonas.

Outra característica relevante emerge da observação de boa parte dos paratextos reunidos: sua aura biográfica. Apesar de poucos textos do arquivo se enquadrarem entre os gêneros discursivos consagrados como biográficos, é possível perceber neles um forte componente biográfico, seja como simples narração da própria vida, seja como explicação ou construção de um discurso sobre o fazer literário para crianças a partir das experiências de vida dos autores. Nesse sentido os textos reunidos se situam, também, no que Leonor Arfuch (2010) propõe como o “espaço biográfico”, apresentado por ela como um “traço sintomático de época” que “parece instigar a valorização exacerbada de tudo o que leva a marca da vida real” (ARFUCH, 2009, p. 372), e amplia as fronteiras dos gêneros considerados tradicionalmente de valor biográfico como (auto)biografias, memórias, diários, confissões, correspondências etc.:

Na trama da cultura contemporânea, outras formas aparecem disputando o mesmo espaço: entrevistas, conversas, perfis, retratos, anedotários, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, variantes do *show – talk show, reality show...* No horizonte midiático, a lógica informativa do “isso aconteceu”, aplicável a todo registro, fez da *vida* – e, conseqüentemente, da “própria” experiência um núcleo essencial de tematização. (ARFUCH, 2010, p. 15).

Ainda sobre as características do paratexto, Genette observa que a condição pragmática de um paratexto é definida pelas características de sua situação de comunicação: natureza do destinador, do destinatário, grau de autoridade e de responsabilidade do primeiro e a força ilocutória de sua mensagem. Essa força ilocutória da mensagem dá-se em uma gradação de estados, podendo comunicar uma mera informação até atingir uma força coercitiva do paratexto em relação a seu texto.

Na condição de paratextos de obras infantis, os discursos de caráter biográfico apresentam forças ilocutórias distintas de sua mensagem diante de seus potenciais leitores: adulto ou criança. Seguindo as gradações propostas por Genette, para os adultos, essa força ilocutória pode ser de uma simples informação até uma intenção ou compromisso da obra diante dos leitores mirins: os paratextos biográficos presentes nas obras partem da

comunicação de informações sobre o autor, como data e local de nascimento, até títulos e prêmios recebidos por ele, no sentido de legitimar sua autoridade e competência diante da tarefa de escrever adequadamente para crianças, até a construção de um discurso sobre a interpretação autoral e/ou editorial da obra em questão.

Com relação ao potencial leitor criança, o paratexto biográfico tem a força ilocutória de um conselho ou uma injunção. Os paratextos biográficos comungam da tarefa do biógrafo moderno: “fazer os leitores encontrarem seres de carne e osso por trás das nuvens de papel, dos discursos e das ações do biografado” (GONÇALVES, 2009, p. 202), tornando-os, então, exemplos e modelos de leitor e escritor para a criança, objetivo que se busca na literatura infantil enquanto instrumento de aprendizagem de hábitos e de desenvolvimento das competências leitora e escritora. Em todo caso, através de um pretense registro biográfico, o paratexto constrói-se como um discurso “a serviço de outra coisa que constitui sua razão de ser: o texto” (GENETTE, 2009, p.17). Nos casos aqui analisados, os paratextos estão a serviço da busca de aceitação e legitimação de uma expressão literária nascente no Amazonas.

Para analisar a aura biográfica desses documentos acerquei-me dos postulados da crítica biográfica, que segundo Eneida Maria de Souza (2007, 2009, 2011), permite que se expandam as formas de interpretação da literatura visto que esta engloba não apenas a produção ficcional, mas também a produção documental dos autores:

A crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre a obra e o autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção. (SOUZA, 2007, p.111).

Dois parâmetros de análise da crítica biográfica são aplicáveis à análise da literatura infantojuvenil amazonense proposta neste trabalho. O primeiro é o que caracteriza a biografia como “biografemas”, conforme proposto por Roland Barthes: trata-se de um conceito que responde pela construção de uma imagem (entre tantas possíveis) do sujeito a partir de fragmentos deste, “uma vez que não é possível mais acreditar no estereótipo de totalidade e nem no relato de vida como registro de fidelidade e autocontrole” (SOUZA, 2007, p.113). O segundo parâmetro se refere ao emprego do raciocínio substitutivo e metafórico ao se distinguir os polos da arte e da vida, com vistas a não naturalizar e reduzir os acontecimentos vividos pelo escritor como causa ou origem primeira de seu fazer estético: “A crítica

biográfica não pretende reduzir a obra à experiência do autor, nem demonstrar ser a ficção produto de sua experiência pessoal e intransferível” (SOUZA, 2011, p. 21). Desse parâmetro resulta a diferença da crítica biográfica atual da praticada há alguns anos, que possibilita a reunião de teoria e ficção, considerando que os laços biográficos são criados a partir da relação metafórica entre obra e vida. Fatos da experiência tornam-se uma representação do vivido e se integram ao texto biográfico e/ou ficcional deixando de serem considerados como um registro fidedigno de um relato de vida. Dessa forma de representação do vivido resultaram, segundo Eneida Maria de Souza, os temas existenciais da literatura:

Os grandes temas existenciais da literatura como a cegueira, o suicídio, a morte, o amor, guardam sua natureza ficcional e se espraiam na página aberta do espaço textual e nos interstícios criados pelo jogo ambivalente da arte e do referente biográfico. (SOUZA, 2007, p. 119).

Na literatura infantil, analogamente, as representações literárias da infância também se espraiam nas páginas do livro infantil como resultado do jogo ambivalente entre a arte feita *para* a criança e o referente biográfico da própria infância do escritor. A necessidade de assumir a perspectiva infantil para se fazer entender pelo público leitor deixa explícita, como em nenhuma outra manifestação literária, o fato de que entre escritor e leitor há uma distinção significativa de pontos de vista que precisa ser enfrentada, ou no mínimo considerada, pelo escritor em sua criação artística. Na literatura infantil, o resgate da *bios*(vida) do escritor, particularmente de sua própria infância, é de modo geral a estratégia inicial usada para enfrentar a assimetria entre o ponto de vista do adulto-escritor e da criança-leitora.

Uma produção cultural voltada à infância não escapa dessa confusão de olhares, de pontos de vista. A criança que um dia fomos permanece viva nas nossas lembranças, mesmo que desconhecida, inconsciente. Subjetivamente, carregamos, como adultos, pelo menos uma criança dentro de nós (a que fomos um dia), além de termos as experiências que vivemos com outros colegas, familiares. (PARREIRAS, 2009, p. 23).

É a consciência sobre o que representou ser criança em sua própria vida que dá ao escritor uma primeira imagem de seu leitor-criança. Essa consciência, vale reafirmar, não é formada apenas a partir da realidade vivida, mas também dos desejos, das frustrações do que

“deveria ter sido” a infância ideal. Depois se acrescenta a isso a construção sociocultural do conceito de infância(s) da época em que o escritor atua e as demandas do contexto cultural sobre a função educativa e formativa da escritura para crianças, entre outros fatores que tornam mais complexa a relação adulto-criança, escritor-leitor na literatura infantil.

Na literatura infantil do Amazonas não são raros os escritores que, ao explicar ou justificar sua produção de livros para crianças, remetem-se a fatos de sua infância: seja às experiências literárias vividas quando criança, como ouvir histórias ou causos regionais contados por parentes e amigos; seja às outras experiências de vida, como o contato direto e contínuo com os animais e as plantas da floresta na infância, fato apontado como justificativa para a escolha dos temas tratados nas obras. No preâmbulo da obra *Tia Teté: histórias e lenda amazônicas*, por exemplo, a escritora Maria Luiza Damasceno escreve, entre outras coisas:

Rachel Guilherme de Mello era o nome da minha tia-avó (Tia Teté – para seus sobrinhos netos).

Ainda composta dos meus pais, de quatro filhos (dois meninos e duas meninas), tia Teté e da Isa (uma prima de minha mãe), a família veio do interior do Amazonas, do município de Eirunepé para Manaus, após as consequências da derrocada da economia da borracha (lá pelo final da década de 1940) [...]

A Manaus da nossa infância era uma cidade pobre e distante dos centros mais desenvolvidos do País. Os serviços públicos eram precários, uma vez que havia até mesmo falta de energia nas residências e logradouros públicos. Televisão nem pensar!

E assim, uma de nossas maiores distrações era a de nos reunir, logo depois do jantar, para ouvir histórias contadas por tia Teté. [...]

Cresci ouvindo a história dos reinados de França, da Revolução Francesa, de Maria Antonieta (a última rainha da França durante o reinado de Luís XVI no século XVIII), que ficou da noite para o dia com seus cabelos totalmente brancos na véspera de sua morte, condenada à guilhotina.

Ouvia também todas as histórias do interior do Amazonas. [...]

Voltando ao tema deste livro, Tia Teté gostava de estar rodeada de crianças e de contar histórias. Todos os finais de tarde, já era um costume: nós, na família, mais as crianças da vizinhança, reuníamos-nos em volta de sua rede e passávamos a escutá-la atentamente.

Após esse preâmbulo seguem-se oito histórias amazônicas (entre lendas e fábulas) recontadas pela autora, ficando subentendida a ideia de que a obra recria aquela experiência familiar de partilha de histórias vivida na infância da escritora e, diga-se de passagem, experiência cada vez mais rara na realidade familiar atual, ao menos no contexto urbano. A referência à “Manaus da nossa infância” coloca em relevo, de forma saudosista, as diferenças qualitativas entre duas infâncias separadas pela passagem do tempo e justifica a necessidade

de um resgate de valores da infância do passado para a infância atual, tarefa que deve ser cumprida pela literatura infantil.

Outros exemplos de contraposição entre duas condições de infância encontram-se nos textos apresentados a seguir, em que a experiência da infância interiorana de seus autores aparece como prova de sua competência e importância na produção de livros infantis.

Na apresentação dos livros *Formosa, a sementinha voadora*, de Wilson Nogueira e *Sonhos de Cuirão*, de Neuton Corrêa, Tenório Telles assim escreve sobre os autores:

A história do escritor Wilson Nogueira é exemplar nesse sentido. Nascido na beira do rio Amazonas, em Parintins, *conviveu em criança com os bichos, as plantas, os pássaros e as histórias de encantados*. Foi o aprendizado da leitura, entretanto, que mudou o curso de sua vida. Experiência que tornou possível o acesso ao conhecimento, à educação escolar e, hoje, aos estudos acadêmicos. Esse *filho da floresta* é atualmente um dos mais sensíveis escritores amazonenses de literatura infantojuvenil como atesta “Formosa – sementinha voadora”. Trata-se de uma narrativa delicada sobre as experiências de uma pequenina semente de samaumeira que, ao se desprender do fruto, é levada pelo vento e inicia uma viagem por paisagens desconhecidas e lugares distantes. [...] Este é um livro especial, escrito numa linguagem simples e *cheio de lições de vida*, em que o autor fala de temas como solidariedade, amizade, cuidado com a natureza, coragem e aprendizagem. (grifos nossos)

Filho de interioranos, Neuton Corrêa guarda na lembrança fatos, lendas e episódios de sua infância ribeirinha. Este livro é composto com recortes de histórias que ouviu e foram incorporadas ao seu imaginário. Poderíamos dizer que é uma narrativa de beira de rio, a exemplo dos causos e contos fantásticos que são tecidos pelos caboclos para divertir as crianças e também os adultos nas rodas que se formam ao anoitecer. *Sonhos de Cuirão* é um pequeno conto infantil que ilustra esse tipo de narrativa do interior da Amazônia, em que as histórias são narradas a partir de temas do cotidiano, incorporando seres e pessoas como protagonistas. [...] O livro de Neuton Corrêa é uma lição de vida, que nos ensina o valor da família e a importância de aprendermos com as lições da natureza. (grifos nossos)

Nesses exemplos verifica-se a noção de que há uma infância ideal, aquela vivida próxima à natureza onde se podem preservar os valores humanos mais genuínos e que está, de certa forma, perdida para a criança atual, que vive na cidade.

Estabelece-se, a partir da breve análise sobre a relação entre biografia e literatura infantil, a compreensão de que específicas representações de infância – mais ou menos conscientes e explícitas na obra infantil – revelam-se e determinam o processo de criação literária. Interessa verificar, justamente, qual é a concepção de infância dominante e como ela aparece nos livros infantis produzidos no Amazonas. Essa verificação será feita a partir de um recorte dentro do levantamento de autores e obras da literatura infantil amazonense realizado

na pesquisa. O recorte refere-se ao trabalho de Elson Farias, escolhido por ser o autor mais profícuo em edição de livros para crianças no Amazonas e pelo fato de suas obras terem ampla entrada nas escolas públicas. Sendo um dos autores de literatura infantil mais conhecidos, de certa forma ele carrega o peso de representar a identidade, ou no mínimo de ser a referência principal dessa recente produção no Amazonas, e examiná-la pode informar muito do panorama geral que se procura, uma vez que:

A literatura infantojuvenil em determinado momento histórico é também produto de modelos de literatura e literatura infantojuvenil vivenciados pelo criador. Além dos modelos de relação adulto-criança assimilados pelo convívio social geral, existiriam também modelos de relação adulto-criança inerentes à própria literatura infantojuvenil. (ROSEMBERG, 1985, p. 71).

A investigação sobre as concepções de infâncias subjacentes às obras infantis de Elson Farias permite delinear seu projeto de literatura infantil que, admitido como referência, pode apresentar uma definição da tendência dominante na produção amazonense.

2.2 Elson Farias: biografemas e literatura infantil

Elson Farias é poeta, romancista, cronista e memorialista, uma figura de destaque na cultura local que, na maturidade, começa a escrever para crianças. De 2000 a 2012 o autor lançou trinta e um títulos voltados para o público infantil, destacando-se as Coleções *Aventuras do Zezé na Floresta Amazônica*, *Aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas* e *As aventura do Zezé no lago dos répteis*.

No arquivo da literatura amazonense os documentos referentes a Elson Farias possuem todos um teor biográfico e compreendem os biografemas presentes nos livros infantis como paratextos, uma dedicatória e uma apresentação de livro, além de uma entrevista. Acrescenta-se a esse material o capítulo intitulado “Literatura Infantil” das *Memórias Literárias* do autor, publicadas em 2006.

Para a análise aqui proposta é imprescindível admitir e identificar, na variedade de gêneros textuais desse espaço (auto)biográfico referente a Elson Farias, a voz narrativa que se inscreve através das vozes dos relatos da vida. Nesses paratextos “como narração de uma

experiência, há um ‘eu’ presente, mas também há um ‘você’, remetendo à instância da leitura, da recepção” (OLIVEIRA, 2009, p.176). Nos textos analisados, é possível identificar as vozes de um “Elson leitor”, que idealiza a infância para a qual escreve, identificando-a com a sua própria infância, e um “Elson escritor” que projeta nos relatos e declarações (auto)biográficas a função social que atribui à sua atividade de escritura para crianças.

Assumindo o espaço de um paratexto na obra literária infantil, a biografia apresentar-se-á não como um simples enunciado (o relato da vida), mas como “um ato de discurso ou, mais que isso, um ato de discurso literariamente intencionado” (MIRANDA, 2009, p. 25) a fim de orientar/influenciar o leitor – adulto e criança – na leitura da obra em questão.

Para a construção desse discurso nos textos biográficos de livros infantis, que têm como característica textual fundamental a brevidade do texto, o método utilizado é o da seleção de biografemas.

Biografema é um termo cunhado por Roland Barthes na introdução da obra *Sade, Fourier, Loyola*, quando ele enuncia o desejo de que, após sua morte, o relato de sua vida fosse reduzido “pelos cuidados de um amigável e desenvolvido biógrafo, a alguns pormenores, a alguns gestos, a algumas inflexões, digamos ‘biografemas’” (BARTHES, 2005, p.14). A distinção e a mobilidade seriam a forma apropriada para representar uma vida “destinada à dispersão”.

Dessa forma o termo biografema, que é retomado por ele em diferentes momentos, concebe a biografia não como totalidade, mas como uma construção simbólica, a partir da imagem fragmentária do sujeito. Em *A câmara clara* (1984) ele explica assim o conceito:

Gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de ‘biografemas’; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a vida. (BARTHES, 1984, p. 51).

Em *Roland Barthes por Roland Barthes*, o autor apresentou alguns autobiografemas que chamou de anamneses factícias: “Chamo de *anamneses* a ação – mistura de gozo e de esforço – que leva o sujeito a reencontrar, sem o ampliar nem o fazer vibrar, uma tenuidade de lembrança: é o próprio haikai”. (BARTHES, 2003, p.123). Esses biografemas pertenceriam mais ao campo do imaginário afetivo do que ao campo da realidade factual.

Leyla Perrone Moisés (1985), comentando o conceito, explica que biografemas são pequenas unidades biográficas que permitem entender a biografia não como destino ou epopeia, mas como texto romanesco, “um canto descontínuo de amabilidades” (PERRONE-MOISÉS, 1985, p.10). Os textos biográficos apresentados nos livros infantis são uma espécie de *biografia-descontínua*, composta com biografemas determinados que mais sirvam para compor um perfil do escritor coerente com a obra em que figuram.

Os biografemas apresentados nos textos biográficos do escritor Elson Farias mostram-se exatamente como uma memória afetiva de sua infância e o interesse maior que despertam está relacionado à construção ou idealização de uma forma de infância. É nesse retrato lembrado ou imaginado da infância do escritor que se pode perceber para qual criança o autor escreve. Ao evocar sua infância para se apresentar num texto (auto)biográfico, o escritor recorta e seleciona ludicamente as memórias que possam criar um retrato dele mesmo identificado com a criança para quem ele escreve. A infância retratada na biografia torna-se a metáfora da infância retratada na obra (ou vice-versa?!).

O paratexto sobre Elson Farias presente no livro *O tupé voador* (e em todos os livros da coleção) é o seguinte:

Elson Farias é um dos mais destacados escritores do Amazonas. Nasceu num lugar de nome expressivo, Roseiral, município de Itacoatiara, em 1936. Passou a infância no interior, convivendo com o universo ribeirinho – o rio, a floresta, as lendas e mitos indígenas. Toda essa vivência está presente em sua poesia, seus romances e textos infantis. Sua criação é marcada pelo mágico e pelo poético. (FARIAS, 2001, p. 31)

É relevante o fato de que, entre todos os biografemas que poderiam ter sido selecionados para apresentar o autor aos leitores, a escolha recaiu sobre o nascimento e a infância do escritor. Não são citados, por exemplo, os títulos e prêmios recebidos, os cargos públicos ocupados por ele, nem os títulos de suas obras não infantis. Tal escolha é bem coerente e “dialoga” com a obra, uma vez que o menino Zezé da história, apesar de não ser indicado geograficamente o local onde está, pode muito bem ser identificado como um menino com infância semelhante ao do autor, e por que não, com as crianças que vão ler a história. Na dedicatória do livro, Elson escreve: “Ao José Eugênio – filho da maturidade –, que me fez voltar ao mundo mágico da infância”.

Nas posteriores produções do autor para crianças, no paratexto biográfico apresentado ao final dos livros sempre figura uma foto do escritor, com o filho José Eugênio no colo, lendo um dos livros da coleção *As aventuras de Zezé na floresta amazônica*. A associação entre o personagem infantil das histórias de Elson e o filho – chamado de Zezé no seio familiar – fica muito evidente num paratexto biográfico de outro livro infantil de Elson, *Manaus: do Rio negro, a capital da floresta*:

Inspirado no Zezé seu filho mais novo, escreveu uma série de 10 histórias com o nome de *Aventuras do Zezé na floresta amazônica*, adotada nas escolas públicas e particulares de ensino fundamental em Manaus. Toda a sua obra é marcada por aspectos da paisagem e do homem amazônicos, sua vida, a história e o mito. (FARIAS, 2007, p. 24)

Esses detalhes biográficos apresentados nas obras infantis confirmam a constatação de que a biografia construída a partir da escolha de certos biografemas é uma construção simbólica literariamente determinada a dirigir o olhar do leitor para a obra a que se vincula, construindo um perfil do escritor coerente com os valores (estéticos, morais, narrativos) da história narrada. Sendo assim, a descrição da infância do autor e a alusão ao fato de que o filho é a inspiração para o personagem Zezé estão mais comprometidos com o campo da construção do discurso do que com a verdade factual. Sobre isso, Eneida Maria de Souza afirma:

A preservação da liberdade poética da obra na reconstrução de perfis biográficos consiste no procedimento de mão dupla, ou seja, reunir o material poético ao biográfico, transformando a linguagem do cotidiano em ato literário. Ainda que determinada cena recriada na ficção remeta a um fato vivenciado pelo autor, é preciso distinguir entre a busca de provas e a confirmação de verdades atribuídas ao acontecimento, do modo como a situação foi metaforizada e deslocada pela ficção. O nome próprio de um personagem, mesmo que se refira a pessoas conhecidas do escritor, nada impede que sua encenação embaralhe as referências e coloque a verdade biográfica em suspense. (SOUZA, 2011, pp. 42-43).

No conjunto de textos biográficos de Elson, é possível perceber dois tipos de biografemas: o primeiro tipo, biografemas de infância, relaciona-se diretamente à infância do autor; o segundo tipo, biografemas da maturidade, relaciona-se a seu relacionamento com o filho caçula, portanto se referem ainda a uma infância, mas não àquela da criança que Elson

foi, mas à criança pela qual, como adulto, ele é diretamente responsável. Os biografemas da maturidade revelam uma reflexão sobre a atividade literária voltada para crianças.

Na obra *Memórias Literárias* (2006), Elson Farias busca explicar as motivações que o levaram, aos 60 (sessenta) anos de idade, com uma longa produção “não infantil”, a começar a escrever livros para crianças. Depois de admitir certo “excessivo cuidado” para com o filho temporão, “filho da maturidade”, Elson narra um episódio ocorrido numa viagem de carro num dia chuvoso, uma “tirada” poética do caçula que, entre outras, teria inspirado a escrita para crianças. O diálogo é iniciado pelo filho:

- Papai, você sabe o que é a chuva?

Respondi para instigá-lo:

- Não, meu filho. O que é a chuva?

- A chuva, pai, é a lágrima das nuvens. Elas choram porque o seu pai não deixa elas saírem para passear.

Como se vê, o José Eugênio, em casa, carinhosamente, chamado de Zezé, não demonstrava ali só um rasgo de poesia, mas uma forma de poesia de protesto.

Inspirado nessas tiradas do Zezé e noutras das crianças conhecidas, observadas ao longo de minha vida, e lembrando passagens de minha própria infância, vivida em nossa casa na beira do rio, decidi escrever um livro para elas, intitulado *O Tupé Voador*. Na medida em que ia compondo o texto, iam-me surgindo outros temas, a serem desenvolvidos em outras histórias. (FARIAS, 2006, p.218).

Essas motivações declaradas pelo autor apontam, exatamente, para os dois tipos de biografemas que é possível perceber nos textos biográficos do autor.

Nos biografemas de infância, conforme já apresentado, o autor é identificado como um menino “filho da floresta” que “passou sua infância em diversas comunidades do interior amazonense, acompanhando o pai que era comerciante” (FARIAS, 2009, p.31). Em outro texto, ressalta-se essa vivência da infância do autor como um elemento fundamental da obra de Elson: “Passou a infância no interior, convivendo com o universo ribeirinho – o rio, a floresta, as lendas e mitos indígenas. Toda essa vivência está presente em sua poesia, seus romances e textos infantis” (FARIAS, 2001, p.31). O próprio autor, em entrevista a Sávio Stoco (2012), afirma a centralidade dessas vivências em seus livros infantis ao responder sobre a escolha dos temas para a infância: “São Amazônia mesmo. Porque eu nasci aqui, na beira do rio e vim para Manaus com 18 anos. Vi muito a vida na beira do rio, da floresta, das histórias da vida dos animais, do homem do rio”. (FARIAS, 2012, p.66). Esse primeiro tipo de biografema deixa entrever que a concepção de infância que permeia a obra infantil de

Elson Farias, vincula-se a uma visão mais tradicional da criança, filiada à noção burguesa e romântica: a infância representa um tempo especial da vida, um tempo para sempre perdido pelo adulto, o qual pode ser recuperado apenas pela memória afetiva, como um tempo ideal de felicidade e pureza. É interessante como essa noção fica bem explícita, na obra de Elson justamente na dedicatória dos dez livros da primeira coleção do autor, quando ele caracteriza a infância como um tempo mágico: “Ao José Eugênio – filho da maturidade –, que me fez voltar ao *mundo mágico da infância*” (grifos nossos).

Nos livros da Coleção, o menino Zezé aparece como uma metáfora da infância lembrada-perdida do autor: é um menino que vive com um Bem-te-vi na cabeça, em contato direto com a natureza e, pela pureza de coração e curiosidade por conhecer as coisas da floresta e do rio, conquista a habilidade de falar com os animais e com as plantas, tornando-se amigo deles. Em diversas passagens das narrativas é visível a identificação da infância de Zezé com o *bom selvagem* rosseauniano cuja naturalidade é preciso conservar. Zezé é um menino identificado com a natureza, a tal ponto de se confundir com ela:

Quando Zezé se levanta da cama, o Tamarindo é a primeira criatura de Deus que ele vê pela janela [...]. O convívio desses anos aproximou-a de todos da casa. De tal forma que Zezé consegue comunicar-se com ela numa linguagem toda especial. O menino sente que pode conversar com ela de igual para igual. (FARIAS, 2002_a, p.6).

O mundo infantil de Zezé é pleno de liberdade, contrapondo-se ao mundo adulto de responsabilidades e deveres:

Enquanto o pai se ocupa com o seu serviço de fiscal, Zezé sai correndo entre as gaivotas. Elas vão e, lá de cima, fazem voos rasantes como se estivessem querendo bicar o menino. Mas Zezé não tem medo, sente-se um pouco só apenas, correndo pela praia sem o Bem-te-vi na cabeça. (FARIAS, 2002_a, p.8).

O contato com a natureza permite a Zezé cultivar a bondade inata do homem ainda não contaminado pela vida na sociedade “adulta”.

- Gostas muito do Zezé, não é, Bem-te-vi? – pergunta o Japiim

- Gosto, sim, ele é bom comigo e com os pássaros da floresta. Nunca usou uma baladeira para nos perseguir. Sabes que ele não come nem ovos de galinha, porque de dentro dos ovos nascem os pintinhos. (FARIAS, 2002_b, p.5).

Essa última passagem é emblemática para se perceber a idealização literária da infância na obra, quando se confronta a imagem de infância retratada com a imagem real da infância amazonense comprovada pela simples convivência com ela. Ao contrário do Zezé, os meninos ribeirinhos em geral, movidos pela curiosidade e pela necessidade de interagir com o meio para conhecê-lo, tornam-se vorazes caçadores de passarinhos e de outros pequenos bichos. Apenas no processo de educação é que essas tendências aparentemente predatórias são superadas e substituídas por outras atitudes em relação à natureza, o que leva a perceber um viés pedagógico na representação da infância nas obras de Elson Farias.

Zezé é representado como uma criança boa e livre, mas seu comportamento exprime o modo de vida do mundo adulto que a criança precisa aprender. Durante toda a narrativa as falas, as preocupações e pensamentos de Zezé não são de crianças, mas refletem os valores, ou ensinamentos que o adulto quer ensinar para a criança. Mesmo quando se propõe a representar a infância elegendo um menino como protagonista de suas obras, a criança permanece, nos livros de Elson, como um espelho do adulto, assumindo comportamentos, pensamentos e falas típicos deste. Em várias passagens dos livros da coleção isso pode ser verificado. Em alguns momentos a fala do personagem Zezé transmitem informações e ele fala como quem está dando uma aula, conferindo ao texto um tom pedagógico:

- É, diz Zezé, só uma pequena parte das águas vem do fundo da terra. Precisamos fazer alguma coisa para salvar o rio. Se eles cortassem as árvores para fazer suas casas e plantassem outras, tudo bem. Mas fazer uma coisa dessas é um crime. Preciso ir até lá. Você me leva, Bem-te-vi? (FARIAS, 2001, p.7).

Na maioria das falas, entretanto, em vez de informações, Zezé transmite valores e comportamentos que as crianças precisam aprender, tornando-se o personagem um modelo de criança, um exemplo a ser seguido.

Note-se, por exemplo, esse diálogo de Zezé com um sapo, extraído do livro *O Romance dos sapos*.

- Companheiro, se eu fosse um predador, teria perseguido vocês desde o momento em que os flagrei aqui na lagoa – assinala Zezé. – Ao contrário, procurei protegê-los. O meu esforço em conhecer os pormenores de suas vidas está na linha dos bons sentimentos, os sentimentos que jamais destroem, pois só se ama aquilo que se conhece. (FARIAS, 2001_b, p.24).

Numa outra passagem no livro *De mãos dadas com a paz*, a vida em sociedade é apresentada com um teor idealista, refletindo não o mundo real de contradições que também a criança vivencia, mas um mundo harmonioso a que ela devia almejar. Zezé está conversando com o Bem-te-vi e o Japiim, sua habitual companhia nos livros, e tenta resolver uma briga entre eles com o seguinte argumento:

-Olhem meus amigos, a coisa não é bem assim, também tão dramática. Acabei de estudar este assunto, nos deveres de casa, passados pela professora.
- Na vida, uns ajudam os outros – prossegue Zezé. – Vivemos de mãos dadas. Quando alguém possui um pouco mais, distribui com os que dispõem de menos. (FARIAS, 2002_b, p.15).

Em outras falas de Zezé esse tom professoral é evidente, em muitos momentos da narrativa há frases explicativas que interrompem a narração para explicar e esclarecer um conceito. Ou seja, é o adulto quem fala pela voz do personagem-criança, deixando evidente uma concepção conservadora sobre a infância, em que a identificação dos leitores com o personagem e com a lenda e o mito é manipulada para a transmissão de um ensinamento.

O segundo tipo de biografemas, os biografemas da maturidade, encontrados no arquivo de Elson Farias, vinculam-se a essa função social de educação e formação da criança atribuída à literatura infantil: a criança é um ser frágil, dependente e puro, portanto, passível de proteção e cuidados; a criança conhece pouco do mundo, portanto não é capaz de refletir sobre ele ou discuti-lo, sendo fundamental que o adulto a guie, paulatinamente, num processo de aprendizagem definido pelo adulto, para que a criança “venha a ser” um ser humano completamente formado.

Elson Farias deixa claro o quanto sua obra para crianças comunga de um forte vínculo com a pedagogia e a escola quando afirma nas *Memórias Literárias*:

Participando dos quadros de promotores culturais da Editora Valer, o jovem Márcio Souto, universitário, estudante de Comunicação Social, passou-me a informação dos educadores amazonenses, ressentidos pela falta de estórias infantis, escritas por autores amazonenses, falando de nossa vida, das nossas lendas, de nossa cultura, enfim”. (FARIAS, 2006, p.218).

Segundo o autor, esse dado influenciou na realização do projeto de escrever para crianças porque o colocou “de frente com os leitores” motivando-o ao trabalho. Na entrevista declara:

Eu sempre tive vontade de fazer literatura infanto-juvenil e sempre tive contato com professores de literatura. Um dia, um deles me disse: “Elson, porque você não escreve algumas coisas para crianças? Porque a gente recebe na escola material que vem de fora que falam da Amazônia. Às vezes até de escritores internacionais traduzidos, de autores que conhecem a Amazônia só por pesquisa literária. (FARIAS, 2012, p.66).

Embora afirme que a literatura infantil deva, como qualquer outra literatura, ter “a preocupação de produzir alguma coisa bonita, boa, agradável de se ler”, Elson admite que com a literatura infantil:

A criança também aprende um pouco. O meu texto também tem a preocupação de conscientizar sobre a realidade amazônica. Sobre a cidadania. Por meio de uma palavra, às vezes, você acende uma luz na imaginação da criança para ela entender o que há em torno de si. (FARIAS, 2012, p.64).

Constata-se assim que no projeto de literatura infantil de Elson Farias a *palavra-informação* tem um espaço privilegiado. Permanecendo coerente a esta ideia, o autor explicita que as características fundamentais da literatura para crianças devem ser a presença marcante do elemento lúdico e o cuidado com a linguagem. Quanto à ludicidade ele afirma:

Em verdade o lidar com crianças exige a intuição do jogo, pois todos nós, adultos e velhos, vivemos jogando. O nosso relacionamento na sociedade e na vida é matéria de jogo permanente. A diferença está em não termos consciência disso, pensando que só fazemos coisas sérias, responsáveis, etc. e tal. Só a criança joga, supomos, com os seus brinquedos, com os pais e os professores, com os colegas e amigos, joga com todo mundo.

Para conhecer-se a criança, portanto, é preciso entrar-se no seu mundo, isto é, no mundo do jogo, de onde saem, às vezes, aquilo que nós, os adultos, chamamos de pequenas mentiras, olhando a questão de ângulo superior, como, em regra, gostamos de avaliar o seu comportamento. Mas a coisa é diferente. A criança possui sua própria personalidade. (FARIAS, 2006, p.219-220).

No que diz respeito à linguagem, Elson Farias aponta a correção gramatical e a simplicidade como características fundamentais no texto dirigido às crianças: “Escrevo na mesma linha: na correção gramatical, com produção de texto bem elaborado. Claro que com um vocabulário acessível à criança e ao jovem”. (FARIAS, 2012, p. 63). Nas suas *Memórias literárias*, ele explica o processo de aproximação e adequação da linguagem dos livros para que as crianças possam entender.

Em casa, hoje, Roseli, minha mulher, é a maior das boas leitoras, porque avança mais na crítica e nas observações, em torno de aspectos do estilo e da simplicidade vocabular, apelando sempre para a depuração do texto nas linhas do linguajar corrente, limpando-o das literatices presunçosas.

Roseli tem sido de providencial socorro nas histórias infantis, até no planejamento das séries, o número de páginas de cada livro, na caracterização dos personagens. [...]

Aí entra, também, o nosso filho menor José Eugênio, chamado em casa de Zezé, no momento em que escrevo estas páginas com apenas nove anos de idade. Ele é quem sugere expressões correntes no mundo da infância e situações das personagens que podem divertir a meninada. Pede que eu esclareça o sentido de determinadas palavras e, aí, percebo que é preciso mudá-las numa expressão mais adequada ao entendimento dos pequeninos. Pois não escrevo para mim, no intuito de gratificar o meu próprio ego. Escrevo para me comunicar, tendo em mente o leitor. Ele, o leitor, é meu maior estímulo. Muito mais, ainda, se for uma criança esse leitor. (FARIAS, 2006, pp. 56-57).

Outro aspecto da linguagem nos livros de Elson é a que procura apresentar às crianças uma linguagem típica da Amazônia, numa tentativa de aproximá-las de uma identidade linguística regional.

Eu também uso muitos termos do neologismo amazônico. Minha temática toda é amazônica. Eu nasci na Amazônia e é o que eu conheço: a Amazônia. Então, nos livros infantojuvenis, eu também uso essas palavras, às vezes palavras que eu vi, porque eu nasci na beira do rio, eu vivi lá. Eram palavras correntes e que as crianças hoje aqui da cidade talvez nem conheçam. Mas eu aplico essas palavras no texto exatamente com o sentido de fazer com que as crianças perguntem: “O que quer dizer isso?”. O que é “canarana”? O que é “bubuia”? Canarana é uma erva que nasce na beira do rio; é uma cana. “Rana” quer dizer “não verdadeira”. “Bubuia” é aquilo

que vem boiando. E assim por diante... Então, aí a criança aprende um pouco. (FARIAS, 2012, pp.63-64).

No conjunto das obras infantis de Elson percebe-se que ela realiza plenamente o projeto de que a literatura infantil seja um instrumento de formação e de informação das crianças, contemplando o imaginário e a fantasia.

O imaginário e a fantasia aparecem paralelamente ao lado das informações e valores que precisam ser ensinados. A passagem do real para o maravilhoso nas narrativas ocorre de forma natural, sem necessidade de explicações, justificativas ou racionalizações usados em algumas histórias infantis (como a alusão ao sonho, único lugar onde a fantasia e o mágico seriam possíveis). Elson admite e brinca com a capacidade infantil de conciliar fantasia e realidade, sem questionar se a fantasia pode ou não transmitir verdades e conhecimento. Pelo contrário, a fantasia e o mágico tornam-se aliados para estabelecer a comunicação com as crianças. É apenas nesse aspecto que a obra de Elson supera, em certa medida, a concepção tradicional de infância predominante no conjunto da obra, quando assume a perspectiva infantil de reconhecimento do mundo através do jogo e da fantasia. No primeiro livro da coleção das Aventuras de Zezé, por exemplo, o menino consegue viajar num “tupé voador”, referência ao clássico conto oriental do *Tapete Voador*, ofertado pelo professor Reis – o adulto que, nas histórias, guia e promove a aprendizagem do menino. Em *As aventuras de Zezé no lago dos répteis*, os meninos usam também para viajar o “Cavalo-de-Milho”, um cavalo alado, brinquedo inventado pelo primo Duquinha. Em outra ocasião, para encontrar o professor Reis as crianças precisam, simplesmente, recitar a brincadeira tradicional de roda que invoca “São Longuinho” para achar coisas ou pessoas perdidas mediante a promessa de dar três gritinhos quando atendidos. A fantasia aparece como prerrogativa natural da criança e é usada como motivação e atração desta para a leitura e a aprendizagem dos conteúdos tratados nas obras.

A primeira coleção de livros apresenta temas que englobam dois tipos de narrativa: as de informação sobre a forma de vida dos animais e das plantas da região, visando sempre uma mensagem ecológica: *As aves pedem ajuda*, *O romance dos sapos*, *Noites de viração*, *De mãos dadas com a paz*, *O Jovem Tamarindo*; e as de reaproveitamento do folclore e das lendas regionais: *O tupé voador*, *Procurando a noite verdadeira*, *A história da inteligência*, *A Origem das Estrelas*, *Viajando com o Boto no Fundo do Rio*.

Mitos e lendas são apresentados em contraste com a visão cristã e à visão científica dos eventos tratados, embora haja uma tentativa de conciliação entre as três diferentes visões, buscando formar na criança um modo equilibrado de perceber o mundo. É o que se percebe, por exemplo, no livro *A origem das estrelas*, último da coleção: É tempo de Natal e Zezé está com o Bem-te-vi observando a estrelada noite quando notam uma estrela mais brilhante que as outras. Zezé explica ao Bem-te-vi, que nunca comemorara o Natal, que aquela estrela anuncia o começo do terceiro milênio e comemora os dois mil anos de nascimento do Menino-Deus. O Bem-te-vi, então, deseja saber como nascem as estrelas. Zezé explica que as estrelas nascem das nuvens que se transformam em grandes bolas de fogo, mas que existem outras histórias sobre a origem das estrelas. É quando os dois amigos resolvem procurar o Japiim que lhes conta a versão indígena da origem das estrelas. Segundo a lenda, as estrelas são, na verdade, os olhos de um grupo de curumins que permanecem olhando para a terra depois de terem fugido de suas mães que iam castigá-los por uma desobediência. Os curumins, para se livrar do castigo, pediram que um beija-flor amarrasse a ponta de um fio no galho de uma árvore e levasse a outra ponta até o céu. Estando seguros no céu, os meninos viram que as índias suas mães os seguiam e resolveram cortar o fio, mas um dos curumins, justamente o que tinha feito o plano de fuga, tinha ficado para trás. Os meninos, lá do céu, olhavam para a terra tentando ver onde estava o curumim. “Os olhos dos meninos, abertos, assustados, transformaram-se em estrelas”. Zezé e o Bem-te-vi gostam muito da lenda e a consideram parecida com a história do Menino-Deus, quando multiplicou o pão e o distribuiu entre todos os meninos da Terra.

- Faz dois mil anos que o Menino-Deus nasceu – repetiu Zezé.
O Japiim confessou que não sabia quando aconteceram os fatos narrados na lenda. Talvez tenha acontecido há muito mais de dois mil anos. Muito antes da medida do tempo. Bem antes de se descobrir que as estrelas nascem da mistura das nuvens em grandes bolas de fogo. (FARIAS, 2002_r, p.27).

Trata-se de uma tentativa de inculcar na criança-leitora, os valores e a visão de mundo considerados os mais adequados à sua formação integral. No caso dessa história, busca-se apresentar a explicação científica do que sejam as estrelas, aceitando de forma condescendente o mito indígena sobre a origem das estrelas, tentando aproximá-lo dos valores cristãos que, no entanto, prevalecem como verdade inquestionável.

Fazer com que a criança entenda o que há em torno de si a partir da visão do adulto parece ser a função primordial da literatura endereçada à infância.

Na série lançada posteriormente, *Aventuras de Zezé Viajando pela história do Amazonas*, o tom didático da obra de Elson se torna mais explícito, uma vez que cada narrativa da coleção nada mais é do que uma aula de história do Amazonas que o menino Zezé, junto a um grupo de amigos, recebe do professor Arthur Reis, renomado estudioso da Amazônia. Cada um dos catorze volumes da coleção (três ainda no prelo a serem lançados em 2013) narra um período da história do Amazonas desde a expedição de Orellana até a fundação da cidade de Manaus e sua recente história. A criança é representada numa turminha composta de meninos e meninas, mais os passarinhos que sempre acompanham Zezé. A infância é retratada agora como um período de desenvolvimento intelectual em que a criança é um ser curioso, dócil e interessado em conhecer as realidades do mundo, cabendo a um adulto repassar esses conhecimentos. Às características de fragilidade, incompletude e pureza acrescenta-se uma característica fundamental da infância: a criança é um ser educável.

O mesmo acontece com a série *Aventuras de Zezé no lago dos répteis* em que Zezé, junto com sua turminha, recebe aulas sobre répteis dadas por tio Ronis, apresentado como o maior conhecedor de jacarés do planeta. Curiosamente a filha do cientista, a menina Bruna, também vive com um jacarezinho no colo assim como Zezé vive com um bem-te-vi na cabeça, reforçando-se, assim, a condição de inocência e naturalidade atribuída à infância.

No conjunto de livros infantis de Elson predominam os textos em prosa. Apesar de grande parte de sua produção literária não infantil ser de poesia, Elson escreveu, até o momento, apenas dois livros infantis em versos. Um deles chama-se *Travessura de urubus outros bichos e crianças*. Trata-se de nove poemas narrativos, a maioria dos quais apresentam virtudes e defeitos humanos através das ações dos animais, assemelhando-se à fórmula clássica das fábulas. Pelo recurso da alegoria e com um toque de humor são transmitidas lições como o valor da honestidade, da obediência e da humildade. O outro livro de poemas é *O som das letras*. Trata-se de um abecedário no qual, para cada letra, o autor escreveu um poema em que predominam os sons da respectiva letra. O diferencial de outros abecedários do gênero é que as palavras usadas remetem ao universo natural e linguístico da Amazônia. Num texto introdutório ao livro, o autor escreve:

[...] Eu e o meu filho Zezé, que, naquele tempo contava apenas quatro anos de idade, conversávamos sobre os urubus. Os urubus gostam de voar próximos às nuvens. Eles são as aves da Amazônia que voam mais alto. [...]

Decidimos, então, dedicar uns poemas aos urubus. Escolhi o hai-kai, forma de poesia japonesa, muito divulgada entre nós. O hai-kai constitui verdadeira miniatura literária, boa para fixar a emoção que sentíamos naquele momento.

O hai-kai ficou assim:

O abutre das nuvens
flecha em direção à terra:
a chuva chegou.

O abutre da terra
abre as asas para o céu:
a chuva passou.

O Zezé olhou-me com os olhos arregalados cheios de alegria. Mesmo nos seus quatro anos de idade, decorou algumas palavras daqueles hai-kais. Quando eu pedia para ele:

- Zezé diz os poemas dos urubus! – ele abria os braços e pronunciava aquelas poucas palavras, fazendo rir as pessoas.

Observando as reações do Zezé, o seu gosto pela poesia, resolvi escrever os poemas deste livro, que dediquei aos meus netos [...]. Foram escritos a partir do abecedário. Batizei-o com o nome de *O som das letras*, para alfabetizar as crianças, a quem, enfim ofereço o livro. (FARIAS, 2010, pp. 7-8).

Nesta apresentação, mais uma vez o autor enuncia a tendência predominantemente pedagógica da obra e o vínculo de sua produção literária com suas vivências com o filho caçula, mantendo certa coerência formal e temática com o conjunto de suas obras para crianças.

O aspecto mais recente da produção de literatura infantil de Elson é a série *O teatro dos curumins* composta por três peças teatrais apresentadas em três volumes. As histórias são extraídas de textos de produções teatrais compostos pelo escritor em diferentes momentos. A peça *A buzina encantada*, por exemplo, foi escrita para a filha do autor encenar⁴ em um trabalho de escola e baseia-se na interpretação de Nunes Pereira sobre o mito dos índios Maué, segundo o qual os animais teriam surgido a partir da maldade dos homens. Os livros foram concebidos de forma que as crianças possam usá-los para encenar as peças ou simplesmente lê-las. As três histórias têm ambientação amazônica e personagens do universo mágico regional. Os livros, assim como as demais obras de Elson, transmitem ensinamentos às crianças, neste caso, é reforçada a mensagem de proteção e respeito pela natureza. O *release* constante na última capa dos livros expressa o objetivo de colocar as peças a serviço

⁴Informações obtidas na matéria “Elson Farias lança coleção de livros para o público infantil”, publicada no site do jornal A Crítica, em 28/08/12.

da escola “são histórias fascinantes para ser encenadas nas escolas e encantar o coração das crianças”.

Observando as obras infantis de Elson, pode-se afirmar que a relação adulto-criança subjacente é aquela centrada no poder do adulto apoiado na desigualdade de conhecimentos, em que prevalece a concepção conservadora de infância nas obras analisadas. No entanto, essa relação se dá buscando uma aproximação maior com a criança-leitora: o narrador das histórias aparece como um cúmplice da criança, um contador de histórias que, ao narrá-las, transmite informações e valores, aproximando-se da espontaneidade da criança em aceitar o maravilhoso e o lúdico. Mesmo assim a literatura infantil permanece como uma comunicação do adulto *para* a criança e não uma comunicação *entre* o adulto e a criança, o que a torna predominantemente *palavra-informação*. Essa tendência da obra de Elson Farias, colocada como modelo ou referência, é predominante nas obras infantis amazonenses, principalmente porque é uma concepção que norteia o projeto editorial de literatura infantil da Editora Valer, principal promotora do gênero no Amazonas e que apresento a seguir.

2.3 Editora Valer: um projeto de literatura infantojuvenil para crianças amazonenses

Para compreender a produção literária para crianças é imprescindível considerar que esta está íntima e francamente ligada ao mercado e à escola, portanto à ideologia e à tradição, resultando dessa relação sua singularidade como expressão literária, muito mais, talvez, do que o fato de ser dirigida a um público específico. Desde seu início, no século XVIII, a literatura infantil assume a condição de produto cultural de consumo, de mercadoria, numa sociedade que se desenvolvia por meio da industrialização e se modernizava pelo desenvolvimento de novas tecnologias:

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 17).

No sistema de circulação do livro infantil o autor está numa ponta e a criança, na outra. No percurso entre um em outro se interpõem vários mediadores, entre os mais importantes a Escola, que exercem influências de vários graus e tipos, “circunstâncias que cercam a produção do texto que, em última instância, têm um efeito decisivo na ‘poética’, na gramática, na crítica da literatura infantil” (HUNT, 2010, p.221). A esse respeito, é interessante uma declaração da escritora amazonense Leyla Leong em um artigo escrito para a revista Valer Cultural. Após dissertar sobre a atividade de escrever para crianças, apontando como habilidade fundamental do escritor “uma capacidade especial de simplicidade; saber identificar qual a área de interesse do seu público e aquilo que representa a atualidade para as crianças”, a escritora ressalta o quanto este escritor precisa se submeter, de certa forma, a outras influências e interesses determinando sua produção artística:

O autor de histórias para crianças tem de pensar também que a iniciação delas nos prazeres da leitura não se dá espontaneamente: gostar ou não de ler vai depender dos pais e dos professores. Portanto, eis aí mais uma *pedreira que o autor tem de atravessar*. (LEONG, 2012, p.76). (grifos nossos)

A “pedreira” a que Leong se refere apresenta-se, também, no momento de procurar uma editora para publicar a obra. Ou no momento em que a editora procura o escritor solicitando um livro infantil – este tem sido de forma geral, no Amazonas, o caminho trilhado pelos livros infantis publicados nas últimas décadas. A poética da literatura infantil é feita do resultado da resolução de confluências e conflitos: os autores são influenciados por sua própria infância, por observações em sua própria família, pelos livros que leram, pelos modelos artísticos e culturais de arte e literatura vigentes na época de sua produção, mas também devem atender as demandas e modelos apresentados pelos sistemas educacionais e pelo mercado de livros. Cedo a palavra novamente a Leong que convoca uma necessidade de “atrevimento” para superar certa ideia tradicional, ainda vigente na literatura infantil amazonense, que sustenta serem necessários cautela e critério ao selecionar e tratar temas na literatura infantil. Ela diz:

Ainda não me atrevi a fazê-lo, mas tenho pensado muito em escrever um texto sobre um navio pirata que há alguns anos sequestrou crianças africanas e depois as abandonou à deriva no mar.

Seria essa história mais cruel do que a de Rapunzel, prisioneira de uma bruxa na torre de um castelo? Ou a de João e Maria, abandonados pelo pai no meio de uma floresta, à mercê das feras e do medo? Talvez seja mais aterrorizante se pensarmos que o fato é real e está acontecendo, com variações em quase todos os lugares do mundo. (LEONG, 2012, p. 76).

A hesitação da escritora certamente pode ser atribuída mais à necessidade de responder ou se adequar à ideia vigente na sociedade e no mercado local sobre o que deve ser um livro para crianças do que à sua própria concepção ou desejo sobre o tipo de livro infantil que deseja escrever.

Segundo HUNT (2011, p.222):

Existem três elementos no percurso do livro em direção a uma criança: o autor, a editora e a criança. À editora, geralmente é creditado (em especial por ela mesma) o papel principal, pois é quem identifica o mercado e muitas vezes encomenda, modifica ou, mais raro, seleciona textos para esse mercado. Claro que não é uma ciência exata; a muito prestigiada editora de livros para crianças Julia MacRae descreveu o “padrão de publicação” como “sempre mutável, sempre fascinante e sempre imprevisível”.

No contexto amazonense, a constatação do papel fundamental das editoras na produção de literatura infantil fica evidente, sendo mesmo possível identificar um padrão de publicação a determinar as publicações de livros infantis. Por isso é que, para compor o panorama da literatura infantil no Amazonas é preciso examinar o projeto da Editora Valer, a principal fomentadora e produtora local de livros infantis nas duas últimas décadas.

Antes da década de 2000 as publicações literárias para o público infantil no Amazonas eram esporádicas, normalmente vinculadas a projetos independentes de escritores – o que acabava não encontrando expressividade no cenário cultural, inclusive porque alguns livros nem eram editados em Manaus, ou, se aqui editados, tinham circulação restrita; outras publicações eram vinculadas a projetos de instituições de fomento cultural como o SESC, que nas décadas de 1980 e 1990 começou a promover a feira do livro infantil em Manaus e a promover publicações voltadas ao público infantil, destacando-se a atividade de Cacilda Barboza; havia ainda as iniciativas de publicação de livros pelos governos municipal e estadual. Entre os mais recentes, há o “Projeto de apoio e incentivo à cultura” (PAIC) e o “Projeto valores da terra”. Vale ressaltar que a proporção entre publicações adultas e infantis

nesses programas é bastante desigual. No projeto “Valores da terra”, por exemplo, entre 21 publicações selecionadas apenas uma era de literatura infantojuvenil.

Desde o início da década de 2000 a editora Valer cria e investe no nicho do gênero infantil em sua atividade editorial. A partir do ano de 2002 começam a ser lançados títulos infantojuvenis com regularidade pela editora, incluindo obras de Abdiel Moreno, Leyla Leong, com destaque para as coleções de Elson Farias apresentadas anteriormente. Também lança, numa parceria com o Governo do Estado, em 2003, a *Coleção Poracé*⁵ com publicação de textos de teatro. Entre os doze títulos publicados, quatro são de teatro infantil. Finalmente, em 2010, a Valer lança a *Série Florescer da leitura*, que apresenta um projeto editorial bem definido com relação a objetivos, temas e regularidade de publicações.

Por ocasião do lançamento dos primeiros títulos da série, em matéria veiculada pelo site do Jornal A Crítica, Tenório Telles, à época coordenador editorial da Valer, explica as motivações e as perspectivas da editora quanto ao novo projeto:

Estimular a leitura, a produção de livros para crianças e jovens com assinatura de escritores amazonenses e apresentar histórias com temática amazônica. É focada neste objetivo que a Editora Valer lança, neste domingo, a coleção “Florescer da leitura”.

O *Florescer da leitura* surgiu após observar o interesse de professores e alunos sobre histórias com uma ambientação regional. Posso dizer que é um dos projetos mais bonitos da editora”, diz o editor Tenório Telles, orgulhoso. “Eles querem conhecer mais a nossa realidade e nós queremos contribuir para o despertar do leitor infantojuvenil para os assuntos que têm a cara do Amazonas, como os mitos.

Telles destaca que a coleção vai movimentar ainda o meio literário uma vez que os autores também são convidados a mergulhar no mundo amazônico para falar sobre Justiça, família, amor, entre outros temas. Ele revela que a segunda fase de publicações já tem data marcada para chegar ao mercado amazonense: março. “No segundo momento, já estão confirmados nomes como Lúcia Carla Gama, Ivânia Vieira, Mazé Mourão, Liege Albuquerque, Márcio Souza e Max Carpentier”, comenta Teles, que fará parte do grupo como escritor na próxima remessa. “Já estamos em processo de produção, os livros estão sendo escritos”.

Nos anos de 2010 e 2011, então, a Valer lança com regularidade livros infantis da série *Florescer da leitura*, continua a publicação da coleção *As Aventuras de Zezé* – verdadeiro carro-chefe do segmento infantil da editora, além de atuar num trabalho de reedição de livros infantis de escritores amazonenses, antes publicados de forma independente

⁵Detalhes sobre as publicações das séries e coleções citadas neste capítulo encontram-se no *Dicionário da literatura infantojuvenil amazonense* no último capítulo deste trabalho.

ou em outras editoras. É o caso de Ana Peixoto, Leyla Leong, Wilson Nogueira e Antônio Magalhães Morais.

Para examinar o projeto de literatura infantil no Amazonas, focalizando agora o papel da editora Valer, continuo o procedimento de analisar o discurso que se estabelece sobre o tema nos paratextos das obras infantis que compõem meu arquivo da literatura infantil amazonense. Para isso, deter-me-ei na leitura dos prefácios encontrados nos livros infantis da editora Valer, especialmente os da série *Florescer da leitura*. Como parâmetros de análise, busquei novamente as formulações teóricas de Gerard Genette (2009), particularmente as referentes à “instância prefacial” dentro de seu estudo sobre os paratextos editoriais.

Em primeiro lugar, desejo sublinhar que a existência de prefácios em livros infantis não é um fato corriqueiro. Em geral, quando há um elemento paratextual desse tipo, no lugar de um prefácio, há uma apresentação breve ou uma introdução de caráter lúdico com o objetivo de estabelecer uma aproximação com o leitor-criança, motivando-o à leitura. Na verdade, nos livros infantis fica evidente o “caráter irregular da obrigatoriedade do paratexto” o qual vale para o público e para o leitor: “ninguém é obrigado a ler um prefácio, mesmo que essa liberdade nem sempre seja bem-vinda para o autor, e veremos que muitas notas são dirigidas apenas a *certos* leitores” (GENETTE, 2009, p.11). Tomando isso em consideração, a presença recorrente de prefácios nos livros infantis amazonense é uma ocorrência digna de análise. De fato, retomo o que já havia afirmado sobre os destinatários dos prefácios presentes nos livros infantis. Certamente o destinatário principal não é a criança, visto que a forma e o conteúdo dos textos estão colocados distantes da perspectiva infantil. Daí concluir-se que esses prefácios dirigem-se ao leitor-adulto em seu papel de mediador entre a criança e o livro.

Por outro lado, do ponto de vista dos destinadores do texto prefacial também se evidencia o fato de que, os prefácios presentes nos livros infantis do Amazonas se referem menos ao texto do livro em que figuram do que a um projeto mais amplo de literatura infantil em que tal livro se insere. Apesar de, segundo Genette, a forma mais comum de prefácio ser o prefácio autoral⁶, nos livros infantis amazonenses o tipo mais comum é o prefácio alógrafo original, ou seja, aquele que surge no momento da primeira publicação do livro, mas é assinado por uma terceira pessoa. No caso dos prefácios examinados esse fato não é apenas

⁶Os prefácios, segundo Genette, se definem e tipificam pelo momento de surgimento do paratexto em relação ao texto a que se refere e pela natureza do destinador. O prefácio autoral é aquele entendido como original, ou seja, seu aparecimento acontece no momento da primeira publicação do livro, e autêntico porque assinado e assumido pelo próprio autor do livro.

uma questão de classificação, mas já informa sobre a função dos prefácios colocados nos livros infantis. Quem assina a maioria dos prefácios da série *Florescer da leitura* é o escritor Tenório Telles, coordenador editorial das publicações infantis, que representa, em seus textos, a “voz” e a influência da editora no desenvolvimento da nascente produção literária infantil amazonense que estabelece critérios, temas e objetivos para ela. Não é possível verificar empiricamente a força dessa influência na criação dos livros, a não ser através de relatos informais de autores, em conversas particulares ou em eventos públicos, reveladores de como determinados temas ou até o uso de certas palavras nos textos dos livros sofrem intervenção, interferência ou até restrição por parte da editora no momento da publicação, exatamente em nome de um padrão de literatura infantil estabelecido pela editora. Em todo caso, pela uniformidade visível no que concerne, por exemplo, às temáticas e ao enfoque dado a essas temáticas, pode-se, sim, verificar o quanto a ação da editora tem imprimido um modelo de literatura infantil no Amazonas.

Segundo Genette, o prefácio tem por função principal garantir ao texto uma boa leitura.

Essa fórmula simplista é mais complexa do que pode parecer porque compreende duas ações, a primeira das quais condiciona, sem de modo algum garanti-la, a segunda como uma condição necessária e não suficiente: 1. *obter uma leitura* e 2. *conseguir que essa leitura seja boa*. Esses dois objetivos, que se pode qualificar, o primeiro, de mínimo (ser lido) e o segundo, de máximo (... e se possível, bem lido) estão ligados, evidentemente, ao caráter autoral desse tipo de prefácio (sendo o autor o principal e, na verdade, o único interessado numa boa leitura), a seu caráter original (mais tarde, corre o risco de ser tarde demais: um livro mal lido e, a *fortiori*, não lido, em sua primeira edição, corre o risco de não conhecer outras) e a sua localização preliminar e, portanto, monitória: eis *por que* e eis *como* você deve ler este livro. (GENETTE, 2009, p. 176).

Nos prefácios dos livros infantis amazonenses o “interesse” em conduzir a leitura adequada do livro expande-se, explicitamente, do autor para o editor. De fato, em nenhum dos livros infantis é o autor que assina o prefácio. A localização original e monitória desses prefácios indica a necessidade da construção de um discurso de legitimação, consolidação e aceitação da literatura infantil regional. Mais do que “eis por que e eis como você deve ler *este* livro”, os prefácios dos livros infantis da editora Valer dizem: “eis por que e eis como você, leitor-adulto, deve ler e dar a ler livros regionais de literatura infantil para o leitor-criança”. Para Genette, então, há dois grupos de funções do prefácio, ligadas uma ao porquê e

a outra ao como ler o livro. Os temas do porquê buscam reter o leitor num processo tipicamente retórico de persuasão que, modernamente, trata de valorizar o texto sem indispor o leitor com uma valorização imodesta demais do autor. No caso dos livros infantis, o processo diz respeito a valorizar não um texto específico, mas todo e qualquer texto produzido para as crianças amazonenses.

Genette tipificou da seguinte forma os temas do porquê: importância, novidade ou tradição, unidade, veracidade e autocrítica preventiva. Os temas do como são mais numerosos, porém dizem mais respeito a prefácios autorais, motivo pelo qual não são considerados aqui.

Os temas do porquê recorrentes nos prefácios de Tenório Telles são o tema da importância, o tema da novidade e o tema da unidade. No que diz respeito ao tema da importância o argumento frequentemente utilizado é o que associa a produção da literatura infantil a seu papel utilitário na formação de leitores. Isso decorre (ao mesmo tempo em que é o causador), como demonstrarei a seguir, da tendência predominantemente pedagógica da literatura infantil produzida atualmente no Amazonas. Com relação ao tema da novidade, o argumento utilizado é o do pioneirismo dos autores que têm se dedicado nos últimos anos ao gênero infantil. É o que se mostra, por exemplo, nos textos abaixo:

O gênero infantojuvenil, em termos qualitativos e quantitativos, é recente na produção literária regional. Ana Peixoto é uma das autoras responsáveis pela sua consolidação. (Apresentação do livro *Os animais do meu quintal*, de Ana Peixoto (2010), escrita por Tenório Telles.)

A literatura infantojuvenil que se produz no Amazonas apresenta como traço definidor as cores, os motivos e a atmosfera regional, ajudando a fixar a literatura dedicada às crianças e jovens. (Apresentação do livro *Sapos no quintal*, de Ana Peixoto (2010), escrita por Tenório Telles.)

A caracterização da literatura infantil identificada com “as cores, os motivos e a atmosfera regional” presente no texto acima é o principal argumento utilizado no tema da unidade nos prefácios de Tenório Telles, o qual confere à literatura infantil no Amazonas uma identidade. Escrever para crianças no Amazonas significa, atualmente, escrever *sobre* a Amazônia para crianças que, embora nativas na região, carecem de conhecê-la e valorizá-la.

Tendo caracterizado as funções e os temas da instância prefacial dos livros infantis da editora, passo a examinar o projeto de literatura infantil que emerge desse discurso. Um primeiro aspecto a ser apontado no projeto de literatura infantil da editora diz respeito à concepção de infância subjacente a ele. É importante considerar que tal concepção de infância não é resultado de um processo reflexivo e crítico, até porque muito recente. Simplesmente é a concepção mais espontânea quando se trata de produzir bens culturais para infância porque vinculada à necessidade latente de educação do ser em desenvolvimento, daí, certamente resulta o caráter mais conservador desta concepção.

No prefácio do livro *As frutas do meu quintal*, de Ana Peixoto (2010), Tenório Telles escreve:

Monteiro Lobato, após perceber que muito pouco poderia fazer para mudar a percepção dos adultos em relação à vida e aos problemas da sociedade, optou pela literatura infantojuvenil. Acreditava que as crianças e os jovens eram mais receptivos aos estímulos proporcionados pela leitura. Por isso chegou a pensar em fazer dos livros casas que acolheriam as crianças – um lugar alegre, onde pequeninos conviveriam com o mundo da imaginação.

Ficam evidentes no texto acima dois aspectos pertinentes à concepção conservadora de infância. O primeiro é o que projeta na infância as frustrações e as não realizações do adulto, numa atitude de projeção em direção ao futuro, visto ser a infância um estado de transitoriedade: se “pouco se pode fazer para mudar a percepção dos adultos”, as crianças carregariam as possibilidades e potencialidades para corrigir os erros cometidos em relação à vida e aos problemas da sociedade. O segundo aspecto diz respeito ao fato de a criança ser vista, predominantemente, como um ser educável, apto a receber passivamente a visão de mundo recebida pelo adulto. Acrescenta-se a isso a valorização da percepção de que a criança é um ser naturalmente inclinado à fantasia, ao imaginário e ao lúdico. Na apresentação do livro *Formosa a sementinha voadora*, de Wilson Nogueira (2010), Telles escreve:

As crianças gostam de ouvir histórias, de brincar e inventar suas narrativas – concebidas como brincadeiras com o imaginário, com as palavras e com a capacidade de narrar. Incentivar a leitura e a aptidão criativa que possuem é uma forma de manter ativa a inventividade e o entusiasmo pelas palavras e pela magia das narrativas. A escritora Lygia Bojunga considera a leitura um ato transformador e definitivo na vida dos seres humanos: “Quem tem o hábito da leitura está salvo para o resto da vida”.

As três características observadas no discurso sobre literatura infantil agora apresentadas são suficientes para que se afirme que a concepção de infância vigente na literatura infantil produzida no Amazonas é uma concepção predominantemente conservadora.

O outro aspecto que busco determinar nos prefácios é a função atribuída à literatura infantil. O *press-release* fornecido pela editora e divulgado nos meios de comunicação na ocasião do lançamento da série *Florescer da leitura* esclarece algo a esse respeito ao informar os objetivos da série desta forma:

O projeto tem o objetivo de estimular a leitura, a produção de livros para crianças e jovens com assinatura de escritores amazonenses, apresentando histórias com temática amazônica e colocando os leitores em contato com temas complexos, mas de uma forma lúdica, informativa e formativa para as novas gerações.

Delineiam-se, então, três objetivos ou funções para a literatura infantil: 1) contribuir para a formação de leitores através de textos específicos para crianças e jovens; 2) produzir textos com ambientação e temática regional, para formar leitores identificados com a cultura amazônica; 3) oferecer um instrumento de formação e informação para as novas gerações. Os três objetivos apontam para a atribuição de uma função mais utilitária do que estética para a literatura infantil. Sobressai dessa função a tarefa de atuar na formação de leitores. Apesar disto, o discurso apresentado nos prefácios não gira em torno da literatura, seu valor e sua especificidade, mas sim, em torno da própria atividade de leitura, apresentada como uma experiência redentora, transformadora e fundamental na vida do ser em formação. É o que se vê nesses trechos:

A leitura é uma experiência transformadora e definitiva na vida do ser humano, especialmente das crianças. O desafio dos pais e dos professores é aproximar dos filhos e os alunos da leitura e do livro. Esta obra é parte desse esforço para encantar o público infantojuvenil, encaminhando-o nessa viagem pelo mundo mágico das palavras. (Apresentação do livro *Sonhos de cuirão*, de Neuton Corrêa (2010), escrita por Tenório Telles)

Um ser humano é verdadeiramente livre quando é capaz de ler e dialogar com o mundo que o cerca. Melhor dizendo: quando é capaz de se encantar com a vida –

seus mistérios, nuances, cores, sons e beleza. Estamos no mundo para construir o bem, o belo e a utopia – um mundo mais justo, alegre e solidário. A literatura é o caminho para a afirmação desse diálogo com a vida, com as coisas simples, com as águas e com os seres encantados. (prefácio do livro *Histórias de bichos da Amazônia*, de Ana Peixoto (2010), escrito por Tenório Telles).

A leitura é uma experiência definitiva na vida das crianças. Sem a leitura, o imaginário infantil fica esvaziado. É missão dos pais, dos professores, da escola e da sociedade trabalhar para oportunizar o acesso dos pequenos aos livros – é mais que um direito das crianças, é uma sementeira de fé e valores, e um estímulo à imaginação. (Apresentação do livro *O pescador e a princesa encantadora*, de Antônio de Magalhães Morais, escrita por Tenório Telles).

À literatura infantil, portanto, é atribuída uma função utilitária visto que ela está a serviço de um projeto educativo: formar leitores. Consequentemente, a literatura infantil:

Assume então traços educacionais, fazendo-se útil à formação da criança e capturando-a efetivamente, ao transformar o gosto pela leitura numa disposição para o consumo (o que explica sua aproximação por parte de alguns teóricos, à cultura de massas e à história em quadrinhos) e para a aquisição de normas. (ZILBERMAN, 1982, p.22).

Além de atuar na formação de leitores, a literatura infantil também se torna transmissora de valores e comportamentos que a criança precisa aprender, como a honestidade, a persistência, o senso de família, entre outros.

O escritor Antônio Magalhães Morais segue caminho semelhante. Dedicar-se à produção de livros para as crianças e os jovens. Seu objetivo é ajudar a formar leitores e principalmente discutir em suas histórias, temas ligados à vida e aos valores morais. As narrativas de Antônio Magalhães se sobressaem pelo conteúdo de humanidade e pelo cultivo das virtudes que perpassam seus textos. (Apresentação do livro *O pescador e a princesa encantadora*, de Antônio de Magalhães Morais, escrita por Tenório Telles).

Este é um livro especial, escrito numa linguagem simples e cheio de lições de vida, em que o autor fala de temas como solidariedade, amizade, cuidado com a natureza, coragem e aprendizagem. A história de Formosa é uma metáfora da própria existência, manifesta na trajetória do ser humano, que vive muitos desafios do seu nascimento até amadurecer e adquirir segurança, como a sementinha voadora, que, após rodear “o mundo”, será plantada e se transformará numa bela samaumeira, e “dará muitas frutas e sementes!”. (Apresentação do livro *Formosa, a sementinha voadora*, 2010, escrita por Tenório Telles).

Uma lição recorrente na literatura infantil amazonense refere-se ao aprendizado de uma atitude positiva e respeitosa diante da natureza. De fato são numerosos os livros que

tratam do tema do respeito e da preservação da natureza amazônica. Essa lição, além de tudo, deve ser aprendida através do contato e da observação direta da natureza, mas na impossibilidade disso – como pode ser o caso das crianças que vivem na cidade – a literatura infantil aparece como substituta da experiência de aprendizagem através das lições da natureza. A natureza, aliás, não é problematizada e é apresentada como o lugar ideal da harmonia e da beleza que o homem deve observar para aprender a viver melhor e, sobretudo, a natureza é um lugar sagrado o qual o homem deve respeitar e preservar:

As narrativas de Ana Peixoto são tecidas com os fios da sensibilidade e com os cantos dos pássaros. São estórias identificadas com a terra e têm como cenário a paisagem amazônica. Lê-las é lembrar cheiros, cores, sons e sabores. É na verdade reaprender a sentir e perceber a beleza e o sentido desses pequenos acontecimentos para as nossas vidas. (prefácio do livro *Histórias de bichos da Amazônia*, de Ana Peixoto (2010), escrito por Tenório Telles).

O seu quintal é um pequeno sítio onde convivem os seres humanos, as plantas e os bichos. É a partir da descrição desse universo que tece sua narrativa, revelando, para seus leitores, as plantas e seus frutos – numa lição de amor e valorização da natureza. (Apresentação do livro *As frutas do meu quintal*, de Ana Peixoto (2010), escrita por Tenório Telles).

“Os animais do meu quintal” é um livro que se estrutura como mostruário dos bichos do quintal de Ana e seus hábitos, estripulias e o modo como se relacionam com a natureza e o ser humano. A autora apresenta esses seres de forma delicada, numa linguagem simples e objetiva de forma a chamar a atenção das crianças para a necessidade de cuidar do meio ambiente. A narrativa de Ana Peixoto tem cheiro de terra, mato e dos bichos que habitam suas histórias. (Apresentação do livro *Os animais do meu quintal*, de Ana Peixoto (2010), escrita por Tenório Telles).

Cuirão é o personagem dessa história. Seu nome deriva de “cuíra”, expressão típica da Amazônia, atribuída a pessoa irrequieta, “que não para”. A verdade é que Cuirão é uma pessoa curiosa, gosta de aprender. Na sua busca, aprendeu muito com os bichos, com as formigas, com os peixes, em especial com o pirarucu, que o ensinou a ser atencioso com os seus filhos. O livro de Neuton Corrêa é uma lição de vida, que nos ensina o valor da família e a importância de aprendermos com as lições da natureza. (Apresentação do livro *Sonhos de Cuirão*, de Neuton Corrêa (2010), escrita por Tenório Telles).

O segundo objetivo do projeto editorial da Valer – produzir textos com ambientação e temática regional, para formar leitores identificados com a cultura amazônica – tornou-se a motivação mais importante para a escrita de livros infantis por autores locais. Neuton Corrêa, em declaração ao Jornal A Crítica indica a força dessa motivação:

Com o [projeto] *Florescer da leitura*, a editora traz uma nova possibilidade de mercado. O projeto estimula a produção literária regional pelo lado mais significativo. As pessoas estão se preparando para a vida e, por meio destes trabalhos, elas podem conhecer o espaço geográfico, a referência de identidade e noções de valores culturais [...]. É importante para que crianças e jovens tenham conteúdos para compreender a realidade local e fazer um contraponto com a de outras regiões.

Uma ampliação do objetivo de formar leitores identificados com a cultura amazônica foi o lançamento, em 2011, de outra coleção direcionada ao público infanto-juvenil – a *Nheengatu*– concebida para incentivar e acolher autores indígenas. A ideia é que, dispensando os intermediários, os próprios indígenas criem obras que possam ajudar a preservar a memória de sua gente e partilhar com a sociedade em geral, sobretudo com as novas gerações, seus mitos e histórias. Este projeto editorial vai também ao encontro de uma exigência dos parâmetros curriculares nacionais de educação que exigem o estudo das culturas indígena e africana no Ensino Básico.

No conjunto de obras infantis publicadas pela Valer, coerentes com esse objetivo, verificam-se dois tipos de publicações para crianças: o primeiro tipo é o que se dedica a apresentar e informar sobre aspectos da natureza, da cultura e da história do Amazonas. Nesse tipo de livros o grau de intenção pedagógica é mais elevado. O segundo tipo é o que se dedica a recontar histórias da tradição oral amazônica ou da tradição indígena e a reaproveitar elementos no folclore. Nesse segundo tipo a intencionalidade pedagógica é menos evidente na construção dos textos e dá margem para uma maior liberdade na criação e abertura para a inovação e para a experimentação estética. Mesmo assim, a intencionalidade pedagógica de base permanece evidente, uma vez que o objetivo principal é formar leitores identificados e interessados em temas de sua terra. A *palavra-informação* tem predominado na produção da literatura infantil amazonense, ficando em segundo plano a *palavra-arte*. Nelly Novaes Coelho (2000) explica essa alternância de predomínio entre as duas tendências associando-a ao contexto cultural em que determinada literatura infantil é produzida.

Sabe-se que em momentos de transformação, quando um Sistema de Vida ou de Valores está sendo substituído por outro, predomina o aspecto “arte”, na literatura: o ludismo (ou o “descompromisso” em relação ao pragmatismo ético-social) é o que alimenta o literário, e procura transformar a literatura na *aventura espiritual* que toda verdadeira criação literária deve ser. [...]

Já em *épocas de consolidação*, quando determinado Sistema se impõe, a intencionalidade “pedagógica” domina praticamente sem controvérsias, pois o

importante para a criação no momento é transmitir valores para serem incorporados como “verdades” pelas novas gerações. (COELHO, 2000, p. 25).

Uma vez que o projeto de literatura infantil da Valer se encaminha na via de se tornar um projeto de resistência e de afirmação da cultura amazônica perante as crianças amazonenses, e considerando o momento praticamente de fundação do gênero infantil no Amazonas, entende-se e justifica-se a predominância da intencionalidade pedagógica nos livros produzidos e sua vinculação à concepção conservadora de infância.

Na história da literatura infantojuvenil que começa a ser escrita no Amazonas, a Editora Valer certamente assinará a página do pioneirismo, principalmente por ser a maior promotora de livros infantis no Estado. Por um lado a influência da editora pode representar limites à criação literária quando impõe um projeto conservador de literatura para crianças fazendo parecer “que o autor está realmente morto, e que as restrições de gênero (incluindo estilo, estrutura e conteúdo) em termo do que é aceitável no mercado prevalecem sobre o original e o individual” (HUNT, 2010, p. 227), e suplantam a norma literária de crescimento e experiência. Por outro lado “quaisquer que sejam as macroinfluências, elas sempre serão expressas nos microssistemas que, em última instância, são capazes de subverter e de ser subvertidos” (HUNT, 2010, p.227). É preciso reconsiderar, no circuito do livro, o papel que a criança pode ter na formação da literatura infantil. Ao contrário de como a representam as idealizações literárias conservadoras da infância, a criança que lê a literatura infantil hoje é uma criança com referências culturais e educativas plurais, está exposta desde muito cedo a muito mais estímulos que a geração de seus pais, é mais crítica e ativa no confronto com a autoridade dos adultos e, portanto, diante do livro tem mais possibilidades de “diálogo” com a obra, aceitando ou rejeitando de forma mais decisiva o que lê. É importante também considerar o papel dos mediadores entre o livro e a criança, em especial no âmbito da escola: também eles podem adotar uma postura emancipadora no processo de mediação e, diante da literatura infantil, formar exigências estéticas na criança diante da literatura produzida para ela, propiciando a superação da postura pedagógica da literatura.

A literatura infantojuvenil amazonense protagonizada pela Editora Valer não tem desmentido o roteiro geral da história da literatura infantil e universal que caminhou de uma inicial tendência educativa para a abertura a uma tendência estética na representação do

mundo para a infância. Resta ficar à espera e à espreita dos sinais (alguns deles já visíveis) do movimento em que a *palavra-informação* cederá mais espaço à *palavra-arte*.

Capítulo 3

Literatura infantojuvenil amazonense: um panorama do período entre 1982 e 2012

Diante do fenômeno do recente surgimento da literatura infantil no Amazonas, coloquei-me a tarefa de propor em âmbito acadêmico uma primeira aproximação ao tema, compondo um panorama que pudesse apresentar essa recente produção através de uma pesquisa de mestrado. O termo panorama está sendo entendido como “uma visão ampla e geral de um acontecimento, uma visão de conjunto” (cf. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* da Academia Brasileira de Letras). Apesar de necessária e desejável, não era objetivo da pesquisa a análise aprofundada de elementos particulares do conjunto de obras e autores, o que foi feito, no entanto, apenas quando tal análise podia fornecer informações que se aplicassem ao conjunto. A pesquisa culmina com a elaboração de um *Dicionário da literatura infantojuvenil amazonense*, apresentado neste capítulo.

Quando falo em panorama, imagino uma janela sendo aberta. Esta janela está colocada num ponto elevado e permite, num único lance de olhar, perceber toda uma paisagem à minha frente. Sei que ao contrário do que prega a sabedoria popular, “a primeira impressão” nem sempre é, de verdade, “a que fica”, mas para observar uma paisagem pouco conhecida, a visão em panorama pode ser a melhor abordagem inicial.

O processo de composição deste panorama iniciou com o levantamento de livros que tivessem sido escritos explicita e assumidamente com a indicação de “literatura infantojuvenil” por seus autores ou editores amazonenses. Também entraram em minha busca autores que, mesmo não amazonenses, tivessem escrito e publicado no Amazonas. A busca começou pelas livrarias: inicialmente pela Valer. Isso devido ao fato de nos últimos quinze anos a Valer ser a editora que mais tem publicado livros para crianças. Depois parti para as outras livrarias e para as bibliotecas públicas. Nas bibliotecas, uma triste constatação: a literatura infantil, ainda ocupa um espaço menor, na verdade “diminuído”, no cenário geral dos acervos de nossas bibliotecas. E se a busca refina-se para autores amazonenses, menor ainda a quantidade de títulos do acervo. Na Biblioteca Pública do Amazonas, por exemplo, enquanto minha lista tinha o registro de mais de cem livros, a seção designada como

“Literatura infantil amazônica” possuía pouco mais de uma dúzia! O fato levou a gentil assistente de biblioteca que me ajudava na busca a exclamar: “Mas isso é muito estranho, não é”? Sim, é! Mais estranho ainda é não conseguir encontrar nas bibliotecas (nem em canto algum, quase!) os livros da Cacilda Barbosa publicados na década de 1980 e 1990, os primeiros do gênero que se tenha notícia e registro no Amazonas. Ou um livro de Áureo Melo, intitulado *Era uma vez...*, de data não informada, do qual consta apenas o registro bibliográfico na súmula biobibliográfica *Poetas e Prosadores Contemporâneos do Amazonas*, de 1994, escrita por Arthur Engrácio. Aliás, buscar registros de livros infantis em estudos sobre a literatura amazonense foi outro procedimento adotado na pesquisa. Foram feitas consultas, também, nos catálogos infantojuvenis das editoras nacionais que publicam o gênero para descobrir autores amazonenses que publicaram “fora” do Amazonas. Nesses catálogos, algumas surpresas! Entre elas a descoberta, ao menos para mim, da quantidade significativa de obras infantojuvenis de autoria indígena, de escritores amazonenses como Yaguarê Yamã e Roní Wasiri Guará, entre outros. Por fim, minha busca se dirigiu às secretarias municipal e estadual de cultura que, por meio de programas de incentivo, também publicaram livros infantis.

O resultado do levantamento de obras e autores foi organizado em três tabelas complementares (apresentadas antes dos verbetes do *Dicionário*). Na “Tabela 1 – Autores e obras da literatura infantojuvenil” –, apresento, em ordem alfabética, os títulos dos 114 livros junto ao nome dos respectivos autores, ano de publicação e editora. O livro mais antigo registrado é o de Astrid Cabral, de 1982, chamado *Zé Pirulito* e publicado em Brasília e no Rio de Janeiro. Os mais recentes, *Piripaque e rapinante*, de Cacilda Barboza e *Tia Teté: histórias e lendas amazônicas* que, apesar de publicados em 2012, só foram lançados oficialmente em abril de 2013. Acredito que o levantamento esteja completo diante das possibilidades de pesquisa deste momento. Claro está, porém, que um levantamento deste tipo não poderia ousar dizer-se total e definitivo e novos títulos poderão ser incorporados à tabela após a conclusão da minha pesquisa.

A “Tabela 2” refere-se à indicação dos livros segundo as fases de desenvolvimento da leitura, uma especificidade do público infantojuvenil enquanto leitores de literatura. Não concordo que se afirme que certos livros podem ou devem ser lidos apenas por crianças de determinada idade. Nesse ponto concordo com Cecília Meireles, quando em seu livro *Problemas de literatura infantil* (1979), diz que seria mais acertado classificar como literatura

infantil aquilo que as próprias crianças escolhem e leem com utilidade e prazer. Nada impede que uma criança aprecie e se identifique com uma história que ainda não consegue ler sozinha, se mediada pela voz de uma pessoa amiga que compartilhe com ela aquela leitura. Ou que livros de imagens que, *a priori* seriam indicados para pré-leitores, encantem e proporcionem momentos de prazer e reflexão para crianças que já leem fluentemente e, até, adultos. Mesmo assim, resolvi relacionar os livros infantis amazonenses segundo as fases de desenvolvimento da leitura apenas como indicação para as pessoas que não os conheçam ainda terem uma informação descritiva a mais sobre eles. A classificação dos leitores por fases foram propostas por Nelly Novaes Coelho em *Literatura Infantil* (1987) e se trata de uma classificação que tem mais a ver com a capacidade de acessar o livro de forma autônoma do que com a faixa etária das crianças. A leitura desta tabela permite constatar que, na produção amazonense, há uma preferência dos escritores por escrever para leitores em processo de consolidação da aprendizagem da leitura e para leitores fluentes. Este dado é coerente com o projeto de literatura infantil que se tem delineado no Amazonas. Esse projeto de literatura está comprometido com a tarefa de formar leitores e, por isso, dirige-se especialmente àquele momento do desenvolvimento infantil em que o aprendizado da leitura é o elemento fundamental no processo de inserção da criança na sociedade realizado principalmente na escola. Dessa forma, a literatura infantil amazonense repete o roteiro histórico da literatura infantil universal no momento de seu surgimento ao vincular a atividade de escrever para a infância ao projeto educativo da escola.

A “Tabela 3” apresenta a distribuição dos livros por gêneros discursivos e por temáticas. Para a organização da tabela baseei-me na classificação proposta na *Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil*, elaborada anualmente pela Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, de São Paulo. É preciso ressaltar a esse respeito que, assim como a classificação dos níveis de leitores, essa distribuição por gêneros e temáticas pretende ser apenas indicativa. Se na literatura não-infantil contemporânea a definição de gêneros literários nas obras tornou-se uma atividade marcada pela impossibilidade de categorizações únicas, muito mais difícil é imputar classificações à literatura infantil que, por natureza e definição, é uma manifestação literária livre e híbrida, para a qual convergem, no mesmo livro muitas vezes, diferentes linguagens, formas, propostas estéticas etc. Para definir a classificação do livro em dada temática, levei em conta os elementos que mais se destacam em determinado livro, sendo possível, porém, que no mesmo livro encontrem-se mais de uma temática. Entre

os gêneros, predominam os narrativos (contos, fábulas e novelas) e, entre estas há a predominância de histórias com forte vínculo com a tradição oral e histórias com ambientação regional, sob a forma de recontos ou recriações. A literatura infantil amazonense, em seus momentos iniciais, bebe na mesma fonte da literatura infantil universal e brasileira: a literatura oral e a cultura popular, identificadas com as necessidades e com a psicologia infantil. Nelly Coelho (1987, p. 21) explica a identificação entre o popular e o infantil afirmando que as duas categorias têm em comum o fato de o conhecimento da realidade se dar não através do racional ou da inteligência intelectual, mas através do sensível, do emotivo, da intuição. Daí o popular e o infantil se sentirem atraídos pelas mesmas realidades. A matéria privilegiada da literatura infantil amazonense pertence ao campo do maravilhoso, das fábulas, dos mitos e das lendas cuja linguagem metafórica se comunica facilmente com o pensamento da criança. O maravilhoso torna-se o mediador por excelência dos valores e das informações que precisam ser passadas para as crianças. Esse fato também é coerente com a tendência predominantemente pedagógica que a literatura infantil assume no momento atual, a qual, por sua vez, emana de uma concepção conservadora de infância.

Entre os autores amazonenses há um grupo que publicou livros infantis apenas em editoras não locais. Na maioria desses casos (Astrid Cabral, Márcio Souza, Rodrigo Abraham), tais livros não alcançaram grande circulação no mercado local, passando inclusive despercebido o fato de serem seus autores amazonenses. A produção desses autores não se insere diretamente no projeto de literatura infantil que está sendo desenvolvido localmente e, sim, no cenário geral da literatura infantil brasileira. Uma produção literária que segue este caminho é a literatura infantojuvenil de autoria indígena. Os autores indígenas amazonenses (Yaguarê Yamã, Roni Guará, Elias Yaguakãg, Tiago Hakiy) estão vinculados ao recente movimento de publicação de livros de autoria indígena para crianças e adolescentes que ocorre no Brasil desde a década de 1990. O objetivo dessa literatura é o de apresentar as experiências, a sabedoria e a memória dos povos indígenas brasileiros e sua importância reside na possibilidade de expressão das diferentes culturas indígenas por autores nativos. A discussão sobre esta produção ainda carece de estudos e pesquisas. Uma questão importante diz respeito à classificação de algumas obras como literatura. Para os não-índios podem ser mitos e lendas, portanto literatura, mas para os índios, algumas são histórias sagradas e milenares. Alguns livros são predominantemente informativos, ficando mais próximos aos gêneros didáticos. Ninfa Parreiras (2009, p. 126) identifica algumas linhas de criação na

literatura de autoria indígenas. Há os livros de caráter informativo que trazem curiosidades e informações sobre os povos indígenas, expondo a variedade e especificidades das diferentes culturas. Há os relatos memorialistas que mesclam as experiências pessoais misturadas com as histórias do repertório oral. Há os recontos de mitos e fábulas do universo indígena e, ainda, as criações livres em prosa. Entre os livros de autores indígenas amazonenses prevalecem os recontos de lendas e mitos e os livros de informação sobre os povos indígenas amazônicos, embora haja livros das quatro tendências apresentadas por Ninfa Parreiras.

A poesia ainda tem uma representatividade pequena na literatura infantil amazonense. No levantamento feito aparecem apenas oito livros de poemas. Em comum, esses livros têm a característica de apresentar elementos naturais da Amazônia através dos recursos sonoros e formais da poesia.

Os textos de teatro também são minoria na produção literária para a infância. Entre eles podem-se perceber dois tipos de livros: os que foram publicados tendo em vista o leitor-criança e os que apenas registram os textos teatrais endereçados à infância. No primeiro tipo se enquadram os três livros da série *O teatro dos curumins*, de Elson Farias. As peças foram escritas com finalidade pedagógica, mas são apresentadas em forma de livro infantil, ricamente ilustrado, o que facilita a leitura e a fruição pelas crianças mesmo sem encenação. As três peças carregam uma lição de cunho ecológico a ser transmitida e aceita pela criança. No outro tipo de livros de teatro estão os da *Coleção Poracé* que publica textos de espetáculos importantes voltados ao público infantil montados no Amazonas desde a década de 1970. Em tais textos, percebe-se uma concepção diferente de infância. A criança não é apenas um ser educável, mas um sujeito capaz de crítica e reflexão. A maioria dos textos traz uma mensagem de preservação ambiental, mas não de forma simplista. Durante a ação dos personagens e usando o humor e o maravilhoso, a criança é levada a conhecer e refletir sobre os interesses econômicos envolvidos na exploração dos recursos naturais. Permanece nas obras o teor pedagógico tão resistente na literatura regional, porém sobre outra perspectiva, apostando na inteligência e na capacidade de crítica da criança.

Um panorama da literatura infantil não poderia deixar de observar as ilustrações dos livros visto que a ilustração é, hoje, um elemento definidor da especificidade do livro infantil. A ilustração, segundo Ramos e Panozzo (2011), constitui uma linguagem própria, cuja função é produzir sentido tanto pela interação que provoca com o leitor por si mesma, como também por sua articulação com a palavra. As autoras apresentam inúmeras funções da ilustração em

relação à linguagem: descrever, narrar, simbolizar, brincar, persuadir, normatizar e pontuar pela linguagem plástica. Percebe-se que nas ilustrações dos livros infantis amazonenses, de modo geral, a ilustração ainda ocupa um espaço subsidiário em relação à linguagem verbal. Na maioria dos casos, a imagem aparece apenas como suporte – descritivo e narrativo – para a melhor compreensão do texto verbal. Ela não possibilita a construção de outros significados que se articulariam aos significados verbais enriquecendo a experiência estética das narrativas. Aliás, os primeiros livros infantis publicados no Amazonas, os de Cacilda Barboza, não apresentavam um cuidado gráfico e editorial apurado. A quantidade de ilustrações não acompanhava o volume de palavras e funcionavam como um complemento dispensável do texto. O mesmo acontece com os livros publicados pelas editoras do governo municipal e estadual. Apenas a linguagem verbal é considerada para a avaliação dos livros a serem editados para a infância. Esse aspecto está em descompasso com o desenvolvimento das publicações infantis em âmbito nacional em que o aspecto gráfico tem merecido cada vez mais atenção e cuidados dos criadores. As publicações da Editora Valer, no entanto, ao longo das duas últimas décadas, têm apresentado uma evolução no tratamento da linguagem visual do livro infantil. A princípio, por exemplo, a ilustração era apenas figurativa, funcionando como um tradutor das palavras em imagem para facilitar o entendimento da criança. Atualmente ganham espaços ilustrações que possuem uma função simbólica, ou seja, chamam a atenção para o caráter metafórico de passagens do texto, enriquecendo os sentidos do livro.

Demonstrei em várias passagens deste texto que entre as duas tendências – artística e pedagógica – sobre as quais a literatura infantil se desenvolve, prevalece a última na produção amazonense. Mas é ainda necessário dizer que, em cada obra, o grau de intencionalidade pedagógica varia muito. Há textos como o livro *Lixo, lixinho, lixão*, de Abdiel Moreno e a coleção de Elson Farias *Aventuras de Zezé na floresta, viajando pela história do Amazonas* em que o grau de didatismo é máximo e explícito. Mas há também obras como *O imaginário da floresta*, de Vera do Val e *Histórias para minha tia dormir*, de Elisa Bessa em que a *palavra-informação* desaparece cedendo maior espaço à *palavra-arte*, através do cuidado com a linguagem, mais fluente e mais próxima do leitor-mirim, à expressão do imaginário e da fantasia; a preocupação maior não é a transmissão de uma lição ou de uma informação, mas a proposta à criança de uma experiência lúdica que possibilite a ação e a introspecção, a emoção e a razão.

Essas são considerações gerais que podem orientar o primeiro olhar de quem se debruçar sobre a janela para observar a literatura infantil amazonense. A janela que eu quis abrir apresenta-se sobre a forma de *Dicionário da literatura infantojuvenil amazonense*, que apresento como conclusão de minha pesquisa. Mas isso não significa que fecharei a minha janela agora! Deixo-a aberta para que, tal como uma criança prefere fazer, eu (e quem mais quiser), em vez de sair pela porta, possa pular a janela e escolher, a cada vez, algum canto da paisagem para descobrir e brincar.

DICIONÁRIO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL AMAZONENSE
1982 – 2012

Completando a construção do panorama da literatura infantojuvenil produzida no Amazonas, apresento agora o Dicionário. A forma de dicionário foi escolhida por parecer a forma mais prática de apresentar um levantamento que apresenta uma quantidade significativa e variada de informações bibliográficas, as quais era preciso descrever e registrar.

Os verbetes do dicionário são de três tipos:

1 – Verbetes de nomes dos autores com informações biográficas, bem como a citação da bibliografia do autor. As informações dos verbetes foram retiradas, em primeiro lugar dos livros infantojuvenis do autor. Na falta delas, buscaram-se as informações no último livro não-infantil publicado, no site das editoras ou em sites especializados. Entre os verbetes de autores inserem-se verbetes referentes a alguns ilustradores.

2- Verbetes das obras em que, além das informações editoriais, consta também uma resenha da obra e informações relevantes sobre a mesma. Após a resenha há um excerto retirado sempre da primeira página do texto do livro infantil. Quando não foi possível o acesso material ao livro, as informações do verbete foram compostas a partir do *press-release* apresentado pela editora do livro em seu site oficial. Estes casos estão assinalados com um asterisco (*) antes do texto do verbete e não há excerto da obra.

3- Verbetes de coleções e séries.

Em cada verbete haverá uma marca gráfica (negrito) nos termos que, por sua vez constituírem outros verbetes, indicando a relação entre diferentes verbetes. Assim, o leitor poderá acessar as obras seja pelo nome do autor, pelo título da obra, pelo personagem, etc. e ampliar as informações que procura. Os termos que se referirem a verbetes de coleções e séries estarão sublinhados e em negrito.

Os três tipos de verbete são apresentados concomitantemente, obedecendo a ordem alfabética e não a cronológica. Os nomes de autores estão registrados pelo último nome, como de praxe, respeitando o nome de autor apresentado nas edições dos livros infantis. As obras são apresentadas pelo título, considerando a letra da primeira palavra do título, excetuando-se artigos e preposições. Ex: *Aves pedem ajuda*, *As*. A exceção ocorre somente quando o título começa com uma locução adverbial. Ex: *De mãos dadas com a paz*.

Precedendo os verbetes estão três tabelas que fornecem uma visão de conjunto de toda a produção amazonense. A *Tabela 1* apresenta, em ordem alfabética, os títulos dos 114 livros junto ao nome dos respectivos autores, ano de publicação e editora. A *Tabela 2* se refere à

indicação dos livros segundo as fases de desenvolvimento da leitura e a *Tabela 3* apresenta a distribuição dos livros por gêneros discursivos.

Tabela 1 – Autores e obras da literatura infantojuvenil amazonense

| AUTOR | OBRA | ANO | EDITORIA |
|--|---|-----------|---------------------------------|
| 1. Rodrigo (2 livros) | 1. Quando eu crescer | 2009 | Ed. Elementar |
| | 2. O lago | 2011 | Cortez |
| 2. ADOLFO, Mario (2 livros) | 3. A E I Ópera | 2010 | Gov. Estado |
| | 4. Meu amigo livro | 2011 | Gov. Estado |
| 3. ARAGÃO, Adrino (1 livro) | 5. A verdadeira festa no céu | 1991/1996 | Da Anta Casa Editora |
| 4. AZANCOTH, Ediney (1 livro) | 6. A vingança do carapanã atômico | 2003 | Valer/Gov.Estado |
| 5. BANDEIRA, Jorge (1 livro) | 7. A fabulosa loja dos bichos | 2003 | Valer/Gov.Estado |
| 6. BARBOZA, Cacilda (6 livros) | 8. Cururu Tei-Tei | 1986 | SCA/Ed Gov do Estado |
| | 9. Sucuriju-juju | 1987 | SCA/Ed Gov do Estado |
| | 10. Tita | 1991 | SESC |
| | 11. Os repetentes | 1994 | Universidade do Amazonas |
| | 12. O menino Sol | | |
| | 13. Piripaque e Rapinante | 2012 | Gov. do Estado |
| 7. BENCHIMOL, Gláucia (1 livro) | 14. No mundo encantado de Bel Papoulinha | 2011 | Valer |
| 8. BESSA, Maria Elisa Souto (1 livro) | 15. Histórias para minha tia dormir | 2010 | Edições Muiraquitã |
| 9. BRAGA, Celdo (2 livros) | 16. Lição das Águas | 2001 | Kintaw |
| | 17. Natureza – lição preservar | 2003 | Kintaw |
| 10. CABRAL, Astrid (1 livro) | 18. Zé Pirulito | 1982 | Agir/INL |
| 11. CAVALCANTE, Laura (1 livro) | 19. Belas árvores | 2010 | Gráfica e Editora Raphaela |
| 12. CLEMENT, Rosa (1 livro) | 20. Terra de cunhatãs e curumins é assim | 2002 | Valer/Pref. Municipal de Manaus |
| 13. CORRÊA, Neuton (1 livro) | 21. Sonhos de Cuirão | 2010 | Valer |
| 14. DAMASCENO, Maria Luiza (1 livro) | 22. Tia Teté: histórias e lendas da Amazônia | 2012 | Gov. do Estado |
| 15. DIAKARA, Jaime (1 livro) | 23. Yahi Puíro Ki'ti a origem da Constelação da Garça | 2011 | Valer |
| 16. FARIAS, Elson (31 livros) | 24. O tupé voador (col. Aventuras do Zezé na | 2001 | Valer |

| | | | |
|-----|---|------|--------|
| | Floresta – 1/10) | | |
| 25. | As aves pedem ajuda (col. Aventuras do Zezé na Floresta – 2/10) | 2001 | Valer |
| 26. | O romance dos sapos (col. Aventuras do Zezé na Floresta – 3/10) | 2001 | Valer |
| 27. | Procurando a noite verdadeira (col. Aventuras do Zezé na Floresta – 4/10) | 2002 | Valer |
| 28. | Noite de viração (col. Aventuras do Zezé na Floresta – 5/10) | 2002 | Valer |
| 29. | De mãos dadas com a paz (col. Aventuras do Zezé na Floresta – 6/10) | 2002 | Valer |
| 30. | A história da inteligência (col. Aventuras do Zezé na Floresta – 7/10) | 2002 | Valer |
| 31. | O jovem tamarindo (col. Aventuras do Zezé na Floresta – 8/10) | 2002 | Valer |
| 32. | Viajando com o boto no fundo do rio (col. Aventuras do Zezé na Floresta – 9/10) | 2002 | Valer |
| 33. | A origem das estrelas (col. Aventuras do Zezé na Floresta – 10/10) | 2002 | Valer |
| 34. | Manaus do Rio Negro, a capital da floresta | 2007 | Cortez |
| 35. | Os meninos e o professor (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 1/14 livros) | 2009 | Valer |
| 36. | O som das letras | 2010 | Valer |
| 37. | Travessuras de urubus outros bichos e crianças | 2010 | Valer |
| 38. | Nascem nossas | 2010 | Valer |

| | | | |
|--|--|------|-------|
| | fronteiras (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 2/14 livros) | | |
| | 39. As duas partes do mundo (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 3/14 livros) | 2010 | Valer |
| | 40. O Estado do Amazonas (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 4/14 livros) | 2010 | Valer |
| | 41. Tentativa de autonomia (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 5/14 livros) | 2010 | Valer |
| | 42. Nasce a província do Amazonas (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 6/14 livros) | 2012 | Valer |
| | 43. A guerra da cabanagem (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 7/14 livros) | 2012 | Valer |
| | 44. As viagens científicas (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 8/14 livros) | 2012 | Valer |
| | 45. Libertação dos escravos e república (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 9/14 livros) | 2012 | Valer |
| | 46. O ciclo do ouro negro (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 10/14 livros) | 2012 | Valer |
| | 47. A presença do | 2012 | Valer |

| | | | |
|--|---|----------|-------|
| | nordestino (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 11/14 livros) | | |
| | A revolução acreana (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 12/14 livros) | No prelo | Valer |
| | A cidade de Manaus (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 13/14 livros) | No prelo | Valer |
| | Novos horizontes (col. As aventuras do Zezé – viajando pela história do Amazonas – 14/14 livros) | No prelo | Valer |
| | 48. No tempo dos dinossauros (col. Aventuras de Zezé no lago dos répteis – 1/4 livros) | 2011 | Valer |
| | 49. A pré-história dos crocodilianos (col. Aventuras de Zezé no lago dos répteis – 2/4 livros) | 2011 | Valer |
| | 50. Os crocodilianos modernos (col. Aventuras de Zezé no lago dos répteis – 3/4 livros) | 2011 | Valer |
| | 51. O harém do Sr. Jacaré (col. Aventuras de Zezé no lago dos répteis – 4/4 livros) | 2011 | Valer |
| | 52. A buzina encantada (col./série Teatro dos Curumins – 1/3 livros) | 2012 | Valer |
| | 53. A feiticeira maravilhosa (col./série Teatro dos Curumins – 2/3 | 2012 | Valer |

| | | | | |
|-----|-------------------------------------|--|------|--------------------|
| | | livros) | | |
| | | 54. Noite de Natal na floresta (col./série Teatro dos Curumins – 3/3 livros) | 2012 | Valer |
| 17. | FERNANDES, Alfredo (1 livro) | 55. Lágrimas de Brinquedo | 2003 | Valer/Gov.Estado |
| 18. | FILGUEIRAS, Aldísio (1 livro) | 56. Ararinha-azul o sumiço | 2011 | Valer |
| 19. | FURTADO, Pollyana (1 livro) | 57. ABC da floresta amazônica (co-autoria) | 2008 | Conhecimento |
| 20. | GUARÁ, Roní Wasiry (4 livros) | 58. O caso da cobra que foi pega pelos pés | 2007 | Imperial |
| | | 59. Çaiçu Indé. O primeiro grande amor do mundo | 2011 | Valer |
| | | 60. Mandagará – traição do encantados | 2011 | Formato |
| | | 61. Olho d'água – o caminho dos sonhos | 2012 | Autêntica |
| 21. | GUIMARÃES, Beatriz (1 livro) | 62. Coisas da Tiz | 2011 | Sesc |
| 22. | HAKIY, Tiago (1 livro) | 63. Awyató-pót – histórias indígenas para crianças | 2011 | Paulinas |
| 23. | HATOUN, Milton (2 contos) | 64. Nas asas do condor (conto em antologia: <i>O livro dos medos, ??? e Literatura em minha casa</i> , 2002) | 2002 | |
| | | 65. A primeira noite de um homem??? (conto em antologia: <i>De primeira viagem</i>) | ??? | |
| 24. | LEONG, Leyla (3 livros) | 66. Essa tal de natureza | 2002 | Valer |
| | | 67. Cida a macaca travessa | 2010 | Valer |
| | | 68. Duas histórias da noite | 2011 | Valer |
| 25. | LINDOSO, Pedro Lucas (1 livro) | 69. O boto cor-de-rosa e o jacaré do rabo cotó | 2010 | Edições Muiraquitã |
| 26. | LOBO, Claudia de Oliveira (1 livro) | 70. Mauro o rei das pipas | 2011 | Valer |
| 27. | MAGALHÃES, Soraia (1 livro) | 71. Lia sempre lia | 2012 | Valer |
| 28. | MARTINS, Patrícia Mara (1 livro) | 72. O que vi na volta do Xingu (em co-autoria) | 2012 | Valer |
| 29. | MELO, Áureo (1 | 73. Era uma vez... | ?? | |

| | | | | |
|-----|---|--|------|------------------|
| | livro) | | | |
| 30. | MELLO, Thiago de (4 livros) | 74. Amazonas: água, pássaros, seres e milagres | 1998 | Salamandra |
| | | 75. Amazonas no coração da floresta encantada | 2003 | CosacNaify |
| | | ABC da floresta amazônica (co-autoria) | 2008 | Conhecimento |
| | | 76. O menino irmão das águas | 2011 | Valer |
| 31. | MORAIS, Antônio Magalhães (1 livro) | 77. O pescador e a princesa encantada | 2011 | Valer |
| 32. | MINAPÓTY, Lia | A árvore de carne (co-autoria) | 2011 | Tordesilhas |
| 33. | MORENO, Abdiel (2 livros) | 78. O menino que prendia os passarinhos (co- autoria) | 2002 | Valer |
| | | 79. Lixo, lixinho, lixão | 2012 | Valer |
| 34. | MORENO, Eliane Sarah (1 livro) | O menino que prendia os passarinhos (co-autoria) | 2002 | Valer |
| 35. | NOGUEIRA, Wilson (2 livros) | 80. Formosa a sementinha voadora | 2010 | Valer |
| | | 81. Órfão das águas: uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer | 2011 | Valer |
| 36. | PEIXOTO, Ana (5 livros) | 82. Quintal, um lugar para ser feliz | 2004 | Kintaw |
| | | 83. Os animais do meu quintal | 2010 | Valer |
| | | 84. As frutas do meu quintal | 2010 | Valer |
| | | 85. Histórias de Bichos da Amazônia | 2010 | Valer |
| | | 86. Sapos no quintal | 2010 | Valer |
| 37. | PINTO, Priscila (1 livro) | 87. Bichos da Amazônia | 2012 | Ed. Muiraquitã |
| 38. | PINTO, Zemaria (3 livros) | 88. O beija-flor e o gavião | 2011 | Valer |
| | | 89. A cidade perdida dos meninos-peixes | 2011 | Valer |
| | | 90. O urubu albino | 2011 | Valer |
| 39. | RODRIGUES, Custódio (1 livro) | 91. A floresta e os bichos contra o homem-fogo | 2003 | Valer/Gov.Estado |
| 40. | SANCHES, Cleber (1 livro) | 92. Cobra Grande | 2011 | Valer |
| 41. | SANTOS, Francimar Mendes dos (1 livro) | O que vi na volta do Xingu (co-autoria) | 2012 | Valer |
| 42. | SILVA, Jone César F. (org.) (1 livro) | 93. De volta para casa: Uma história de homens e bichos num | 2009 | Inpa |

| | | | | |
|-----|-------------------------------------|---|------|------------------------------|
| 43. | SILVA Vera Maria F. (org) (1 livro) | planeta ameaçado de desaparecer | | |
| 44. | SOUZA, Márcio (1 livro) | 94. O nascimento do Rio Amazonas | 2006 | Lazuli/Cia Ed Nacional |
| 45. | TELLES, Tenório (1 livro) | 95. Os passarinhos e outros bichos | 2012 | Valer |
| 46. | VAL, Vera do (6 livros) | 96. O imaginário da floresta | 2007 | Martins Fontes |
| | | 97. Os filhos do marimbondo | 2007 | Coletivo Dulcineia Catadora |
| | | | 2010 | Kutsemba Cartão (Moçambique) |
| | | 98. A batalha da cachoeira do cipó | 2008 | Edições Muiraquitã |
| | | 99. A criação do mundo e outras lendas da Amazônia | 2008 | Martins Fontes |
| | | 100. Histórias da onça e do macaco | 2009 | Martins Fontes |
| 47. | YAGUAKÃG, Elias (2 livros) | 101. Histórias de bichos brasileiros | 2010 | Martins Fontes |
| | | 102. Aventuras do menino Kawã | 2010 | FTD |
| 48. | YAMÃ, Yaguarê (11 livros) | 103. Historinhas marupiaras | 2011 | Mercuryo Jovem |
| | | 104. Puratig – O Remo Sagrado | 2001 | Peirópolis |
| | | 105. O caçador de histórias | 2004 | Martins Fontes |
| | | 106. Kurumi Guaré no coração da Amazônia | 2007 | FTD |
| | | 107. Murugawa: Mitos, contos e fábulas do Povo Maraguá | 2007 | Martins Fontes |
| | | 108. As pegadas do Kurupyra | 2008 | Mercuryo Jovem |
| | | 109. Wuirapurus e Muirakitãs | 2009 | Larousse jovem |
| | | 110. O Totem do rio Kãwéra e outros contos fantásticos. | 2010 | Imperila Novo Milênio |
| | | 111. A árvore de carne | 2011 | Tordesilhas |
| | | 112. A origem do beija-flor – Guanãby Murugáwa | 2012 | Peirópolis |
| | | 113. Contos da floresta | 2012 | Peirópolis |
| | | 114. Falando Tupi | 2012 | Pallas Editora |

Tabela 2 – Classificação dos livros segundo os níveis de desenvolvimento da leitura

| LEITORES POR FASES DE DESENVOLVIMENTO DA LEITURA | LIVROS (os números referem-se à numeração dos títulos apresentados na tabela 1) |
|---|--|
| Pré-leitor – ainda não tem a competência de decodificar a linguagem verbal escrita; a imagem tem predomínio absoluto. | ---- |
| Leitor iniciante – começa a tomar contato com a expressão escrita da linguagem verbal; começa o letramento. | 1,16, 36, 71, 78, 82, 83, 86, 94 |
| Leitor em processo – já domina o mecanismo da leitura, mas a motivação e a mediação do adulto ainda é muito importante. | 2, 3, 4, 5, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 58, 69, 70, 77, 79, 80, 84, 85, 87, 90, 100, 101, 103 |
| Leitor fluente – fase em que se consolida o domínio dos mecanismos que o ato de ler envolve; há mais capacidade e independência na compreensão do universo contido no livro. | 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 22, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 59, 60, 61,63,73, 66, 67, 68, 75, 76, 81, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 107,108, 110, 111, 112, 113, 114 |
| Leitor crítico – total domínio do processo de leitura; fase de desenvolvimento acentuado do pensamento crítico e reflexivo. | 6, 7, 19, 55, 56, 64, 65, 72, 74, 88, 89, 91, 95, 109 |

Tabela 3 – Classificação dos livros segundo gêneros discursivos

| GÊNEROS | LIVROS (os números referem-se à numeração dos títulos apresentados na tabela 1) | | | |
|--|--|--------------------------------------|---|--------|
| Narrativas da tradição oral (reescritas ou adaptações de histórias do folclore, de fábulas, de lendas ou de mitos) | 5, 8, 9, 22, 68, 74, 75, 85, 94, 96, 97, 99, 100, 101 | | | |
| Literatura informativa | 16, 17, 34, 35, 38, 39, 40, 42, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 79, 82, 83, 84 | | | |
| Narrativas de ficção com ambientação ou temática regional. | 10, 12, 14, 19, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 66, 67, 69, 72, 73, 76, 80, 81, 86, 88, 89, 90, 92, 93, 98 | | | |
| Narrativas de ficção | 1, 2, 11, 13, 15, 18, 64, 65, 70, 77, 78 | | | |
| Crônica | 95 | | | |
| Teatro | 6, 7, 52, 53, 54, 55, 91 | | | |
| Poesia | 20, 36, 37, 56, 57, 62, 71,87 | | | |
| Livro de imagem | 16, 17 | | | |
| Literatura de autoria indígena | Relatos memorialistas | Informações sobre a vida e a cultura | Recontos de mitos, lendas e fábulas | Ficção |
| | 106 | 23, 58, 59, 61, 102, 114 | 60, 63, 103, 104, 105, 107, 109, 110, 111, 112, 113 | 108 |
| História em quadrinhos | 3, 4 | | | |



ABC DA FLORESTA AMAZÔNICA

Autores: **Pollyana Furtado, Thiago de Mello**

Ilustrações: Rodrigo Mafra

Fortaleza: Conhecimento, 2008

Livro de poemas editado por ocasião da Feira do Livro de Brasília que, em 2008, homenageava o escritor Thiago de Mello. O objetivo era a publicação de uma cartilha sobre o escritor e sobre a floresta amazônica para ser lançado na Feira. O próprio **Thiago de Mello** se prontificou a compor a parte do abecedário, confiando a **Pollyana Furtado** a parte biográfica do texto.

Excerto:

A

*É preciso que Amor nos acompanhe
ao coração ferido da floresta.*

Amazonas

Nome do Estado do Norte do Brasil, capital Manaus. Coração do maior pedaço verde da terra.

Nome do mais extenso e do mais caudaloso rio do planeta. Nasce na Cordilheira dos Andes peruana e depois de caminhar cantando (água canta quando anda) mais de 6 mil quilômetros, abrindo milhões de braços e de olhos, chega ao mar no Estado do Pará, e de tão impetuoso empurra as águas salgadas do Atlântico. Acho bom dizer logo que é maior reserva mundial de água doce.

É ainda nome das lendárias índias guerreiras, que deram nome ao rio: as Amazonas. A tribo, só de mulheres, lindas e valentes (quem conta é o Frei Gaspar de Carvajal, cronista da viagem do espanhol Francisco Orellana, o primeiro a percorrer, em 1639, o curso inteiro dessas águas) vivia na Serra do Espelho da Lua, no Nhamundá, afluente do Amazonas.

Este alfabeto não vai aos princípios deste verde universo. Mesmo porque toda criança, que chega ao mundo para ajudar o mundo a ser melhor, já nasce sabendo que a vida nasceu (e continua nascendo) da água. Mas faz questão de contar que muitos outros nomes teve a água-mãe da floresta. Vale à pena saber o primeiro deles. Foi Santa Maria de la Mar Dulce, que lhe deu o espanhol Vicente Pizón, certo

de que ingressava num oceano de águas doces, quando aqui deu com suas caravelas em 1500. (p. 5)

ABRAHIM, RODRIGO

Rodrigo Nascentes da Silva Abrahim, artista gráfico, designer e escritor, nascido em Manaus em 1979. Principais trabalhos como ilustrador: *Empurroterapia* (2008), *As aventuras de Pedro Malasartes* (2009), ***Manaus do Rio Negro*** (2007). Produção infantojuvenil: ***O lago, Quando eu crescer.***

ADOLFO, MÁRIO

Mário Adolfo Aryce de Castro, jornalista, cartunista e chargista, nascido em Manaus. É o criador do personagem *Curumim, o último herói da Amazônia*, criado em 1983, para as histórias em quadrinhos do suplemento infantil do Jornal *A Crítica*, de Manaus. Os quadrinhos da *turma do Curumim* tem circulado em histórias e publicações várias desde então. Produção literária: *O dia da abertura* (1979 – livro de cartuns), *O que dá pra rir dá pra chorar* (1982), *Conversa pra boi dormir* (2001), *Amor de bica* (2001), *Meu bloco na rua* (2010). Produção literária infantojuvenil: ***A E I Ópera, Meu amigo livro.***

A E I ÓPERA

Autor: **Mário Adolfo.** Ilustrações: **Mário Adolfo**

Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2010.

*Cartilha produzida e distribuída gratuitamente à população na ocasião da abertura do Festival de Ópera de Manaus com o objetivo de transmitir, através dos personagens das histórias em quadrinho da turma do Curumim, informações sobre a origem, a história e a montagem de espetáculos de ópera

AMAZONAS: ÁGUAS, PÁSSAROS, SERES E MILAGRES.

Autor: **Thiago de Mello.** Ilustrações: Bordados de Antônia Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sávia Dumont sobre desenho de Demóstenes.

Rio de Janeiro: Salamandra, 1998 Coleção Dias Bordados – Memórias do Brasil

O livro é o primeiro de uma coleção idealizada pela editora Salamandra e tem por objetivo apresentar aos leitores um Brasil pouco conhecido pela maioria, unindo a descrição feita por um autor regional às ilustrações feitas em lindos bordados coloridos feitos por uma família de bordadeiras de Pirapora. Como se estivesse viajando em um barco pelo rio, o texto apresenta, de forma poética, descritiva e memorialista, vários aspectos das águas, animais, plantas e mitos do Amazonas.

Excerto:

O começo

Ao meu lado, de pé na proa do barco, vento no peito, o menino olha silencioso a imensidão do rio. Acabamos de deixar a boca, cheia de garças, da floresta Paraná do Limão, que se abre no Amazonas, pertinho de Parintins. Pela margem direita, diviso distante o perfil da cidade na terra firme da ilha de Tupinambarana. Noto que o menino se volta para ao lado oposto, olhar fixo no rio, cuja pele fulgura, coberta de escamas de prata. (p.8)

AMAZONAS no coração da floresta encantada

Autor: **Thiago de Mello**. Ilustrações: Andrés Sandoval

São Paulo: Cosac Naify, 2003

No livro, escrito em tom coloquial bem próximo da forma oral com que são contadas à beira dos rios Andirá, Matupiri e Paraná-do-Ramos onde se localiza a cidade de Barreirinha, o autor reconta sete lendas amazônicas: *O Calça-Molhada* (a forma humana do boto avermelhado), *Tucuxi dançarino* (o boto virado num caboclo dançarino), *O prêmio de Ajuricaba* (a batalha do índio guerreiro e o militar português Belchior Mendes), *Curupira* (o duende de pés pra trás), *O Mapinguari* (o bicho encantado que defende as florestas), *Iara* (a rainha das águas) e *A Cobra-Grande* (bicho descomunal e fantástico). Com ilustrações do artista chileno Andrés Sandoval, a edição inclui glossário e índice de personagens.

Excerto:

Para começo de conversa, tudo o que vou contar é verdade. Coisas que acontecem mesmo. A lenda inventada vira vida. E nunca mais se acaba.

O que escutava quando menino, escuto hoje, homem prá lá de vivido, no meio dessas brenhas misteriosas. O caboclo não mente ao contar o que viveu. Quando muito, inventa um pouquinho, mas só para enfeitar a história.

Parte do que li, deslumbrado – nos livros dos cientistas que recolheram relatos mágicos de índios e caboclos amazônicos -, ainda escuto hoje dos homens e mulheres que repartem a vida comigo no coração encantado da floresta. (p. 7).

ANIMAIS DO MEU QUINTAL, OS

Autora: **Ana Peixoto**. Ilustrações: Adriano Furtado

Manaus: Editora Valer, 2010. Série **Florescer da Leitura**

O livro, escrito em linguagem muito simples, é indicado a crianças recém-alfabetizadas ou em processo de alfabetização. Com frases diretas e declarativas, escritas em primeira pessoa, o livro apresenta vários tipos de animais domésticos, explicando sua relação com os homens e a utilidade desses animais para o homem. O livro termina com uma pergunta direta ao leitor: “Você tem um animal no seu quintal?”, indicando a pretensão de um envolvimento do leitor com o tema do livro.

Excerto:

*Você sabia que existem animais domésticos?
Os animais gostam de ser cuidados. Eles gostam que alguém trate deles. Eles querem ter amigos.
Os animais que criamos em nosso quintal servem de companhia, nos dão alegria e também podem servir de alimento. (pp. 4-7)*

ARAGÃO, ADRINO

Adriano Aragão de Freitas, jornalista e contista, nascido em Manaus em 06 de outubro de 1936. Foi membro do Clube da Madrugada e, no Brasil, é um dos cultores do miniconto. Produção literária: *Roteiro dos vivos (1972), Inquietação de um feto (1976), As três faces da esfinge (1985), Tigre no espelho (1993), Os filhos da esfinge (1988), No dia em que Manuelzão se encantou (2000), A cabeça do peregrino cortada em triunfo pelos filhos do Cão (2005), Conto, não-conto e outras inquietações (2006), e O champanhe (2007)*. Produção literária infanto-juvenil: ***A verdadeira festa no céu (1991)***.

ARARINHA-AZUL: O SUMIÇO

Autor: **Aldísio Filgueiras**. Ilustrações: Otoni Mesquita

Manaus: Editora Valer, 2011. Série **Florescer da Leitura**

O livro é um poema que, a partir do tema do risco de extinção da espécie ararinha-azul, critica e denuncia o descaso da sociedade com a natureza personificada na figura da ararinha-azul. Com imagens fortes e tocantes, o poema aborda todos os fatores que agravam a questão ambiental: o comércio ilegal de animais silvestres, a exploração dos recursos naturais, a omissão da sociedade em relação à questão e as lutas ambientais.

Excerto:

*Nunca mais a olho nu
uma ararinha-azul.*

*Diz-se que vai em fuga
para outro hemisfério,
outro planeta – quem sabe?
Parte às pressas de férias;
também se diz que muda
- simples ação de despejo
das espécies do sertão,
como orienta a política
de manejo do governo - ,
para um novo condomínio,
um endereço bem longe,
onde não chegue o estresse
que já aluga o agreste. (p. 10)
[...]*

ÁRVORE DE CARNE, A

Autores: **Yaguarê Yamã** e Lia Minápoty. Ilustrações: Mariana Newlands

São Paulo: Tordesilhinhas, 2012.

*O livro apresenta seis contos da mitologia do povo maraguá habitante da região do rio Abacaxis, no Amazonas. Um pajé sai em busca de novos poderes guiado por uma voz misteriosa (“O colar sagrado”); o deus Guarimonãg se encontra cercado por forças malignas e usa uma árvore para se defender (“A árvore de carne”); garoto deixa a aldeia e vai morar em plena mata por amor à natureza (“O protetor das árvores”); jovem casal apaixonado desenvolve plano para conseguir o consentimento dos pais da moça (“Um casamento na aldeia”); homem resolve se opor às proibições da tribo e enfrenta as maldições de uma lagoa (“A lagoa encantada”); por fim, é narrada a origem do povo maraguá (“A origem do poço Gurupápawa”). O volume contém um glossário que explica os significados de

palavras do idioma maraguá – e de outras línguas indígenas – e do vocabulário típico da Amazônia.

ASAS DO CONDOR, NAS

Autor: **Milton Hatoun**.

Conto que figura em duas antologias:

- 1) PRIETO, Heloísa (org.). *O livro dos medos*. São Paulo: Cia das Letrinhas, 1998.
- 2) *Era uma vez um conto*. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2002. Coleção Literatura em minha casa, vol. 2

O conto, escrito em primeira pessoa, narra o primeiro voo de avião de um garoto de Xapuri, no interior do Acre. O menino brincava na beira do rio caçando ovos de tracajá quando é acometido por uma crise de asma. Desesperado para salvar o menino, o prefeito da cidade o coloca no Condor – o avião bimotor alemão que passava a cada quinze dias. Com falta de ar e com muito medo de viajar no avião o menino vivencia viu, do alto, o mundo de sua infância de um modo que antes “só podia imaginar”. A viagem o cura da crise de asma e permanece para sempre em sua lembrança. O conto inspirou o curta-metragem homônimo de Demétrio e Cristiane Garcia, premiado durante o Amazonas Film Festival de 2006.

Excerto:

Quase morri de medo nas asas do Condor. Voei, voei muito alto, mas a verdade é que renasci.

Quando?

Faz muito tempo, mas me lembro do dia, mês e ano: 7 de setembro de 1958. Lembro-me também do lugar, pois há lugares da infância que ficam bem guardados na memória. Naquela época, na manhã do Dia da Independência, eu estava na beira do rio Xapuri, lá no Acre, brincando com meus amigos... Nós cavávamos buracos na areia a fim de encontrar ovos de tracajá. Em cada buraco havia dezenas de ovos que as nossas mãos transformavam em pequenas pirâmides e colinas brancas... Suávamos sob o calor inclemente, e, de vez em quando, a gente mergulhava no rio, nadava e voltava para a praia à procura de ovos... Quando terminei de construir a terceira pirâmide, tive minha primeira crise de asma. Senti falta de ar, e abri a boca para tentar respirar... (2002, p. 16)

AVENTURAS DO MENINO KAWÃ

Autor: **Elias Yaguakãg**. Ilustrações: **Elias Yaguakãg**

São Paulo: FTD, 2010

O livro retrata a história do menino Kawã que deseja se tornar um *mirixawa*, que quer dizer caçador-mor. Para isso, ele tem que vencer o medo, confiar no seu espírito protetor, o *Tapirayawara*, e passar por três provas ao longo dos anos de seu crescimento: caçar uma onça-pintada, uma cobra-grande e um gavião-real. Kawã, enfim crescido, cumpre as provas, é declarado mirixawa e escolhe uma moça para se casar. No prefácio do livro, o autor explica que ele é “um livro sobre o meu povo e o mundo infantil tradicional, que muitos de nós ainda vivem”. São apresentados os costumes, a educação e os rituais pelos quais passam as crianças maraguá. Ao final há um glossário de palavras e grafismos maraguás e regionalismos amazônicos.

Excerto:

*Kawã, kurumi guayni,
curumim caçador*

Há muitos e muitos anos quando ainda não havia notícia de brancos no país dos Maraguá e os povos indígenas eram senhores absolutos dessas terras que hoje chamamos Brasil, nasceu, na aldeia Yãbetué'y, um menino chamado Kawã – que em maraguá significa “gavião veloz”.

Esta é a história desse menino, filho dos grandes guerreiros do Baixo Amazonas, caçadores de onças e mestres na arte da pesca do piraruku, moradores das margens do rio Abacaxis, que naquele tempo se chamava Guarinamã – “rio de nossa gente” -, um rio de correr manso, em cujas águas pretas se debruçam praias de areias fininhas, convidativas a um bom banho vespertino. Kawã nasceria numa dessas praias.

Antecipando-se aos costumes dos Maraguá – que sempre esperam a criança nascer para lhe dar nome -, quando a mãe de Kawã estava grávida, seu pai, um hábil caçador, disse:

- Quando meu filho nascer, vou chamá-lo Kawã, pois quero que seja como eu, corajoso e protetor dos animais símbolos do nosso clã. (p. 11)

AVES PEDEM AJUDA, AS

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Romahs**

Manaus: Editora Valer, 2001. Coleção: **Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica,**

2)

Segundo livro da coleção Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica, este relata um passeio de Zezé com seu amigo Bem-te-vi pelo terreno da chácara. Após quase

pisar no ninho da Marreca, Zezé desculpa-se com ela e, com isso, aprende a falar com todos os pássaros da chácara e passa a receber deles vários pedidos de proteção. Durante o relato desse passeio, são repassadas muitas informações acerca do habitat, do modo de reprodução e dos hábitos de alguns pássaros da Amazônia.

Excerto:

Zezé está com o Bem-te-vi na cabeça conversando com o Japiim:
- *Entre os meses de julho e agosto as chuvas param e o sol toma conta da vida. Mas neste ano está acontecendo o contrário, tem caído umas fortes chuvas, com muita ventania.*
- *O normal, nesta época – diz o Japiim -, são os temporais, faíscas elétricas, trovões e uns poucos pingos d'água que nós chamamos de chuvisco.*
- *É – prossegue Zezé -, na Amazônia só temos um clima durante o ano. Ele é quente e úmido. De novembro a abril caem as chuvas; de maio a outubro, brilha o sol. Por isso, parece estranho o clima em que acontece esta história. (p.4)*

AWYATÓ-PÓT: HISTÓRIAS INDÍGENAS PARA CRIANÇAS

Autor: **Tiago Hakiy** Ilustrações: Maurício Negro

São Paulo: Paulinas, 2011

O livro reúne quatro histórias relacionadas ao herói mítico Awyató-pót do povo sateré-mawé, povo do qual o autor faz parte. A primeira história conta o nascimento do herói, filho de uma mulher transformada em cobra grande e de um gavião real. A segunda história narra a bravura e a liderança do herói, que consegue negociar com a terrível Surucucu a noite para levá-la de presente para sua tribo que precisava dormir e descansar. A terceira história conta como Awyató-pót livrou seu povo das garras do Juma, monstro mau da floresta que devorava seus parentes. A última história narra a morte do grande tuxaua mawé. As quatro histórias revelam a ideia dos indígenas de que homem, animal e natureza, fazem parte de um único universo.

Excerto:

Nascimento de Awyató-pót
Muito antes de o Rio Andirá surgir, o povo Mawé vivia andando de um lugar para outro, sem ter moradia certa. O rio mais próximo – o Amazonas – ficava muito longe.
Um dia o povo Mawé, por ordem do velho painy, construiu sua aldeia próxima a um lugar onde existiam muitos pés de pequi. O grande guerreiro Pirá, que na época era o tuxaua desse povo,

gostava de juntar as frutas caídas no chão para levar à sua aldeia, principalmente para sua esposa Móy, que ficava em casa esperando. Certa vez, Pirá demorou para voltar e, ao perceberem sua ausência, os homens da aldeia foram atrás dele. Depois de alguns dias procurando, eles voltaram com uma triste notícia para Móy: não haviam encontrado Pirá. Ela chorou a noite inteira.

No dia seguinte ela foi á procura do seu marido. Do meio da floresta, Móy chamou seu amado pelo nome, mas ele não apareceu. A Mãe do Mato, vendo tanto sofrimento, veio consolá-la.

- Minha filha, não chore, seu esposo foi encantado pela grande jararaca, e infelizmente ele nunca mais vai retornar. Volte para casa e encontre outro Mawé e se case.

Ela não se conformou e continuou a caminhada pela floresta. Andou tanto que se afastou da aldeia e não conseguiu achar o caminho de volta (p.7)

AZANCOTH, EDINEY

Ediney Ambrósio Azancoth (19??-2012) Ator, diretor e autor teatral, nascido em Manaus. Um dos nomes mais representativos do teatro no Amazonas, integrante de importantes grupos de teatro, dentre os quais se destaca o TESC (Teatro experimental do SESC). Produção literária: *No palco nem tudo é verdade: memórias de um ator amazonense (1993)*, *Cenário de memórias movimento teatral em Manaus 1944-1968 (2001)*, *TESC: nos bastidores da lenda (2009)*. Produção literária infantojuvenil: ***A vingança do carapanã atômico.***

B

BANDEIRA, JORGE

Jorge Bandeira do Amaral. Ator, músico, dramaturgo e crítico, nascido em Manaus em 23 de abril de 1966. Iniciou carreira artística em 1990 e, desde então, atua na área do Teatro, da Música e das Artes Visuais. Textos de sua autoria: “*A carroça de Pandora*” (2008); “*A cidade ficou doente de tanto barulho*” (2005). Produção literária infantojuvenil: ***A fabulosa loja dos bichos***.

BARBOZA, CACILDA

Cacilda Barboza é contista, cronista e poeta. Nasceu em Pauini, Amazonas, em 15 de janeiro de 1941. Suas obras para crianças estão entre os primeiros livros infantis a serem publicados no Amazonas. Produção literária: *Alma Barranca* (1982), *Narcisa* (1990). Produção literária infantojuvenil: ***Cururu Tei-Tei***, *Sucuriju Juju*, *Tita*, *Os repetentes*, *O menino Sol*, ***Piripaque e Rapinante***.

BATALHA DA CACHOEIRA DO CIPÓ, A

Autor: **Vera do Val**. Ilustrações: livro sem ilustrações

Manaus: Edições Muiraquitã, 2008. **Prêmios Literários Cidade de Manaus – Prêmio Alfredo Linhares.**

O livro narra aventuras vividas pelos curumins Kaó e Apiraí, amigos inseparáveis, que descobrem e participam de uma grande assembleia dos bichos da floresta e dos seres encantados, convocada pelos xapiripês – os pequenos espíritos das coisas vivas que vivem na floresta a protegê-la. A assembleia planeja e vence uma batalha épica para expulsar madeireiros que estavam desmatando próximo à Cachoeira do Cipó. Mais tarde, devido a uma pescaria “do jeito dos brancos”, são julgados como poluidores e inimigos dos peixes. Inocentados pelo testemunho da lara e do Boto, os

curumins conseguem minimizar suas acusações e como pena devem apenas ajudar a limpar o rio e curar os peixes feridos pelo anzol da pescaria.

Excerto:

Kaó estava encafifado. Não era a primeira vez que via aquelas luzes lá na outra margem do rio. A floresta estava quieta, nem bicho rondando, nem piar de urutau, nem vento gemendo nas folhas. Um grande silêncio e aquele calor. De barulho só o chiado da água correndo. Três dias atrás não conseguira dormir e viera até o barranco, quem sabe um mergulho na água escura e fria. Foi quando viu as luzes pela primeira vez. Eram esverdeadas e ziguezaveavam na mata. Gente não podia ser, não havia outra tribo morando por aquelas bandas. E gente faz luz amarela de fogueira e fogueira não anda de um lado pra outro, sobe e desce, que não tem pernas nem asas. E também não aparece e desaparece. O menino matutava. As luzes ficavam naquilo até o amanhecer quando então, de repente, sumiam.

O que poderia ser?

Desse dia em diante, mal a aldeia adormecia, Kaó vinha para a beira d'água. E elas lá, não dava outra. Começavam poucas e depois de um tempo eram muitas; parece que desciam do céu. E começavam a correr e riscar o escuro, para lá e para cá, como se dançassem. Pensou em falar para os pais, mas sabia que a mãe ia esbravejar. O que um menino estava fazendo na beira do rio durante a noite? Quer virar comida de bicho? Delícia de onça? Melhor não dizer nada. Tinha que contar a Apiraí, mas o amigo tinha ido a vila com o pajé e devia estar voltando. Hoje a noite estava escura e sem lua, e naquele pretume todo, as luzes eram muito numerosas e bailavam depressa. Acocorado ele observava. (p. 13)

BEIJA-FLOR E O GAVIÃO, O

Autora: **Zemaria Pinto** Ilustrações: Humberto Rodrigues

Manaus: Valer, 2011.

Como o subtítulo incluído na folha de rosto (Uma fábula para o século XXI), o livro ensina, através da história de Grandona uma lição de superação e autodescoberta. Baseado na história de Leonardo Boff sobre uma águia que pensava ser galinha, o texto conta como Grandona, um gavião criado como galinha reaprende, através da amizade do beija-flor Beijinho, a olhar e a voar, duas das características mais marcantes do Gavião. A história começa como uma narrativa em prosa mostrando um grupo de crianças em férias que, ao ouvir a história de Grandona pela voz de Mãe-Velha, resolvem encená-la para apresentar aos adultos. Neste ponto, o texto evolui e apresenta o texto da peça de teatro encenada pelo grupo de crianças.

Excerto:

Capítulo 1

Às margens do rio Negro, na cidade de Novo Airão, bem em frente ao maior arquipélago fluvial do mundo, Anavilhanas, há um velho sobrado de madeira, todo avarandado, em cima e embaixo. A pintura, se tons claros, é recente. Olhando-se de longe, vê-se o chão de terra preta cercando toda a casa, e as sombras projetadas pelas velhas árvores: mangueiras, ingazeiras, jambeiros... Crianças, uma dezena delas, alternam-se numa algazarra permanente, ao redor da casa. Aproximando-nos, observamos que há crianças de vários tamanhos, mas todos de idade muito aproximadas, com exceção de uma menina, a menorzinha, de pele bem morena, olhos grandes, lábios carnudos, e um rosto de lua cheia, que não participa das brincadeiras, mas não lhes fica indiferente: a tudo acompanha com os olhos vivos, ora aplaudindo, ora apenas sorrindo, sentada num dos degraus da escada que leva à varanda que dá para o quintal, onde adultos conversam animadamente, em torno de uma velha cadeira de balanço, na qual se encontra uma senhora de idade indefinida, a cabeleira branca como algodão, que todos – crianças, adultos, vizinhos – chamam de Mãe-Velha.

Com seu modo peculiar de falar, as crianças às vezes se estranham:

- Se vocês não querem brincar, é melhor não atrapalhar quem quer!

- A gente só não quer essa brincadeira boba. (p.11)

BELAS ÁRVORES

Autora: **Laura Cavalcante** Ilustrações: sem ilustrações

Manaus: Gráfica e editora Raphaela, 2010

Romance escrito pela estudante Laura que combina elementos tão caros aos adolescentes: romance, aventura, lendas indígenas, mitologia greco-romana e elementos da literatura fantástica contemporânea para adolescentes. O livro narra a ventura de Anita que, perdida na floresta após um acidente, muda sua forma de perceber a vida e a faz descobrir sua verdadeira identidade: ela é a dríade de uma sumaumeira e deve escolher entre suceder sua mãe na defesa da floresta ou voltar à vida na cidade para onde fora levada ainda pequena. O vínculo com a floresta e o

apelo de proteger a natureza são mais fortes fazendo com que Laura aceite seu destino de dríade.

Excerto:

I

Uma grande nuvem gorda e cinza espreitava sua cidade. Era inverno no Amazonas: um período chuvoso, entretanto quente. Eram cinco horas da manhã e teria sido difícil para Anita acordar se a ansiedade não a tivesse dominado.

Entrou no carro estacionado na garagem – não sem antes bater a cabeça na porta e exclamar:

- Aiii!

- Tudo bem, filha? O que houve?

- Bati minha cabeça na porta...

- Ah! Normal...

- Pai!

- Então para onde devo levá-la?

- Para o colégio. O ônibus alugado já deve estar nos esperando. De lá partiremos pela BR 174 e... Hoje mesmo chegamos à cidade de Boa Vista.

- Você está preparada?

- Acho que estou...

- Traga mais uma medalha, tá filha?

- Eu vou trazer, pai. Nadarei o mais rápido que puder. Treinei bastante. (p.9)

BENCHIMOL, GLÁUCIA

Gláucia Benchimol do Nascimento. Professora, escritora e ilustradora, formada em Artes pela UFAM. Produção literária infanto-juvenil: ***No mundo encantado de Bel Papoulinha.***

BESSA, MARIA ELISA SOUTO

Nasceu em São Luís do Maranhão, mas vive em Manaus desde os seis meses de idade. É professora, escritora e roteirista tendo assinado roteiro e direção de doze curtas metragens, em vídeo. Produção literária infantojuvenil: ***Histórias para minha tia dormir.***

BICHOS DA AMAZÔNIA

Autor: **Priscila Pinto.**

Manaus: Edições Muiraquitã, 2012. **Prêmios Literários Cidade de Manaus – Prêmio Alfredo Linhares.**

Livro de poemas dividido em quatro partes: Bichos da terra, Bichos do ar, Bichos da água, Bichos da terra e da água. Cada poema é uma forma de adivinha em que são apresentadas características do animal que o leitor deve descobrir. A estrutura dos versos lembra muito as tradicionais cantigas de rodas e quadrinhas infantis.

Excerto:

Quem sou eu?

*Vamos brincar de adivinhar?
Sou um bicho da Amazônia,
Você tem que identificar.
Na terra, na água ou no ar
Você pode me encontrar!*

*Aprendendo comigo,
Vamos juntos brincar,
Venha meu amigo,
A natureza preservar!*

*Quem sou eu?
É sua vez de falar. (p.13)*

BOTO COR-DE-ROSA E O JACARÉ DO RABO COTÓ, O

Autor: **Pedro Lucas Lindoso**. Ilustrações: Márcio Matias

Manaus: Edições Muiraquitã, 2010. **Prêmios Literários Cidade de Manaus – Prêmio Alfredo Linhares.**

Explorando os sons e as rimas com os nomes dos animais, a obra conta de forma divertida a história de um jacaré invejoso que queria participar das brincadeiras do Boto-cor-de-rosa com uns meninos do município de Manacapuru. Como não é aceito na brincadeira, o Jacaré começa a dar apelidos ao Boto. O Boto, desencorajado a princípio pelos apelidos do Jacaré, consegue superar essa inimizade com a ajuda dos meninos e de outro Boto.

Trecho:

Em Manacapuru, no Amazonas, existe um lindo rio chamado Ariaú. É lá onde moram o Boto Rosa e seu compadre Jacaré. Dois curumins de Manacapuru ensinaram o Boto Rosa a comer peixe cru na beira do rio. (p.15-16)

BRAGA, CELDO

Celdo Braga. Professor, poeta, músico e compositor, nascido em Benjamin Constant, no dia 29 de janeiro de 1947. Produção literária: *obras poéticas: Cordel Verde (1988), Entranhas do Mato (1990), O Eco das Águas (1992), Água e Farinha(1998), Estações (2012)* - publicadas em forma de livro. *Estações (2012) Canoa: música de popa, poesia de proa, Chamando o Vento, Natal na Floresta* - em CDs. Produção literária infantil-juvenil: Série **Poetinha da Floresta: Lição das Águas, 2001; Natureza – lição preservar, 2003**

BUZINA ENCANTADA, A

Autor: **Elson Farias** Ilustrações: Márcio Matias

Manaus: Valer, 2012. Coleção **O teatro dos curumins**

Auto com dez cenas baseado em uma lenda recolhida por Nunes Pereira entre o povo Maué, no rio Andirá, que explica o surgimento dos animais. O auto inicia por um narrador que explica que no princípio dos tempos tudo era gente. Em seguida começa a ação: um dia um marido convida a mulher para ir a uma festa, mas esta diz que está incomodada e não quer ir à festa. Na verdade, a índia não queria ir acompanhada do marido e vai a festa sem que ele perceba. Alguns convidados ajudam a mulher a enganar o marido. Quando ele descobre a traição, toca a buzina encantada e chama o raio e o trovão para ajudá-lo a se vingar. A vingança consiste em transformar a mulher e os convidados em animais tocando-os com a buzina.

Excerto:

1
*Fala o narrador
quando o mundo foi criado
todos eram povo, até
as pacas e as antas, gente
cara e cuiá de um maué.*

*O corpo tenro da filha
do grande chefe das onças
eu com meus companheiros
devoramos feito janta.*

*Ontem éramos só gente
cantando a nossa alegria,
somos agora animais
nas danças da tocandira.(p.5)*

C

CABRAL, ASTRID

Astrid Cabral Félix de Sousa. Poeta e contista, professora e funcionária pública, nascida em Manaus, no dia 25 de setembro de 1936. Produção literária: *Alameda* (1963); *Ponto de cruz* (1979); *Torna-viagem* (1981); *Lição de Alice* (1986); *Visgo da terra* (1986); *Rês desgarrada* (1994); *De déu em déu* (1998); *Intramuros* (1998); *Rasos d'água* (2003); *Jaula* (2006); *Ante-sala* (2007); *Antologia Pessoal* (2008); *50 Poemas escolhidos pelo autor* (2008). *Les doigts dans l'eau* (2008); *Cage* (2008). Produção literária infanto-juvenil: **Zé Pirulito**.

CAÇADOR DE HISTÓRIAS, O

Autor: **Yaguarê Yamã**.

São Paulo: Martins Fontes, 2004.

*Yaguarê Yamã resgata a memória ancestral da nação indígena Mawé lembrando as histórias de sua infância, a maioria contada por seu pai, um excelente narrador de aventuras e seu grande inspirador. “Quando a makukawa entoava seu canto melancólico na floresta e os sapos coaxavam no ygarapé próximo de onde morávamos, já sabíamos que estava na hora. Aquele era o aviso para uma longa noite de histórias, e todos corríamos para junto das redes dos mais velhos. E, antes que os mais velhos morressem e a arte de contar histórias fosse esquecida, pude resgatar algumas narrativas, entre elas a de um aventureiro engraçado, chamado Watiamã-weipy't, herói safado, do tipo do famoso Macunaíma ou do Baíra, do povo Parintintim”. Neste livro há quatro aventuras de Watiamã-weipy't. As outras histórias são arrepiantes, do tipo das que o povo Saterê-Mawé gosta de contar.

ÇAÍÇÚ'INDÉ: O PRIMEIRO GRANDE AMOR DO MUNDO

Autora: **Roni Wasiri Guará**. Ilustrações: Humberto Rodrigues

Manaus: Valer, 2011. Coleção **Nheengatu**

A narrativa principal do livro é a explicação do povo Maraguá para o surgimento da lua (Gixiá) e das estrelas. A esta história principal, se interligam outras, como o surgimento do sol, da noite e dos rios, uma vez que tudo se passa logo depois que Moñag (Deus bom) cria o mundo. A lua é uma índia, Yãny, que se apaixona por Guaracy (o sol). O espírito do mal, Aryãg, não gosta do amor entre Yãny e Guaracy e manda matar a índia pelo veneno de uma cobra. Moñag aceita o pedido da índia e a transforma na lua, para estar no céu como Guaracy. Apenas a noite os separava. Por isso, Moñag inventa o çaiçu'indé, o eclipse, momento no qual sol e lua podem se abraçar depois de tantos anos sem se ver.

Excerto:

Contam os velhos do povo Maraguá que quando Moñag olhava a vastidão que existia à sua frente e mergulhava no silêncio absoluto que dele emanava, sentado sobre uma flor de mais pura energia, sustentada sobre as águas, ele podia sentir a força vital do universo. Certo dia, uma grande voz soou em sua solidão, e, por meio de trovões, trouxe-lhe uma mensagem. Moñag começou a rezar, e o fez durante milhares de anos, cultuando o divino que havia dentro de seu coração e, finalmente, veio-lhe a inspiração para organizar a criação do mundo.

Moñag criou um mundo perfeito; em sua criação concebeu um ser muito bonito e forte e deu-lhe o nome de Guaracy, que significa força e coragem. Vários outros seres aos poucos foram sendo criados (pp. 7-8)

CASO DA COBRA QUE FOI PEGA PELOS PÉS, O

Autora: **Roni Wasiri Guará**. Ilustrações: Ana Luiza Mello

Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007

O livro conta as aventuras de Kurumi, da tribo dos Maraguá, no Amazonas. Kurumi, aos cinco anos, faz sua primeira caçada. Kurumi era motivo de grande orgulho para seus pais e crescia aprendendo com a natureza e com os mais velhos a desenvolver sua sabedoria e o respeito pela natureza. O maior feito de Kurumi foi descobrir e capturar uma jiboia que roubava toda a caça do menino colocada no jirau. Kurumi conseguiu capturar a cobra colocando um anzol nos pés de um pássaro que havia

caçado. Quando a jiboia tentou roubar o *miwá*, ficou presa no anzol que estava nos pés do pássaro. Através das aventuras de Kurumi, o autor descreve o dia a dia das crianças maraguás e apresenta costumes, crenças e histórias do povo.

Excerto:

Essa é a história de Kurumi, indiozinho nascido na tribo dos Maraguás, no Amazonas.

Foi o pajé quem lhe deu este nome, porque ele nasceu bem pequeno. Para a etnia Sataré-Mawé, Kurumi significa menino e nada mais. Simples como ele.

Kurumi morava com seus pais em um Tapiry perto do lago Kayawé: um lugar para muitas aventuras na floresta Amazônica. Aventuras – eis do que Kurumi gostava.

Outra coisa de que Kurumi gostava era de imitar gente grande.

A primeira caçada que fez em sua vida foi aos cinco anos.

O seu arco e as suas flechas eram quase do tamanho que os grandes caçadores usavam. E não é que a primeira flechada pegou bem entre os olhos de uma onça, que tropeçou nas próprias patas e fugiu!

- Você fez isso sozinho, meu filho? – falou o pai, orgulhoso.

- Tomara que a onça esteja bem, não é pai? – disse Kurumi.

O pai riu e falou:

- Kurumi vai se tornar um grande caçador. (p.4)

CAVALCANTE, LAURA

Laura Corrêa Cavalcante Leite, estudante, nascida em Manaus. Aos 14 anos, incentivada pela mãe, publicou o livro ***Belas árvores***. No blog que mantém para divulgação do livro, Laura afirma que seu sonho é ser uma grande escritora conhecida internacionalmente.

CICLO DO OURO NEGRO, O

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Júnior Lima**

Manaus: Valer, 2012. **Série Aventuras do Zezé. Coleção Viajando pela História do Amazonas-10.**

Zezé e sua turma, guiados sempre pelo professor Arthur César Ferreira Reis, chegam a uma etapa muito importante da história do Amazonas, o período áureo da borracha, época de grande desenvolvimento econômico do Estado. O “tio Reis”, ajudado em alguns momentos pelo pássaro Japiim, faz com que as crianças compreendam todo o ciclo da borracha, suas origens e consequências.

CIDA, A MACACA TRAVESSA

Autor: **Leyla Leong**. Ilustrações: Terezinha Escobar

2 ed. Manaus: Valer, 2010.

Conta a história de uma macaca-aranha que foi capturada por contrabandistas de animais silvestres e acaba indo morar num instituto de pesquisas. Cida, sem perder a esperança, passa um ano presa quando consegue fugir. Em liberdade, anda por vários bairros de Manaus, observa a vida dos humanos faz vários amigos. Em cada bairro, ganha novos nomes: virou Xuxa, no Alvorada e Juju, no Lírio do Vale. Um dia, Cida chega a um hotel na praia da Ponta Negra e se apaixona por um macaco que vivia no zoológico do local. Os dois conseguem escapar e embarcam num barco de turistas que os leva de volta à floresta. A narrativa é o tempo todo intercalada pela perspectiva do narrador e da própria macaca Cida.

Excerto:

Uma macaca-aranha vivia feliz na floresta, sem imaginar que perto dali morava um caçador que ganhava muito dinheiro levando animais silvestres para outros países.

Um dia ele capturou a macaquinha e a levou à casa de um contrabandista, no condomínio Tucumã.

A polícia já vinha de olho no sujeito e justamente naquele dia resolveu fazer-lhe uma visitinha de surpresa.

A macaca estava numa caixa prontinha para ser levada ao aeroporto. Na confusão que se armou, ela rasgou a caixa para fugir, mas foi agarrada pelo rabo. A agulha fina de uma seringa cheia de remédio para dormir espetou o seu bracinho longo e fino. (pp. 6-7)

CIDADE PERDIDA DOS MENINOS-PEIXES, A

Autor: **Zemaria Pinto**. Ilustrações: Fernando Júnior

Manaus: Valer, 2011.

Romance juvenil ambientado na lendária cidade do povo-água que, por sua vez, conhecia a lenda da cidade do povo-terra. Um menino-terra chega misteriosamente à cidade do povo-água e precisa se integrar à sua cultura. A questão é que o menino-terra traz consigo todos os elementos negativos da cultura da cidade-terra que, ao lado do desenvolvimento econômico e tecnológico, gera violência e indiferença. O menino acaba influenciando negativamente os meninos-peixe, mas os valores do povo da água como a simplicidade, a solidariedade e a tranquilidade

acabam fazendo com que ele aprenda outra maneira de viver. O menino-terra volta ao seu ambiente decidido a ensinar os valores aprendidos.

Excerto:

Antes do homem, o macaco. Antes do macaco, o peixe. Antes da terra a água.

Se nos fosse permitido viajar ao passado, essa seria a sequência que observaríamos: um planeta coberto de água, com uma vida totalmente submersa. Mas isso aconteceu há bilhões de anos. O planeta transformou-se e, apesar de ser coberto ainda, em sua maior parte, por água, chama-se Terra. A explicação é muito simples: é na terra que vive a humana gente, que, afinal, manda e desmanda no planeta.

Mas essa não é uma regra absoluta. Na imensidão do mar-oceano ou nas profundezas dos grandes rios existem vestígios de antigas civilizações que não migraram para a terra, mas cumpriram ali todos os estágios da evolução. São cidades inteiras que se desenvolveram sob as águas, dando motivos para muitas outras histórias, que, de tão repetidas e transformadas, tornaram-se lendas. (p.9)

CLEMENT, ROSA

Rosa Clement. Poeta, haicaista, tradutora, técnica em informática, nascida em Manaus em 1954. Tem poemas publicados nas seguintes antologias: *I Antologia poética da Asseam (1997)*, *Antologia brasileira de novos talentos (1998)*, *Ins Piração Erótica (2000)*, *Poesias e poetas do Amazonas (2006)*. Produção literária infantojuvenil: ***Terra de curumim e cunhatã é assim.***

COBRA-GRANDE

Autor: **Cleber Sanches**. Ilustrações: **Márcio Matias**

Manaus: Valer, 2011.

Uma família da cidade grande vai passar férias numa cidade do interior do Amazonas. À noite eles se reúnem sob a luz do lampião e o dono da casa que os acolhe, seu Landinho, começa a contar histórias. Nando, o menino da cidade, fica fascinado com a história fantástica que o homem começa a contar: trata-se da lenda da Cobra-grande. Com a fala típica dos contadores do interior, seu Landinho conta tudo o que a Cobra-grande faz em noites de tempestade. Começa a chover e o menino fica com medo que ela apareça, mas seu Landinho o tranquiliza afirmando

que naquela casa todos respeitavam a natureza e, por isso, a Cobra-grande não faria mal a eles. O menino decide que ensinará essa lição quando voltar à cidade.

Excerto:

Nando, um menino da cidade grande, foi passar suas férias numa pequena cidade do interior do Amazonas junto com seus pais, para um contato mais próximo com a natureza. Ficou hospedado numa pequena casa de madeira, muito bem arrumadinha, toda cercada por um belo jardim cheio de flores cultivadas por Dona Minerva, uma senhora muito amável que, junto com seu marido, seu Landinho, ali moravam havia muitos anos. A casinha estava situada num local privilegiado, de onde era possível ver um igarapé que tornava o lugar ainda mais bonito. (p. 5).

COISAS DA TIZ

Autora: Beatriz Guimarães. Ilustrações:

Manaus: SESC, 2011

* Livro publicado com o apoio do SESC e lançado na Feira de Livros de 2011. Reúne poesias que retratam o universo infantil, pela ótica de Beatriz Guimarães, então com 10 anos de idade. A autora começou a escrever as poesias integrantes da obra aos oito anos de idade. “Nas minhas poesias mostro como as crianças veem o mundo, principalmente sobre as cores desse mundo.”- afirmou a menina em entrevista ao jornal D24am⁷. Como favorita do primeiro livro, Beatriz escolhe a poesia abaixo

Cores

*Cores, cores, cores
A primavera coisa que abre,
E no meu jardim renasce,
No outro dia e no outro também,
Num céu de Primavera
E na linda Roseira azulada,
Cantam,
Com a minha vontade de ver,
Com um dia de primavera,
Assim ninguém ficará,
Sem a sua cor,
De primavera.*

⁷ Matéria: *Escritora mirim lança obra de poesias na Feira de Livros do Sesc 2011*, publicada no portal do jornal D24am em 03/11/12. Disponível em: <http://www.d24am.com/plus/artes-shows/escritora-mirim-lanca-obra-de-poesias-na-feira-do-livro-do-sesc-2011/37353>. Acesso em 17/08/12.

CONTOS DA FLORESTA

Autor: **Yaguarê Yamã**. Ilustrações: Luana Geiger

São Paulo: Peirópolis, 2012.

* Yaguarê Yamã recria mitos e lendas do povo indígena Maraguá, conhecido na região do Baixo-Amazonas como "o povo das histórias de assombração". As três primeiras histórias são mitos sobre animais fantásticos que protegem as florestas e as três seguintes são lendas que enredam a rotina da tribo em acontecimentos mágicos, todas elas narradas em pequenos textos cheios de ritmo e suspense. As histórias estão imersas na natureza, com personagens em intensa relação com a floresta, sempre considerada em seu inesgotável mistério. Ao final, um glossário com termos da Língua Regional Amazônica e do idioma Maraguá contribui para o registro da cultura de um povo que hoje vive em apenas quatro pequenas aldeias e conta 250 pessoas. O leitor encontrará também um posfácio sobre a cultura dos povos de que descende Yaguarê e uma entrevista com o autor.

CORRÊA, NEUTON

Jornalista e escritor nascido em Parintins. Produção literária: *A poesia do homem cavalo* (2012). Produção literária infantojuvenil: ***Sonhos de cuirão***.

CRIAÇÃO DO MUNDO E OUTRAS LENDAS DA AMAZÔNIA, A

Autora: **Vera do Val**. Ilustrações: Geraldo Valério

São Paulo: Martins Fontes, 2008

O livro reúne oito narrativas – as quais já haviam sido publicadas anteriormente no livro ***O imaginário da floresta***- baseadas unicamente em lendas de origem dos povos Karajá, Kaikuxiana, Baré e outros, recontados com uma linguagem direta e envolvente, visando o público infantojuvenil.

Excerto:

A criação do mundo
(lenda do povo Araweté, habitante da região do rio Xingu).

Houve um tempo em que o mundo era sem morte e sem trabalho. Existiam na terra os índios e os Mais, uma tribo de imponentes homens-deuses. Não havia as roças nem o fogo; todos colhiam o mel e as frutas. Não se conheciam as doenças; a velhice e a morte não existiam. A floresta era amiga e os animais, dóceis. (p. 13)

CROCODILIANOS MODERNOS, OS

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Márcio Matias**

Manaus: Valer, 2011. **Coleção As aventuras do Zezé no lago dos répteis-3**

Na terceira parte da aula sobre os jacarés o professor começa a apresentar cientificamente os jacarés da Amazônia – maior interessa das crianças da turma de Zezé. Antes, porém ele apresenta as três famílias de crocodilianos modernos indicando onde e como vive cada família e suas diferentes características. Enfim, o professor indica que os crocodilos que vivem na Amazônia fazem parte da família *Alligatoridae* e são chamados comumente de jacarés. O professor passa, então, a descrever as características das quatro espécies de jacarés amazônicos. A narrativa termina com a promessa feita pelo professor de levar os meninos ao lagos dos répteis – local de pesquisa do professor – para observá-los de perto.

Excerto:

- *Tio Ronis, onde paramos, em nossos encontros sobre a história natural dos jacarés? – indaga Zezé.*
- *Paramos quando íamos falar dos crocodilianos modernos – responde o tio.*
- *Dos crocodilianos dos nossos dias? – pergunta primo Duquinha.*
- *Nem tanto, amigo, porque as famílias dos crocodilianos, de que vamos falar, já eram distintas havia 60 milhões de anos – ensina tio Ronis. (p. 4)*

CURURU TEI-TEI

Autora: **Cacilda Barbosa**. Ilustrações: **Lucinha Cabral**

Manaus: SCA/ Ed. Governo do Estado, 1986

O livro tem quatro histórias com estrutura semelhante às fábulas. A história *Caco* é uma versão da famosa fábula *A festa no céu*, com ambientação amazônica. Nesta versão é lara quem cola os cacos do tracajá que foi expulso, por inveja do Jaburu, da festa na floresta. Em *O vaga-lume diferente*, Vaga, um vaga-lume preguiçoso

acaba confundido com uma “estrela da terra” por uma estrela do céu que o visita e o leva para o firmamento. Em *Cururu Tei-Tei* um sapo de voz maravilhosa, mas muito vaidoso é preso por cientistas e precisa lutar para voltar à floresta aprendendo a ser humilde e amigo de todos. Em *Jaca, o jacaré*, um jacaré feio e hostilizado por todos torna-se o herói do rio ao salvar os peixes de uma pescaria criminosa.

Excerto:

Caco

No tempo que onça falava, sapo tocava viola e grilo sapateava, Caco, o tracajá, possuía o casco bem lisinho.

Foi numa noite na floresta. Mestre papagaio verde ensinava a orquestra a tocar bonito e afinado. Besouros que cantavam grosso eram chamados a sentar bem na frente. Gafanhotos que cantavam fino ficavam na última fila para que os agudos fossem ouvidos pela mata inteira.

Os vaga-lumes acendiam e apagavam sua luz com precisão. Pareciam pisca-pisca de grande árvore de Natal.

O sapo tenor Cloriovaldo tufava e secava o peito em cima de uma pedra.

Caco olhava e se encantava! Era linda a sua floresta.

Jaburu de roupa preta e branca, com seu bico enorme foi chegando.

Todo sonso, puxou conversa:

- Sabe Caco, hoje cedo ouvi falar que tracajá não entra na festa.

- Ora essa, mestre Jaburu. Por quê? Falou tristonho o tracajá.

- Porque é feio e duro.

Um pé aqui, outro ali, lá se foi o Caco curtir tristeza na beira do grande rio.

lara se banhava enquanto cantava. Enfeitava os longos e verdes cabelos com flores do mato. Com voz de cristal, perguntou ao Caco:

- Vai à festa cascudinho? (p. 17)

D

DAMASCENO, MARIA LUIZA

Maria Luiza Damasceno de Araújo. Professora e escritora, nascida em Manaus. É graduada em Arqueologia, com pós-graduação em Antropologia. Produção literária: *O eterno vigia dos meus* (1992), *Conte um conto* (org. 1993), escreveu contos e crônicas para o jornal *Em tempo* durante o ano de 1992. Produção literária infantojuvenil: *Tia Teté: histórias e lendas amazônicas*.

DE MÃOS DADAS COM A PAZ

Autor: **Elson Farias**; Ilustrações: Gusmão e **Romahs**

Manaus: Editora Valer, 2002. **Coleção: Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica, 6**

Enquanto Zezé termina os deveres de escola, o Bem-te-vi e o Japiim encontram-se na mesa do jardim. Os dois pássaros amigos de Zezé conversam e acabam iniciando uma discussão. Zezé intervém na discussão tentando explicar o comportamento dos animais para a manutenção do equilíbrio da natureza. Os pássaros propõem que todos trabalhem juntos para melhorar a vida usando uma “palavra pequena, mas muito bonita. Seu nome é PAZ”. Os três amigos saem felizes, concordando com a proposta do Japiim.

Excerto:

O Bem-te-vi pousa sobre a mesa do jardim, tomando banho de sol. Chega o Japiim e pergunta:

- *O que estás fazendo aí, Bem-te-vi?*
- *Estou esperando por meu amigo Zezé. Ele está lá dentro com a mãe, fazendo os deveres de casa passados pela professora.*
- *Gostas muito do Zezé, não é Bem-te-vi? – pergunta o Japii.*

- Gosto, sim, ele é bom comigo e com todos os pássaros da floresta. Nunca usou baladeira para nos perseguir. Sabes que ele não come nem ovos de galinha, porque de dentro dos ovos nascem os pintinhos. (pp. 4-5)

DE VOLTA PRA CASA: uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer.

Organizadores: Jone César Fernandes Silva e Vera Maria Ferreira da Silva;

Ilustrações: Adão Iturusgarai

Manaus: INPA, 2009

Livro concebido pela AMPA (Associação Amigos do Peixe-boi), fundada pelo Laboratório de Mamíferos Aquáticos do INPA. O livro é destinado à educação de comunidades ribeirinhas para a preservação das espécies ameaçadas de extinção. Na apresentação lê-se que se trata de uma adaptação do livro **Órfão das águas**, de **Wilson Nogueira**. A maior parte do texto original foi mantida sendo inserido um capítulo - *De volta pra casa* - que traz informações técnicas do Projeto Peixe Boi que introduz na natureza animais criados em cativeiro com a ajuda das comunidades ribeirinhas. Ao final do livro há uma série de passatempos usando a temática dos animais ameaçados de extinção. Há uma cópia digital do livro disponível para leitura e download no site da AMPA (www.ampa.org.br).

DIAKARA, JAIME

Seu nome em português é Jaime Moura Fernandes, nascido em 1974, no igarapé Cucura, no rio Tiquié, Pari-Cachoeira, no Rio Negro. Descende da etnia Dessana – Wahari Diputiro Porã. Professor bilingue e tradutor da Língua Tukano dos Ye'pa Masa. Graduando em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Amazonas. É autor do Calendário Dessana e dedica-se à pesquisa etnoastronômica do povo Dessana. Produção literária infantojuvenil: **Yahi Puíro Ki'ti: a origem da constelação de Garça**.

DUAS HISTÓRIAS DA NOITE

Autor: **Leyla Leong**. Ilustrações: Terezinha Escobar

Manaus: Valer, 2011. **Série Florescer da leitura**

O livro reconta duas versões do surgimento da noite, recolhidas pelo etnólogo Nunes Pereira: *A noite, o frio e os carapanãs*, é um mito dos Barés que explica como a noite foi dada de presente aos índios – e com ela o frio e os carapanãs que a acompanham - escondida em frutos de tiririca; *A dona da noite*, é um mito dos índios maué, segundo o qual a noite ficava escondida dentro da barriga da Surucucu. Uanhã negocia um pedaço da noite com a cobra dando em troca os venenos mais poderosos. O formato do livro é especial, as folhas se sucedem em forma de “sanfona”, combinando com a ideia de duas versões míticas para o surgimento da noite. No verso, uma bela ilustração representando um céu estrelado.

Excerto:

A noite, o frio e os carapanãs
As folhas da bananeira brava torciam-se ao calor do sol, liberando um agradável cheiro de seiva e peixe.
Sentado no chão, Inapirico esperava os tucunarés assarem sobre uma pedra. O calor era grande e a fome também. A sombra de uma árvore era o único alívio para tanto calor e luz. Naquele tempo o sol não se punha nunca, a noite não existia e os olhos dos índios viviam cansados.
Inapirico meditava sobre a existência da noite que trazia o descanso para o corpo e para a alma dos homens e dos bichos. (p.1)

DUAS PARTES DO MUNDO, A

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Júnior Lima**

Manaus: Valer, 2010. **Série Aventuras do Zezé. Coleção Viajando pela História do Amazonas-3**

Nesta terceira aula, ou viagem pela história do Amazonas, a turma de Zezé tenta entender as consequências da assinatura do Tratado de Tordesilhas, quando o mundo ficou dividido em duas partes: a espanhola e a portuguesa. O professor Reis explica que, para tentar diminuir os conflitos e o perigo de guerras, um novo tratado foi assinado, o Tratado de Madri que criava comissões para demarcar as fronteiras. Ele explica que a área do Amazonas pertencia à região de Belém e que a necessidade de proteger as terras fez surgir outras sedes de governo, como a Capitania de São José do Rio Negro que é a raiz histórica do Estado do Amazonas. O professor narra, ainda, os feitos dos primeiros governadores da Capitania.

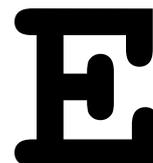
Excerto:

Zezé com o Bem-te-vi na cabeça, pergunta ao tio Arthur Reis:

- Professor, e como ficou o Tratado de Tordesilhas?

- É isso mesmo – pula o pássaro Japiim. – Sabe-se que esse tratado dividiu o mundo em duas partes. Uma para os portugueses e a outra para os espanhóis. A Amazônia estava do lado da parte dos espanhóis. Acontece que essa movimentação toda, que estamos vendo nesta nossa viagem pela História, os portugueses e brasileiros acabaram por tomar conta da Amazônia. E daí, como ficou o negócio?

- Ah, meus filhos, a coisa andou feia – responde o tio Reis. – Por causa disso quiseram fazer guerra aqui nas Américas e até na Europa. A paz ficou ameaçada no mundo. (p.4)



ESSA TAL DE NATUREZA

Autor: **Leyla Leong**. Ilustrações: Terezinha Escobar

3.ed. Manaus: Valer/ Gov. do Estado, 2002.

Concebida inicialmente como uma peça teatral, o livro conta a história de um pássaro curioso que querendo descobrir “como era quando a mata acabava” conhece o “Reino Diferente”, onde há só cimento e nada de natureza. Ao voltar ao “Reino da Mata”, e informar o que viu, o Rei resolve mandar uma comitiva para a cidade. Ao chegar lá, o rei da cidade, encantado com os frutos e as pedras preciosas trazidas pelo Rei da Mata, resolve que vai prender “essa tal de Natureza” a seu serviço. Um espião da cidade segue a comitiva e recebe de presente um punhado de sementes com a recomendação de que as guarde na terra e as cultive. Delas viria toda a Natureza tão desejada pelo Reino Diferente.

Excerto:

Um pássaro muito curioso morava em uma floresta cheia de bichinhos. Ele perguntava muito e queria saber de tudo: o que a tartaruga comia, por que o jacaré e as cobras se arrastavam e até por que a preguiça andava tão devagar.

Mas o seu maior desejo era descobrir o que havia por trás de todas aquelas árvores. Queria saber como era quando a mata acabava.

Certo dia... (p.7)

ESTADO DO AMAZONAS, O

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Júnior Lima**

Manaus: Valer, 2010. **Série Aventuras do Zezé. Coleção Viajando pela História do Amazonas-4**

Nesta lição sobre a história do Amazonas, o professor Reis explica para as crianças da turma de Zezé o longo e complicado processo de alternância de governos da Capitania em busca de autonomia política em relação a Belém, uma etapa importante para a formação do Estado do Amazonas. Durante a explicação, o tio Reis precisa explicar sobre outros fatos históricos, como a Revolução Francesa e a Independência do Brasil, e como esses fatos influenciaram a história do Amazonas.

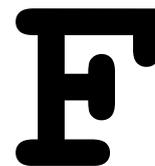
Excerto:

E o Amazonas, como é que se transformou em Estado, tio Arthur Reis? – pergunta Zezé, muito interessado em nossa História.

- Ah, meu filho, para isso vivemos uma luta política demorada e silenciosa.

- Lobo d'Almada participou dessa luta? – indaga apressado o primo Duquinha.

- Não filho, ele já tinha morrido. Entre agosto de 1779 e outubro de 1788, e logo após a morte de Lobo d'Almada, a nossa capitania deixou de ter um governador. (p.4)



FABULOSA LOJA DOS BICHOS, A

Autor: **Jorge Bandeira**. Ilustrações: livro sem ilustrações

Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003. **Coleção Poracé/Teatro**

Peça em três atos, encenada em 2004 pela Cia de Teatro Apareceu a Margarida. No lago do Limão, um estrangeiro, o Sr Papus, intermediado pelo tamanduá bandeira Ban-Ban, convoca os bichos que ali vivem para construir uma fabulosa loja. No início há um entusiasmo geral pela promessa de desenvolvimento da região e de melhoria de vida para todos e os bichos se lançam a trabalhar. Porém, cansados do trabalho pesado a que são submetidos, e desconfiados por não saberem o que a loja venderia, os bichos se rebelam e confrontam os patrões. Só então descobrem que, na verdade, a loja venderia produtos extraídos da floresta sem seu consentimento. Há uma revolta, os bichos destroem a loja e expulsam os invasores.

Excerto:

ATO I

(O ato 1 desenvolve-se no “Lago do Limão”, onde os bichos vivem, é um grande lago, de vegetação rasteira, próximo do lago existem algumas plantações dos caboclos ribeirinhos, e uma estradinha de carro batido. Ainda é um local calmo, onde os bichos habitam em harmonia com a natureza.)

CENA I

BOLÃO, O PEIXE-BOI *(Se espreguiçando)*

- Uau, como esse sol está bonito, acho que vou tirar mais uma soneca *(mergulha no lago)*

VERUSKA, A TARTARUGA

- Minha nossa, melhor eu comer estas plantas deliciosas agora, antes que chegue outro bicho apresentado por aqui! (*Arranca uma plantinha do lago e come*) (p.11)

FALANDO TUPI

Autor: **Yaguarê Yamã**. Ilustrações: Geraldo Valério

Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2012.

*Língua legítima dos índios tupinambás, tupiniquim, caetés, tamoios e potiguaras, o tupi foi gramaticalizado pelos jesuítas e utilizado pelos colonizadores portugueses do século XVI nos primeiros contatos com as tribos nativas. A obra é uma iniciação ao universo da língua que falavam os que habitavam Pindorama antes de sua descoberta pelos portugueses. Uma forma divertida de apresentar às crianças um pouco da origem das palavras faladas e escritas pelo nosso povo. O livro não fica apenas nas palavras soltas, mostrando que muitas das que usamos hoje em português foram incorporadas do tupi, mas apresenta frases inteiras com sua tradução para o português.

FARIAS, ELSON

Elson Bentes Farias. Poeta e ficcionista, nascido em Itacoatiara, no dia 11 de junho de 1936. Produção literária (obras representativas): Barro verde (Manaus, 1961), Estações da várzea (Manaus, 1963), Três episódios do rio (Manaus, 1965), Ciclo das águas (Manaus, 1966), Dez canções primitivas (Manaus, 1968), Um Romanceiro da criação (Manaus, 1969), Do Amor e da fábula (Rio de Janeiro, 1970), Roteiro lírico de Manaus em 1900 (Manaus, 1977), Palavra natural (Brasília, 1980), Romanceiro (Rio de Janeiro, 1985), Balada de Mira-anhangá (Manaus, 1993), A Destruição adiada (Manaus, 2002). Produção literária infanto-juvenil: **Série Aventuras do Zezé na Floresta Amazônica**: *O Tupé voador; As aves pedem ajuda; O romance dos sapos; Procurando a noite verdadeira; Noite de viração; De mãos dadas com a paz; A história da inteligência; O jovem tamarindo; Viajando com o boto no fundo do rio; A origem das estrelas*); **Série As aventuras do Zezé, coleção Viajando pela História do Amazonas**: *Os meninos e o professor; Nascem nossas fronteiras; As duas partes do mundo; O Estado do Amazonas;*

Tentativa de autonomia; Nasce a Província do Amazonas; A Guerra da Cabanagem; As viagens científicas; Libertação dos escravos e república; O ciclo do ouro negro; A presença do nordestino; A Revolução Acreana; A cidade de Manaus; Novos Horizontes; Manaus do Rio Negro, a capital da floresta; Série Florescer da Leitura: Travessuras de urubus e outros bichos e crianças; O som das letras. Coleção Aventuras de Zezé no lago dos répteis: No tempo dos dinossauros; A pré-história dos crocodilianos; Os crocodilianos modernos; O harém do Senhor Jacaré. Coleção Teatro de Curumim: Noite de Natal na Floresta; A feiticeira maravilhosa; A buzina encantada.

FEITICEIRA MARAVILHOSA, A

Autor: **Elson Farias** Ilustrações: Márcio Matias

Manaus: Valer, 2012 **Coleção O teatro dos curumins**

Escrita em 1990, pedido do Maestro Nivaldo Santiago, que queria a história para uma opereta em forma de libreto. O enredo consiste na tradicional lenda da lara, criatura oriunda do Rio Negro. As crianças da turma estão colhendo muricis, quando Zezé e o primo Duquinha saem em busca da Feiticeira Maravilhosa e passam a conhecer a lenda da lara.

Excerto:

1
O amanhecer
(vozes ao longe)

Aves de leves asas
Sobre as águas do rio,
Da lua e das estrelas
Vem de noite o navio.

A vida recomeça
Águas em pingos do ar,
Como lépidas pérolas
Do rio ao acordar.

Crescem os sonhos do homem
No ardor do coração,
Nas várzeas se revelam
Os milagres da mão. (p.5)

FERNANDES, ALFREDO

Alfredo Fernandes era filho de portugueses e nasceu em Manaus, professor do Instituto de Educação, representante e membro da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, diretor do Teatro Amazonas e idealizador do 1º Festival de Teatro Infantil. Junto a Américo Alvarez, o “Vovô Branco”, tornou-se o “Vovô Preto”, os dois nomes mais importantes em Manaus, na década de 1950, no que diz respeito ao teatro infantil, feito também por crianças. Produção literária: *Teatro infantil* (1966). Produção literária infantojuvenil: ***Lágrimas de brinquedo***.

FILGUEIRAS, ALDÍSIO

Aldísio Filgueiras. Poeta, jornalista e compositor, nascido em Manaus, no dia 29 de janeiro de 1947. Produção literária: *Malária e outras canções malignas* (1976); *A República muda* (1989); *Manaus – as muitas cidades* (1994), *A dança dos fantasmas* (2001) e *Nova subúrbios* (2006) Produção literária infanto-juvenil: **Ararinha Azul: o sumiço**.

FLORESTA E OS BICHOS CONTRA O HOMEM-FOGO, A

Autor: **Custódio Rodrigues**. Ilustrações: livro sem ilustrações

Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003. **Coleção Poracé/Teatro**

Peça em ato único, escrita no final da década de 1970 e encenada pela primeira vez pelo Grupo de Teatro Américo Alvarez. Trata da luta dos animais para combater o fogo que chega à floresta com a desculpa de trazer o progresso. Os animais reunidos em assembleia e liderados pelo Macaco Beleza debatem sobre o significado do progresso: “Nós também somos sociedade. Ainda assim, a miséria não é combatida, e, sim, criada para todos nós” (p.41). Os animais montam, então, uma verdadeira estratégia de guerra e lutam contra o fogo usando todos os recursos e a força da floresta. Durante a luta, invocam a proteção do Curupira que lhes doa um pó mágico que os leva a vencer a guerra contra o Homem-fogo.

Excerto:

Há certo tempo na floresta, aconteceu um incêndio que provocou um grande estrago. Por isso houve a necessidade de uma reunião de todos os bichos pra que fosse tomada uma decisão: preservar a mata, a sua casa.

O fogo tomava conta de grande parte da floresta. Os bichos não sabiam do Fogo, mas o Gavião que voava com a leveza de um rei tomou um susto, indo logo avisar o Macaco. Voando a uma velocidade de jato, chegou até o Macaco. O pouso foi tão violento que foram penas por todos os lados.

MACACO

- Camarada Gavião! Perdeu a esportiva? Ou está precisando regular os freios?

GAVIÃO

- Ufa... ufa... ufa... *quase que fico sem o bico! E o pior é que estou quase nu!* (p.11)

FORMOSA A SEMENTINHA VOADORA

Autor: **Wilson Nogueira**. Ilustrações: **Euros**

Manaus: Editora Valer, 2010. **Série: Florescer da leitura**

Narrada em primeira pessoa, é a história de Formosa, uma semente de sumaumeira que, ao desprender-se do fruto, viaja com o vento nas plumas da paina onde se encontra. Nessa viagem, conhece muitos lugares diferentes da floresta em que cresceu: uma fazenda, uma cidade, indo parar no Sul do Brasil. Com a ajuda de um grupo de crianças, Formosa pega carona de volta para a Amazônia em uma brisa. Na viagem, a Sementinha aprende muito sobre preservação da natureza.

Excerto:

Naquela manhã de verão, o calor fez o fruto de minha mãe se abrir e arremessar no ar centena de sementinhas envoltas em painas alvíssimas. Elas foram apanhadas pelo vento e se espalharam na vastidão verde da Amazônia.

Eu, ainda meio úmida, fiquei grudada nela até o sol me aquecer e o vento desprender-me.

E mamãe me disse:

- Vai, Formosa: a grande mamãe-terra te espera e dela tu vais brota, crescer, se transformar numa bela árvore e gerar muitos frutos e muitas sementes. (p.5)

FRUTAS DO MEU QUINTAL, AS

Autora: **Ana Peixoto**. Ilustrações: **Adriano Furtado**

Manaus: Editora Valer, 2010. **Série Florescer da Leitura: Coleção Coisas da Ana.**

Nesta obra, ambientada no “quintal de Ana”, o narrador fala sobre as árvores frutíferas de seu quintal, dando uma especial atenção à descrição de árvores regionais. Assim como os outros livros da série, este também, ao final, apresenta perguntas diretas ao leitor: “Você conhece outras frutas regionais? No seu quintal tem fruteira? Se você pudesse plantar uma árvore frutífera, qual você plantaria?”. Na última página do livro, encontra-se um poema sobre a floresta.

Excerto:

*No meu quintal existem muitas fruteiras.
Meus pais plantaram fruteiras regionais para que eu pudesse
conhecer, comer e gostar de nossas frutas.
Eu gosto de brincar no quintal.
É muito gostoso comer frutas colhidas com as nossas mãos.*
(4-6)

FURTADO, POLLYANNA

Professora e escritora. É paranaense, radicada no Amazonas. Produção literária: *Fractais e À margem da luz* (2007), *Simetria do Caos* (2011). Produção literária infantojuvenil: ***ABC da floresta amazônica*** (co-autoria)



GUARÁ, RONÍ WASIRY

Roni Wasiry Guará é o nome indígena de Ronivaldo Mendes da Silva. Nasceu no rio Maçawary, município de Boa Vista do Ramos, Amazonas. Professor, escritor, contador de histórias, artista plástico. Pertence ao povo indígena Maraguá, que habita o Maraguapagi - uma pequena reserva no rio Mari-mari, em Nova Olinda do Norte, no Estado do Amazonas. É membro do Nearin - Núcleo dos Artistas e Escritores Indígenas do Inbrapi - Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual. Produção literária infanto-juvenil: ***O caso da cobre que foi pega pelos pés; Çaiçu indé: o primeiro grande amor do mundo; Mandagará: traição dos encantado; Olho d'água: o caminho dos sonhos.***

GUERRA DA CABANAGEM, A

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Júnior Lima**

Manaus: Valer, 2010. **Série Aventuras do Zezé. Coleção Viajando pela História do Amazonas-7**

Satisfazendo a curiosidade de Zezé, que no volume anterior havia perguntado sobre a Cabanagem, o professor Reis conta, nesse livro, as motivações dessa revolta dos desde seu início, com a morte de Batista Campos, líder dos nacionalistas paraenses que promoviam forte resistência ao Governo de Portugal que se tinha imposto no Grão-Pará por meio de força militar no governo do brigadeiro Lobo de Sousa. O relato prossegue com o professor explicando a ação dos cabanos por todo o interior do Grão-Pará para vingar a morte de Batista Campos e declarar a independência. O

relato termina com o fim da guerra da Cabanagem, na vila de Luzéa (atual Maués) em que os cabanos saem derrotados pelo major José Coelho de Miranda Leão.

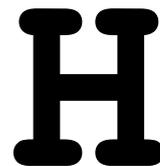
Excerto:

- Bem, agora vamos satisfazer a curiosidade do Zezé sobre a Cabanagem.

- Como foi a Cabanagem, tio Reis? – grita, apressado, primo Duquinha.

- É o seguinte: vocês sabem que ainda a partir da metade do século XIX, o governo da Amazônia tinha a sua sede em Belém. O atual Estado do Amazonas, nesse tempo era uma simples capitania governada pelo Pará – explica tio Reis e faz uma pausa. Em seguida lembra aos seus pequenos amigos: - Nós já conversamos sobre isso, não é verdade?

- Sim, tio Reis, já conversamos, sim – concorda mana Mimi, com atenção. (pp. 4-5)



HAKIY, TIAGO.

Carlos Tiago Hakiy, poeta e contador de histórias tradicionais, é filho da etnia Sateré-Mawé, nascido em Barreirinha. Formado em Biblioteconomia pela UFAM, foi subsecretário de Cultura Turismo e Meio Ambiente do município de Barreirinha. Produção literária infantojuvenil: ***Awyató-Pót: histórias indígenas para crianças.***

HARÉM DO SENHOR JACARÉ, O

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Márcio Matias**

Manaus: Valer, 2011. **Coleção As aventuras do Zezé no lago dos répteis-4**

Na última parte da aventura de Zezé e sua turma os meninos acompanham o professor numa visita noturna ao lagos dos répteis para observar de perto os animais. Eles descobrem um jacaré que parece ser o chefe de todos e, ao redor dele, cerca de 10 outros jacarés. O professor explica que cada jacaré macho comanda e protege cerca de 10 fêmeas. Nesta última parte da aula a turminha aprende sobre o sistema reprodução dos jacarés. Amanhece e as crianças se despedem do professor e da amiga Bruna, agradecidos e felizes por terem aprendido tanto sobre esses animais tão antigos quanto os dinossauros.

Excerto:

Chega a hora de ver de perto os jacarés. A noite é muito bonita, com o céu coberto de estrelas. O lago está calmo e tranquilo como um espelho. Tio Ronis prepara a canoa com os apetrechos necessários ao encontro com os jacarés. Não esquece a lanterna e a poronga.

- Ah, mas o que é poronga? – questiona a menina Zuzu.

- Poronga, minha filha, é isto aqui – explica tio Ronis. – Você está vendo?

E mostra à menina uma espécie de candeia alimentada por querosene, que os seringueiros e pescadores da Amazônia usam

presa à cabeça, para iluminar as árvores e as águas nas atividades noturnas.

Entram as crianças na canoa e tio Ronis assume o seu lugar, com o remo na proa da pequena embarcação. (p.5)

HATOUN, MILTON

Escritor, tradutor e professor, nascido em Manaus em 1952. Produção literária: Relato de um certo oriente (1989), Dois irmãos (2000) Cinzas do Norte (2005), Órfãos do Eldorado (2008), Cidade Ilhada (2009). Produção literária infantojuvenil: o autor publicou dois contos em coletâneas: ***Nas asas do condor, A primeira noite de um homem***. O conto ***Nas asas do condor***, foi publicado na França em forma de livro com o título Sur les ailes du condor.

HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA, A

Autor: **Elson Farias**; Ilustrações: **Gusmão e Romahs**

Manaus: Editora Valer, 2002. **Coleção: Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica, 7**

Neste livro, Zezé e o Bem-te-vi estão brincando embaixo de uma sumaumeira quando o Japiim chega perguntando se eles sabem de onde vem a inteligência. O Bem-te-vi define a inteligência como um atributo da cabeça do homem e o Japiim afirma aos dois amigos que, na verdade, a inteligência foi tirada pelo homem do cérebro do Japiim no comecinho do mundo. Zezé, então, começa a narrar a história bíblica de Adão e Eva, afirmando que a inteligência nasceu na cabeça do homem quando Adão e Eva desobedeceram a ordem de Deus e comeram o fruto proibido.

Excerto:

Zezé e o Bem-te-vi estão debaixo de uma sumaumeira, quando chega o Japiim.

O Japiim vem logo perguntando:

- Vocês sabem de onde vem a inteligência?

- Eu sei – responde apressado o Bem-te-vi. – A inteligência vem da cabeça do homem. Sem inteligência ninguém consegue andar direito. O home não consegue ver a luz e não sabe o que é o bem e o que é o mal. (p.4)

HISTÓRIAS DE BICHOS BRASILEIROS

Autora: **Vera do Val**. Ilustrações: Geraldo Valério

São Paulo: Martins Fontes, 2010.

* Animais são personagens frequentes dos contos populares brasileiros. Neste livro, Vera do Val reconta algumas dessas histórias com linguagem fluente e graciosa, dando vida e voz humana aos animais da nossa fauna. Nas ilustrações o artista Geraldo Valério mostra toda a sua mestria em magníficas colagens de papel colorido.

HISTÓRIAS DE BICHOS DA AMAZÔNIA

Autora: **Ana Peixoto**. Ilustrações: **Romahs, Adriano Furtado**

Manaus: Editora Valer, 2010.

Diferentemente da série *Coisas da Ana*, este livro não é ambientado no quintal da narradora e apresenta três narrativas: *O Papagaio e a Cobra*, *O Jabuti e o Pé de Taperebá*, *A Coruja e o Sapo* e um poema. As narrativas, todas envolvendo animais da Amazônia, se aproximam dos gêneros fábula e lenda contando lições aprendidas pelos animais e a lenda da origem da cidade de Maués. O poema apresenta o homem como o “bicho papão dos bichos”, por causa de sua ação predatória contra os outros animais.

Excerto:

O Papagaio e a Cobra

Certa vez, quando visitei uma aldeia no rio Marau, um índio Sateré-Maué me contou que:

-Estava um dia um Papagaio cantando e comendo milho num grande milharal quando uma grande cobra malhada apareceu e, “lambendo os beiços”, tentou pegá-lo. (pp.5-7)

HISTÓRIAS DA ONÇA E DO MACACO

Autora: **Vera do Val**. Ilustrações: Geraldo Valério

São Paulo: Martins Fontes, 2009.

* Onça e macaco são eternos inimigos nos contos populares brasileiros e, normalmente é o macaco que sai vencedor das brigas por causa de sua esperteza. Neste livro, Vera do Val reconta com graça e fluência várias histórias que envolvem

esses dois inimigos antigos. Ilustram seu texto as colagens magistrais de Geraldo Valério.

HISTÓRIAS PARA MINHA TIA DORMIR

Autora: **Maria Elisa Bessa**. Ilustrações: Roberto Bessa

Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

Livro composto por doze contos, escritos numa linguagem coloquial que dialoga constantemente com o leitor. Dois temas sobressaem-se nos contos: o cuidado com a natureza e as vivências infantis. O tom dos contos lembra aquelas histórias ou casos contados em família, uma mistura de humor, fantasia, memórias e afetos. O conto que dá título ao livro ilustra muito bem isso, ao mostrar uma sobrinha pedindo uma história para dormir a uma tia carinhosa, mas sonolenta, que, apesar do esforço, acaba dormindo antes da menina no meio da história.

Excerto:

*A menina que não sabia imaginar
Era uma vez uma menina que não tinha imaginação. Ela era certinha demais para imaginar...Imagina! Imaginar alguma coisa seria como se estivesse mentindo! Para ela só importava a vida real. Ela só lia livros de ciências, atualidades, coisas assim. Literatura? Só se fosse biografias, ou seja, histórias verdadeiras.
Um dia ela amanheceu redonda e achatada. Tinha um desenho em alto-relevo de um lado e um número cravado do outro. Ela tinha virado um real. De tanto ser tão real!
Aí começou seu calvário (quer dizer: sofrimento). Vivía bolando de mão em mão. De manhã estava na gaveta da padaria, mas de tarde poderia estar na mão de um mendigo que poderia até comprar pão e ela voltar para a gaveta da padaria. E à noite, quem sabe, numa mesa de bar, pegando baforada de cerveja e de cigarro na cara (ou na coroa, dependendo da posição em que fosse colocada).*

HISTÓRIAS PARA MINHA TIA DORMIR

Autora: **Elias Yaguakãg**. Ilustrações: Uziel Guaynê e **Elias Yaguakãg**

São Paulo: Mercuryo Jovem, 2011.

* Quatro histórias do povo Maraguá compõem este livro. Em *Pé pro Mato* seres humanos e animais irracionais devem ser respeitados em suas escolhas, ainda que à primeira vista o ser humano tende a se sentir superior aos bichos e a exigir deles

um comportamento humano que os animais desconhecem. No conto *Os três irmãos e a fera*, quem não é o mais forte tem que se valer da astúcia, sagacidade e esperteza para garantir a felicidade do grupo social. *Malakuyáwá*, o menino dançarino, terá a difícil missão de abrandar o coração de seus rivais e torná-los amigos e colaboradores. Por fim, a delicada *Lenda do uirapuru*, pássaro de aparência pouco exuberante, canto esplêndido e símbolo da solidariedade e do amor gratuito.



IMAGINÁRIO DA FLORESTA, O: LENDAS E HISTÓRIAS DA AMAZÔNIA

Autor(a): **Vera do Val**. Ilustrações: Luciano Tasso

São Paulo: Martins Fontes, 2007.

No livro são apresentadas vinte e três narrativas, fruto de um levantamento cuidadoso. As narrativas são de três tipos: umas são referentes à criação, outras à relação dos homens com os animais, outras ainda se voltam à explicação das origens de diferentes povos indígenas. Sempre que possível, a autora informa o povo em que a lenda surgiu, a região onde se localiza e o número aproximado de seus habitantes. Lendas conhecidas são recontadas com uma linguagem simples, mas atraente, demonstrando o trabalho da autora de não apenas registrar a história mas transcrevê-las para a escrita respeitando a versão original. Entre as lendas encontram-se: *Macunaíma*, *Begorotite*, *O guaraná*, *Uirapuru*, *Vitória-Régia*, etc.

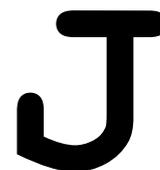
Excerto:

Para onde você vai, curumim do alto rio Negro, perdido entre o Big Brother e o Curupira, mascarando chiclete, pegando as sobras do que é seu de direito?

Sua sina está escrita nas estrelas, sua fé está na árvore que brota, orgulhosa e firme, as raízes dela se confundindo com as suas. Sua terra é a Amazônica dos mistérios, onde os bichos conversam com os vivos, e os rios, de tão bonitos e fortes, conversam com Deus. Onde as histórias são mais fantásticas, contadas ao anoitecer nas ribeirinhas, quando o sol tingem as águas de sangue e o céu de ouro amarelo. A beleza e a dignidade do Negro, a torrente do Solimões, a imponência do Tapajós e a elegância do Purus dizem-lhe de um mundo encantado, contam do heroísmo de Ajuricaba, contam da luta do nosso povo indígena na defesa de suas tradições. Você é tudo isso, lapinari e Begorotite, o boto, o pirarucu, a cotia, o tamanduá e a onça pintada, a sumaúma gigantesca, o açaí e a pupunha, o guaraná. Igapós e igarapés, lagos e rios.

Você é o homem que pisa na Lua e conquista o universo.

Você é criador e criatura. (p. XIII)



JOVEM TAMARINDO, O

Autor: **Elson Farias**; Ilustrações: **Heli Mascarenhas e Romahs**

Manaus: Editora Valer, 2002. **Coleção Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica,**

8

Nesta obra, o menino Zezé conversa com a jovem árvore de Tamarindo de sua chácara. Por meio de uma “linguagem toda especial”, o menino fica conhecendo a origem de muitas das árvores que há na chácara. O Tamarindo revela que, assim como outras árvores do quintal, tem sua origem na África. No diálogo, os dois falam sobre as características e a importância das árvores frutíferas nativas da Amazônia ou que, vindas do estrangeiro, se ambientaram às características naturais da região. Falam também sobre a proibição de troca de árvores entre os países.

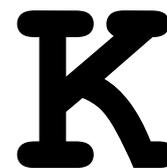
Excerto:

Quando Zezé se levanta da cama, o Tamarindo é a primeira criatura de Deus que ele vê pela janela.

O pai do Zezé trata com carinho dessa árvore desde pequenina [...]

O convívio desses anos aproximou-a de todos da casa. De tal forma que Zezé consegue comunicar-se com ela numa linguagem toda especial.

O menino sente que pode conversar com ela de igual para igual (p.4)



KURUMI GUARÉ NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA

Autor: **Yaguarê Yamã**. Ilustrações: do próprio autor

São Paulo: FTD, 2007

O livro conta, através das memórias da infância de Yaguarê, muitos aspectos da cultura do povo Maraguá, construindo uma poética identificação entre as memórias do autor e as do povo. As ilustrações do próprio autor complementam a viva narrativa das aventuras do índio. Ao final do livro encontra-se um glossário do idioma nhegatu, de termos regionais amazônicos e uma explicação dos símbolos maraguá usados no livro.

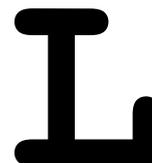
Excerto:

Aventuras de infância

Foi na aldeia Yãbueté'y, onde vivi parte de minha infância, que aprendi muito do que sei hoje. Caçar, nadar, andar pelo mato, ouvir histórias e viver aventuras eram minhas atividades favoritas.

Nadar principalmente. Aprendi a nadar com uns quatro anos de idade. Na Amazônia, também chamada "mundo das águas", toda criança que se preza aprende cedo a lidar com a água. Alguns, digo com toda a certeza, aprendem a nadar ainda bebê.

Na minha aldeia, no paraná do Urariá, o lugar de brincar que a criança mais procurava era a beira de rio. E a brincadeira que mais nos divertia era o pega-pega dentro da água, que chamávamos manja ou pira [...] (p.9)



LAGO, O

Autor: **Rodrigo Abrahim**. Ilustrações: **Rodrigo Abrahim**

São Paulo: Cortez, 2011.

O livro conta a história muito antiga de um lago em torno do qual uma comunidade se desenvolve. As ilustrações são parte indispensável para a construção do sentido do texto: em cada página há uma ou duas frases e, sobre elas, imagens que imitam traços de pinturas rupestres em azul marinho e marrom sobre a página em branco. No final aparece a única imagem colorida em que se dois homens observando uma caverna plena de pinturas rupestres as quais remetem à história lida ao longo do livro.

Excerto:

*Vou lhe contar a história de um lago.
Mas não a história de um lago qualquer. É o nosso lago!
O lago mais azul e mais profundo que já existiu. Tão grande que parecia o mar. Tão azul que parecia o céu. (pp. 5-9)*

LÁGRIMAS DE BRINQUEDO

Autor: **Alfredo Fernandes**. Ilustrações: livro sem ilustrações

Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003. **Coleção**

Poracé/Teatro

Peça em 3 atos, escrita na década de 1950. Ambientada na época do Natal, conta a história de amizade entre uma menina cega e seus brinquedos que, em segredo, ganham vida e ajudam a menina em tudo. Apenas o Ursinho Remendado permanece indiferente a tudo por estar magoada com a menina que um dia o

derrubou e estragou sua pelúcia. Enquanto a menina fica fora para ser operada e recuperar a visão, Papai Noel, em visita ao quarto, junto com os outros brinquedos, acaba convencendo o Ursinho a se reconciliar com a menina e com todos. A menina, recuperada a visão, ganha uma nova boneca, um remendo para consertar seu ursinho e festeja o Natal com os brinquedos.

Excerto:

CENÁRIO ÚNICO PARA OS TRÊS ATOS

Um quarto de criança. Cama e alguns móveis indispensáveis. Radioeletrola, discos infantis, jarros, flores e outros motivos. Os brinquedos (personagens da peça) devem estar artisticamente espalhados pelos cantos do quarto: O Soldadinho de Chumbo, a Bailarina, o Urso Marrom, o Coelhoinho e uma caixa de surpresas, de 60 centímetros por igual largura, moradia do Palhaço de mola. Ao subir o pano, a cena deve se apresentar artística e os brinquedos em posição rígida, obedecendo fielmente a sua característica. Dorinha uma menina cega, entra em cena trajando pijama de dormir, acompanhada de sua mãe. É noite.

DORINHA

- Mamãe?

MÃE

- Que é Dorinha?

DORINHA

- Diga outra vez o que disse o médico.

MÃE

- Ora, minha filha, disse que você vai ficar boa, vai fazer a operação e poderá ver de novo.

DORINHA (*Alegre*)

- Eu vou ficar boa mesmo, mamãe? Poderei ver de novo? Poderei correr, passear no jardim, ver as flores, os meus brinquedos, ver tudo, mamãe? (pp.14-15)

LEONG, LEYLA

Leyla Martins Leong, jornalista, biógrafa e escritora. Produção literária: *João Barbosa Rodrigues e o Museu de Botânica do Amazonas (2011)*, *Vicente de Mendonça Júnior, um mestre do direito (2012)*. Produção literária infantojuvenil: ***Cida a macaca travessa, Duas histórias da noite, Essa tal de natureza.***

LIA SEMPRE LIA

Autor: **Soraia Magalhães**. Ilustrações: Bernardo Bulcão

Manaus: Editora Valer 2012.

Escrito todo em verso, a maioria dos quais em quadras, o livro fala de uma menina, Lia, que gostava muito de ler. Era uma menina muito inteligente que sabia falar sobre muitos assuntos porque os lia nos livros. Às vezes algumas crianças não a compreendiam e a deixavam triste, mas Lia era como todas as outras crianças, só que entre as brincadeira incluía também a leitura. Quando crescesse a menina queria também escrever livros para estimular outras crianças a ler.

Excerto:

*Era só uma menininha
Com suas bochechas rosadas...
Com sua pele morena
E olhos de jabuticaba.*

*Era uma menininha
Que gostava de ler
E percebia que os livros
Lhe davam muito prazer (p.3)*

LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS E REPÚBLICA

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Júnior Lima**

Manaus: Valer, 2012. **Série Aventuras do Zezé. Coleção Viajando pela História do Amazonas-9**

Esta lição da história do Amazonas começa com uma explicação, transmitida com bastante emoção pelo professor Reis, sobre como aconteceu o movimento abolicionista no Amazonas. Apesar de a presença de escravos africanos ter sido muito inferior proporcionalmente ao resto do país, o professor Reis explica que houve um forte movimento para a emancipação dos escravos, no interior e na sede da Província, organizada também pelo governo da Província. Na segunda parte do livro, o professor explica o movimento republicano, que não causou grande entusiasmo na maioria da população, sendo a cultura republicana melhor acolhida apenas depois da Proclamação.

Excerto:

Zezé deseja saber se vieram muito africanos para o Amazonas. Tio Reis ensina:

- Não Zezé. Não houve, no Amazonas, uma população africana que tivesse influído no processo de mestiçagem ou de criação de riqueza econômica. Era uma região pobre e não podia importar escravos da África.

Prossegue tio Reis:

Tem mais uma coisa. A nossa economia, marcada pela coleta dos produtos da floresta, também chamada de extrativismo, só podia ser feita pelos índios. Os africanos não sabia identificar as espécies da floresta para a atividade comercial.

- Quer dizer que não tivemos esse problema no Amazonas? – deseja saber Zezé. (pp.4-5)

LIÇÃO DAS ÁGUAS

Autor: **Celdo Braga**. Ilustrações: **Romahs**

Manaus: KintawDesign e Nokia, 2001. **Série O poetinha da floresta**

Lição das águas é um livro sem texto, concebido no âmbito de um projeto de educação ambiental, desenvolvido pelo artista, com o apoio da Nokia do Brasil, em diversas escolas do município de Manaus, no período de 2000 a 2003. A sequência de imagens mostra a história de um garoto ribeirinho que, ao aprender na escola a importância da destinação correta do lixo, constata na própria vida as consequências da poluição do rio, visto que a pesca, principal fonte de alimento da família começa a rarear por causa do lixo no lugar em que o menino pesca. O menino junto com a família e a comunidade promovem um mutirão de limpeza do igarapé, conseguindo revivificar o rio.

LINDOSO, PEDRO LUCAS

Pedro Lucas Lindoso. Escritor, advogado e professor, nascido em Manaus, no dia 13 de maio de 1957. Produção literária: *O melhor amigo de Cora Coralina (2010)*.

Produção literária infanto-juvenil: ***O Boto Cor-de-rosa e o Jacaré do Rabo Cotó***

LIXO, LIXINHO, LIXÃO

Autor: **Abdiel Moreno**. Ilustrações: **Abdiel Moreno**

Manaus: Valer, 2012.

Impresso em papel reciclado, o livro é uma aula sobre o tratamento adequado do lixo. Três personagens que habitam um lixão, a minhoca Moca, a barata Bara e o Camundongo Dongo, revezam-se explicando conceitos como lixo orgânico, lixo inorgânico, reciclagem, sempre incentivando a criança a cuidar do meio ambiente. A diagramação do texto e das imagens e a representação das falas dos personagens em balões aproxima o livro da técnica das HQs.

Excerto:

A minhoca Moca deu umas voltas, depois saiu comentando sobre um problema ambiental.

- Olhem só!

Lixo na rua,

lixo no rio,

lixo na estrada,

lixo na via principal.

LOBO, CLÁUDIA DE OLIVEIRA

Professora e escritora, nascida no Rio de Janeiro em 1975. Reside em Manaus desde 2006. Produção literária infantojuvenil: ***Mauro o rei das pipas.***



MAURO O REI DAS PIPAS

AutorA: **Cláudia de Oliveira Lobo**; Ilustrações: **Romahs**

Manaus: Valer, 2011. **Série Florescer da leitura**

O livro conta a história de um menino que tinha como brincadeira favorita empinar pipas. Ele sabia tudo sobre o brinquedo e, na turma de crianças, era quem ensinava a todos. O menino Mauro cresceu e a paixão por pipas cresceu com ele e virou profissão: ele se tornou um microempresário das pipas e faz a alegria da criançada do bairro onde mora. No final do livro há instruções, com os respectivos diagramas, para se fazer uma pipa. Há também um glossário com os diferentes nomes dados às pipas no Brasil e no mundo.

Excerto:

Já era manhã. O sol entrava tímido pelas frestas da janela do quarto de Mauro.

- Oba! Tempo bom com céu azul. A Meteorologia acertou no jornal de ontem.

Mauro estava feliz, pois já eram férias. E férias tinham cara de pipa, sua paixão. Não havia nada que Mauro gostasse mais de fazer do que empinar pipas. De todas as brincadeiras era a que ele mais gostava. (pp.4-6)

MAGALHÃES, SORAIA

Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia, professora e bibliotecária. Administra o blog *Caçadores de bibliotecas* em que registra manifestações culturais relacionadas ao livro e bibliotecas do Brasil e do mundo inteiro. Produção literária infantojuvenil: ***Lia sempre lia.***

MARTINS, PATRÍCIA

Patrícia Mara Martins, professora e escritora, nascida em Altamira, no Pará. É licenciada em Letras pela Universidade Federal do Pará. Produção literária infantojuvenil: ***O que vi na volta grande do Xingu*** (co-autoria)

MANAUS DO RIO NEGRO, A CAPITAL DA FLORESTA

Autor: **Elson Farias**; Ilustrações: **Rodrigo Abraham**

São Paulo: Cortez, 2007. Coleção Nossa Capital

O livro faz parte de uma coleção que tem por objetivo apresentar as capitais dos estados brasileiros, através do olhar de um escritor local. Escrito em primeira pessoa, é a própria capital, Manaus, quem conta sua história desde a construção da Fortaleza de São José da Barra em 1669, até a criação da Zona Franca de Manaus. As ilustrações, em aquarela, retratam os momentos históricos narrados e as paisagens e monumentos da cidade. Além disso, há fotos de plantas e rios da região.

Excerto:

Eu nasci perto do encontro das águas. Águas escuras do Rio Negro com as águas barrentas do Solimões. Águas doces que banham a Amazônia, formam o Rio Amazonas, descem a planície e vão misturar-se com as águas salgadas do mar. Minha formação se fez do encontro de dois povos, o europeu e o índio. O índio que vivia nessas águas e o europeu que chegou pelo mar, do outro lado do Oceano Atlântico. (p.2)

MELLO, THIAGO DE

Amadeu Thiago de Mello. Poeta, cronista e ensaísta, nascido em Barreirinha, no dia 30 de março de 1926. Produção literária (obras representativas): Poesia: *Silêncio e Palavra* (1951), *Narciso Cego* (1952), *A Lenda da Rosa* (1956), *Faz Escuro, mas eu Canto* (1966), *Poesia comprometida com a minha e a tua vida* (1975); *Os Estatutos do Homem* (1977); *Horóscopo para os que estão Vivos* (1984); *Mormaço na Floresta* (1984); *Vento Geral – Poesia* (1981); *Amazonas, Pátria da Água* (1991); *Amazônia – A Menina dos Olhos do Mundo* (1992). Produção literária infanto-juvenil:

Amazonas: águas, pássaros, seres e milagres, Amazonas: no coração encantado da floresta, Série Florescer da Leitura: O menino irmão das águas.

MENINO IRMÃO DAS ÁGUAS, O

Autor: **Thiago de Mello**. Ilustrações: Gilmal

Manaus: Valer, 2011. **Série Florescer da leitura**

O livro conta a história do menino Pedro que um dia, em Uruará, viajando de barco com o pai cai no rio em meio a uma tempestade. Apesar de todos acharem que Pedro morrera afogado, o menino se salva nadando a favor da correnteza do rio até a margem de um igarapé e é resgatado pelos pescadores. Quando perguntado sobre como conseguira sobreviver, o menino simplesmente responde “Quem me salvou foi o rio... Ele foi me levando”. No relato da busca pelo menino o autor descreve o modo de vida, as crenças e as histórias do povo ribeirinho e sua relação com os rios.

Excerto:

*O rio é fundo, o temporal tem força, mas Deus é grande.
Este é o comentário, comovido, que ouvi em recente viagem ao município amazonense de Uruará, do pai de Pedro, um menino de 7 anos, cuja história quero contar.*

MENINO QUE PRENDIA OS PASSARINHOS, O

Autores: **Abdiel Moreno** e Eliane Sarah Moreno. Ilustrações: **Romahs**

Manaus: Valer, 2002.

O livro conta a história de Luís um menino que, de tanto ver pela janela os meninos da rua com passarinhos em gaiolas, resolveu que queria criar um passarinho também. Foi à loja com a mãe e escolheu um lindo rouxinol de penas pretas e amarelas, O problema era que o passarinho, de tão triste, não cantava, nem queria comer. Após refletir um pouco, Luís resolve abrir a gaiola e libertar o passarinho. Além disso, ainda ajuda o pássaro quando um menino joga uma pedra nele. Com o voo do pássaro o menino entende o valor da liberdade e resolve nunca mais prender passarinhos.

Excerto:

Era uma vez um menino chamado Luís, que vivia olhando na janela e viu que os meninos da vizinhança tinham pássaros presos em gaiolas.

Luís também queria ter um pássaro preso dentro de casa, que cantasse só para ele. (pp. 6-9)

MENINOS E O PROFESSOR, OS

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Júnior Lima**

Manaus: Valer, 2009. **Série Aventuras do Zezé. Coleção Viajando pela História do Amazonas-1.**

Primeiro livro de uma nova coleção de aventuras do Zezé em que o personagem Zezé, com turma de amigos, vive a aventura de descobrir a história do Amazonas. Eles vão até o Japiim, pássaro da sabedoria, que os encaminha até seu “velho mestre Arthur César Ferreira Reis”, que passa a lhes contar a história do Amazonas. Esse volume inicia explicando sobre a Amazônia brasileira e, retomando a história do período colonial da História do Brasil, descreve a viagem de Orellana pelo rio Amazonas, em 1542, terminando o relato desse período com a conquista do território por parte de portugueses e brasileiros.

Excerto:

Zezé, com o Bem-te-vi na cabeça, encontra primo Duquinha, menina Zuzu e mana Mimi. São bons amigos. Zezé pergunta:

- Por que a gente não aproveita estas férias para fazer uma viagem por dentro da História do Amazonas?

- Ah, mas é preciso saber quem vai nos levar nessa viagem! – reclama a dengosa menina Zuzu.

Então fala o Bem-te-vi, na cabeça do Zezé:

- Claro que é o Japiim. Ele é o pássaro da sabedoria e vai nos ajudar com sua inteligência. (p.4)

MEU AMIGO LIVRO

Autor: **Mário Adolfo**. Ilustrações: **Mário Adolfo**

Manaus: Governo do Estado, 2011.

*O livro conta uma aventura do personagem Curumim através de uma viagem cheia de informação, traços coloridos e humor. Um piloto de helicóptero, desastradamente, deixa cair um livro sobre uma aldeia indígena encravada na floresta Amazônica. É nessa aldeia que mora Curumim. Intrigados, seus amiguinhos bichos a tartaruga

Sarah Patel, o jacaré Tinga, o papagaio Lourival e a indiazinha Murupi questionam de que se trata aquele estranho objeto. É neste momento que o Curumim chega para explicar que se trata de um livro, a maior invenção do homem branco. Para conhecer a história do livro, Curumim viaja até a biblioteca pública do estado e retorna a aldeia para transmitir o que aprendeu aos amigos.

MONDAGARÁ: TRAIÇÃO DOS ENCANTADOS

Autor: **Roni Wasiri Guará**. Ilustrações: Janaina Tokitaka

São Paulo: Formato Editorial, 2011.

Na apresentação o autor explica que o Mondagará é um artefato em forma de remo onde estão registradas em forma de grafismos as histórias do povo Maraguá. Os contadores de histórias estudam com sabedoria e interpretam essas histórias de geração em geração. Neste livro, o autor recria uma história contada por seu avô. Essa história narra o surgimento da diversidade de cobras da floresta. As cobras são, na verdade, os seres encantados – divindades – punidas por causa de uma traição a Monãg o criador. A narrativa principal alterna-se com o relato memorial do autor que recria a situação em que a comunidade se reunia em torno de seu avô para ouvir as histórias do Mondagará.

Excerto:

Vovô acabara de sentar-se entre a multidão de curumins e de adultos que o aguardavam no terreiro para mais uma noite de contos capazes de encantar a todos.

Naquele momento, todos sabiam da importância do ritual: reunir toda a comunidade em torno de um sábio homem que carrega consigo a história do mundo. Sentado num banquinho especialmente dele, havia um sinal de que, com sua voz mansa, ia ensinar algo realmente muito importante.

Um ensino íntimo, sem barreiras, que descrevia uma ação habitual do povo. Ali, o grande sábio abria o coração extravasando sua mente, enquanto Yaguakãg, um de meus primos, juntava mais lenha na fogueira para que todos se sentissem aquecidos.

No banquinho, com os pés sobre a esteira de palha, vovô iniciou seus mágicos relatos falando um pouco sobre os seres da floresta que nos acompanham desde o dia em nascemos. Falava manso, como se estivesse convocando todos os habitantes do universo, fossem eles vivos ou encantados. (p.9)

MORAIS, ANTÔNIO MAGALHÃES

Natural do município de Tianguá, Ceará, onde concluiu o Ensino Fundamental e radicado em Manaus desde 1979. Desenvolveu um projeto literário com o objetivo de transmitir, através do reaproveitamento de histórias da tradição oral, valores e ensinamentos morais às crianças. Através do projeto, chamado “A família: um escudo existente em defesa da juventude”, o autor editou de forma independente, uma dezena de livros, entre eles: *Quando o caçador vira a caça*, *A princesa e o camponês inventor*; *Professora e o príncipe encantado*; *Quando o empregado passa a ser o patrão*; *O gênio da pedra branca agente de boa vontade*. Um desses livros, chamado ***O pescador e a princesa encantada***, foi publicado em 2006 pelo Governo do Estado e em 2011 pela editora Valer.

MORENO, ABDIEL

Pedagogo, ator e escritor, fundador da Associação Filosofia Itinerante (AFIN). Produção literária infantojuvenil: ***Lixo, lixinho, lixão, O menino que prendia os passarinhos*** (co-autoria).

MUNDO ENCANTADO DE BEL PAPOULINHA

Autor: **Gláucia Benchimol**. Ilustrações: **Gláucia Benchimol, Romahs**

Manaus: Valer, 2011. **Série Florescer da leitura**

Bel é uma menina que vive em contato direto com a natureza e alimenta sua imaginação com as histórias que escuta. O livro conta a viagem mágica da menina que se transforma em um flor de papoula e viaja até o coração da Floresta Amazônica. Lá a menina descobre um mundo cheio de seres imaginários com os Dimpou, Zuga-Zuga e a palhacinha Xilu. Mas o mundo encantado está ameaçado pelo velho Chamuscão que quer destruir a imaginação das crianças. Bel e os seres imaginários andam pela floresta para achar Mutá, guardiã das magias e receber uma poderosa magia que derrota Chamuscão e salva a Imaginação das crianças. Ao final a menina descobre que tudo tinha sido um lindo sonho.

Excerto:

Nas manhãs de sábado o gostoso cheiro de café com tapioca e de pão com tucumã despertam Bel Papoulinha.

Sob o escaldante sol amazônica, Bel caminha pelo quintal do sítio para brincar com uma flor de paoula:

- Papoulinha dia desses vou te levar para banzizar nas águas do rio Negro na canoa que fiz com folhas de bananeira e espinha de tambaqui. Vou encher minhas cuias de tinta, com as delicadas cores do arco-íris e misturar com urucum, assim o peixe que desenhei vai ficar bem colorido. Os pescadores dizem ver as cores do arco-íris se misturar com as águas do rio Negro no momento em que surge o entardecer e... eh... (pp. 7-8)

MURUGAWA: MITOS, CONTOS E FÁBULAS DO POVO MARAGUÁ

Autor: **Yaguarê Yamã**

Ilustrador: **Yaguarê Yamã**

São Paulo: Martins Fontes, 2007

* Neste livro o autor reúne histórias que já conhecia e outras que ouviu de membros ilustres do povo Maraguá. O livro revela os mitos, os contos e as fábulas maraguás, com o objetivo de mostrar a cultura indígena para os não-índios moradores da cidade. Na apresentação, consta os nomes dos indígenas que narraram as lendas transcritas neste livro. Desse modo, o leitor conhecerá o mito que conta a origem do mundo segundo os Maraguá, a lenda do beija-flor, do peixe-boi, do cupim e de outros animais.

N

NASCE A PROVÍNCIA DO AMAZONAS

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Júnior Lima**

Manaus: Valer, 2012. **Série Aventuras do Zezé. Coleção Viajando pela História do Amazonas-6**

Na sexta lição sobre a história do Amazonas, os meninos, enfim, chegam ao relato de como o Amazonas foi elevado à categoria de Província no dia 05 de setembro de 1850. Antes, porém, o professor explica o movimento ocorrido nas vilas e comarcas do interior em busca da autonomia do Amazonas. O professor explica também o papel fundamental de João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, primeiro como representante do Pará no Parlamento Imperial levando à Corte as indicações do Governo e da Assembleia paraense para a criação da Província do Amazonas; e depois como seu primeiro presidente, que promoveu um decisivo desenvolvimento da região. O professor também informa que a Província durou 37 anos, até a proclamação da República e cita o nome dos principais entre os 62 presidentes que a governaram.

Excerto:

- Tio Reis, finalmente instala-se a Província do Amazonas; como isso aconteceu? – pergunta Zezé, com alegria.

- Meu filho, vou contar como foi, mas, antes, vamos voltar um pouco na história para entender melhor o caso – ensina o tio:

- A criação da Capitania de São José do Rio Negro foi planejada em Portugal, para garantir o progresso deu-se apenas no governo de Lobo d'Almada.

- Outro caso era a falta de autonomia de São José do Rio Negro que atrasava o progresso da região. (p.4)

NASCEM NOSSAS FRONTEIRAS

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Júnior Lima**

Manaus: Valer, 2010. **Série Aventuras do Zezé. Coleção Viajando pela História do Amazonas-2.**

Neste segundo livro da coleção Zezé e seus amigos, sempre sob a orientação do professor Arthur César Ferreira Reis, as crianças conhecem o período histórico em que portugueses e brasileiros penetraram pelo interior da Amazônia. Durante o relato o professor esclarece às crianças as motivações políticas, econômicas e religiosas que determinaram a relação ambígua entre os colonizadores e os índios. Ao falar das lutas dos índios, o professor cita Ajuricaba e afirma que sobre sua figura não há ainda uma obra documentada. Em síntese, este livro trata de descrever o processo pelo qual foram estabelecidas as fronteiras geográficas da Amazônia.

Excerto:

Os meninos prosseguem na viagem por dentro da História do Amazonas. Seguem o seu guia, o professor Arthur César Ferreira Reis, que eles descobriram desde o primeiro encontro, com a ajuda do pássaro Japiim.

Primo Duquinha pergunta ao professor:

- Dr. Reis, o senhor se importa se a gente o chamar de tio? Assim é que nós tratamos os nossos professores na escola. E eles adoram.
(p.4)

NASCIMENTO DO RIO AMAZONAS, O

Autor: **Márcio Souza**. Ilustrações: Marcos Garuti

São Paulo: Companhia Editora Nacional, Lazuli Editora, 2006

Este livro narra a história mítica do nascimento do Rio Amazonas como o resultado das lágrimas choradas pela Lua diante da impossibilidade de viver seu grande amor pelo Sol. A linguagem do livro é simples e direta, com destaque para as expressivas ilustrações que ocupam a maior parte das folhas impressas.

Excerto:

O maior rio do mundo nasceu de um grande amor. Há muitos e muitos séculos a lua era noiva do sol. O sol estava apaixonado pela lua. A lua estava apaixonada pelo Sol. E queriam casar.

Mas se o sol e a lua se juntassem em casamento, o mundo seria destruído. O fogo do sol e o brilho da lua acabariam com a terra. (pp. 4-7)

NATUREZA: LIÇÃO PRESERVAR

Autor: **Celdo Braga**. Ilustrações: **Romahs**

Manaus: KintawDesign e Nokia, 2003. **Série O poetinha da floresta**

O livro é o segundo livro da série e integra o projeto de educação ambiental, desenvolvido pelo artista, com o apoio da Nokia do Brasil, em diversas escolas do município de Manaus, no período de 2000 a 2003. A sequência de imagens mostra a história de um garoto ribeirinho que vai até a cidade de Manaus para participar de um curso sobre reciclagem e coleta seletiva do lixo. Na viagem de barco fica decepcionado ao ver como as pessoas não respeitam o rio, jogando todo tipo de lixo. Após o curso o menino, com seus colegas de turma, promovem uma campanha para despoluir o rio. Em cada página há um box de texto em que constam a explicação de conceitos relacionados à preservação ambiental.

NOGUEIRA, WILSON

Jornalista, sociólogo, escritor, Especialista Design, Propaganda e Marketing e Mestre em Sociedade e Cultura, pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Nascido em Parintins. Produção literária: *O andaluz (2005)*, *Festas Amazônicas – boi-bumbá, ciranda e sairé (2009)*. Produção literária infantojuvenil: ***Formosa, a sementinha voadora, Órfão das águas.***

NOITE DE NATAL NA FLORESTA

Autor: **Elson Farias** Ilustrações: Márcio Matias

Manaus: Valer, 2012 **Coleção O teatro dos curumins**

Constituída de oito cenas, a peça começa com Zezé e sua turma anunciando a grande festa na floresta para receber o menino Jesus. Eles convocam todos os animais e os seres encantados para a festa. O menino Jesus é apresentado como

aquele que vem para recriar a floresta destruída. O Curupira, o Matinta-Perera e a Cobra Grande, de início ficam com medo de serem mal recebidos, mas depois percebem que isso não acontecerá porque “os homens nos inventaram para proteger os homens de suas próprias mãos, de sua ardente fome”. Dessa forma eles se juntam aos animais – que trazem sementes e mudas de plantas – e se colocam à disposição do menino Jesus para ajudar no reflorestamento.

Excerto:

1

ZEZÉ, MANA MIMI, MENINA ZUZU E PRIMO DUQUINHA ANUNCIAM A FESTA

Menina Zuzu

*- No silêncio da tarde
Só se ouve os sons dos ventos,
Ai, as águas do rio
Na madeira dos remos!*

Zezé

*- Nos céus, as nuvens brilham
E as luzes já se apagam,
Rendados de marrecas
Aos bando se agasalham. (p.4)*

NOITE DE VIRAÇÃO

Autor: **Elson Farias**; Ilustrações: **Eli Mascarenhas e Romahs**

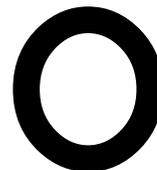
Manaus: Editora Valer, 2002. **Coleção: Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica, 5**

Nesta aventura o pai de Zezé, que é fiscal de praia, sai numa noite de tempestade para fiscalizar e proteger as tartarugas que vão colocar ovos na praia. Na manhã seguinte o pai o leva à praia das tartarugas e, enquanto o pai faz seu trabalho, o menino brinca de perseguir as gaivotas que caçam os ovos das tartarugas. Chegam, então, seus amigos o Bem-te-vi e o Japiim, que começam a explicar a Zezé sobre a vida das tartarugas. Os três amigos, então, refletem sobre a ação, muitas vezes predatória, do homem em relação à natureza.

Excerto:

Era uma noite muito feia. O vento estava tão forte que assobiava nas frestas das janelas. Os relâmpagos cortavam a escuridão. As nuvens choravam. As chuvas eram lágrimas.

O pai do Zezé disse que era uma noite boa para as tartarugas. Elas gostam de noites assim para desovar na praia. No seu trabalho de fiscal de praia, o pai do Zezé prepara-se para atravessar o rio e proteger as tartarugas. (p.4)



OLHO D'ÁGUA: O CAMINHO DOS SONHOS

Autor: **Roni Wasiri Guará**; Ilustrações: Walther Moreira Santos

Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

Olho d'água é um lugar sagrado em que Waykanã e Yãny podiam se amar, caçar, nadar, ser livres e sonhar com o futuro. O livro, centrado nesta imagem, é um grande lamento de Waykanã que teme os ventos estranhos anunciando a chegada dos Arigáwa os quais, em nome do progresso, com suas ideias e máquinas, abriram campos, cortaram árvores, represaram rios “como se eles fossem donos da teia da vida”. Relembrando os tempos de paz de seu povo o índio leva o leitor a conhecer as histórias, a cultura e os valores de seu pai e promove uma profunda reflexão sobre o respeito à vida, ao outro e à natureza.

Excerto:

Ventos estranhos

Época de primavera. No horizonte, o Sol caminha, dando adeus para mais um dia.

No cair da tarde, um velho índio, viajando em seus pensamentos, observa lá embaixo, perto do rio. Hoje são dois os olhos d'água que, iluminados pelos últimos raios de Sol, refletem um raio de lua em direção ao norte. Seu nome: Waykãna.

Quando ele ergue a cabeça e firma o olhar no horizonte, as árvores da outra margem do rio já escondem aquele que até alguns segundos atrás tinham tido por companheiro durante o dia todo.

*Waykãna tem andado tristonho nos últimos dias, lembrando que, muitas luas atrás, havia sido cravada a flecha da dor em seu coração, quando se viu em meio a uma invasão no luagr onde mora.
(p.9)*

ÓRFÃO DAS ÁGUAS – uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer

Autor: **Wilson Nogueira**; Ilustrações: Euros Barbosa

3. ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

O livro conta a história de Cate, um menino curioso e inquieto, e de sua comunidade ribeirinha, Vila Rosa, que sobrevivia graças à caça de peixe-boi e ao trabalho na roça. O conflito começa quando um cientista chega à vila e começa um programa de educação ambiental em defesa do peixe-boi, ameaçado de extinção. Cate, por ser mais jovem é escolhido para acompanhar o cientista até a Cidade da Ciência, onde aprende muito sobre a espécie e conhece os órfãos das águas, filhotes capturados quando a mãe foi caçada. Cate volta à vila e começa uma caminhada pela salvação dos bichos e do planeta. Este livro já teve uma adaptação para teatro e uma adaptação chamada **De volta para casa**, que continua a história de Nogueira.

Excerto:

*Sei lá para onde o rio vai levar a minha imagem
O rio está calmo. O tempo parece ter parado. Não há um movimento de águas. Cate enfia o remo no espelho líquido para fazer a canoa deslizar suavemente. A cada remada, o espelho se quebra nas ondas e o menino pode observar sua imagem retorcendo-se e multiplicando-se. Acha tudo muito engraçado, mas desvia o olhar do imenso círculo que se forma no rio. Também está assustado com a calmaria. “Sei lá para onde o rio vai levar a minha imagem”, pensa.
Esse jeito observador persegue Cate desde a infância. De dona Santa, sua mãe, cansou de ouvir histórias sobre perguntas desconcertantes que fazia aos adultos. Na escola, aos oito anos, logo começou a destacar-se por ser questionador. Por algum tempo, pensou ser diferente dos meninos de sua idade. Mas foi a própria dona Santa quem lhe explicou que as crianças são assim mesmo: iguais e diferentes ao mesmo tempo. “Para criança tudo é novidade. Ela se admira de tudo! Quer conhecer tudo... Nós adultos, coitados, achamos que já vimos tudo, que já conhecemos tudo. Poucos são os que não se convencem disso”. As observações de dona Santa nunca abandonaram Cate, agora com quase quinze anos. (p.11)*

ORIGEM DO BEIJA-FLOR – GUANÃBY MURU-GÁWA

Autor: **Yaguarê Yamã**; Ilustrações: Taisa Borges

São Paulo: Peirópolis, 2012.

* Nesta história, que é contada em português e em maraguá, dialeto misto de Aruak com Nhengatu, o autor registra o mito da origem do beija-flor, que vive na memória dos antigos pajés do povo Maraguá, habitante do vale do rio Abacaxis, no Estado do Amazonas. A fábula conta a história de Guanãby e Potyra, mãe e filha, que sucumbiram diante da dor da perda de um ente querido, mas cujas vidas levaram ao surgimento do beija-flor, fruto do amor e carinho de ambas.

ORIGEM DAS ESTRELAS, A

Autor: **Elson Farias**; Ilustrações: **Gusmão e Romahs**

Manaus: Editora Valer, 2002. **Coleção: Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica, 10**

No último livro da coleção, é tempo de Natal. Zezé está com o Bem-te-vi observando as estrelas e explica ao amigo que a estrela mais brilhante do céu anuncia o começo do terceiro milênio e comemora os dois mil anos de nascimento do Menino-Deus. O Bem-te-vi, então, deseja saber como nascem as estrelas. Zezé explica que as estrelas “nascem das nuvens que se transformam em grandes bolas de fogo”, mas que existem outras histórias sobre a origem das estrelas. É quando os dois amigos resolvem procurar o Japiim que lhes conta a lenda das estrelas

Excerto:

Uma estrela maior que as outras, brilhava naquela noite maravilhosa. Tudo estava tão bonito, que os animais cantavam de alegria. Os uirapurus, os sabiás e rouxinóis-do-rio-negro faziam em coro a boa música. É tempo de Natal. Zezé já conhece esta festa. Todos os anos, sua mãe enfeita a casa para lembrar o nascimento do Menino-Deus. Mas o Bem-te-vi nunca festejou o Natal. (p.5)

O QUE VI NA VOLTA GRANDE DO XINGU

Autoras: **Francimar dos Santos e Patrícia Martins**; Ilustrações: Thalles Alexandre

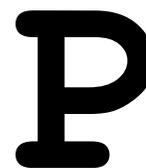
Manaus: Editora Valer, 2012.

Uma noite um pesadelo-profecia acomete todos os animais e plantas da Volta Grande do rio Xingu: o rio seria represado e com ele, iria embora toda a

possibilidade de vida. Na manhã seguinte os animais reúnem-se em assembleia para tentar encontrar uma solução. Todas as alternativas parecem apontar para a fuga, mas Caieira, um mutum-castanho, recebe a visita de um anjo-pássaro que o convence a usar o Amor pela natureza como argumento para convencer os homens a preservar o lugar. Os animais decidem mandar a Garça Branca e o Pacu de Seringa falarem com um menino humano para que ele os ajude. O livro é a narrativa da relação deste menino com os animais e sua luta pela preservação do lugar.

Excerto:

Difícil entender os sentimentos daqueles que viviam ali, gostavam daquele lugar: o azul denso das águas do rio à luz dos primeiros raios do sol reflete aos poucos o sombreamento das árvores nas margens; uma brisa suave traz a fragrância verde da floresta, o voo das gaivotas num balé rasante, águas claras e calmas, tons de uma aquarela que os olhos podem mirar. A mata ali assentada, com sua riqueza esplêndida, fortalece aquele Gigante Verde. É majestoso vé-lo. Ao entardecer, o sol se põe lentamente, vestindo águas de um verde-escuro, sente-se um sopro do dia suave na orla, até que o último raio se esconde no horizonte. Lembranças de um tempo... Para que todos saibam que crianças ouvem os anjos, decidi contar o que vi. (p. 9)



PASSARINHOS E OUTROS BICHOS, OS

Autor: **Tenório Telles**. Ilustrações: Humberto Rodrigues

Manaus: Valer, 2012.

Livro de crônicas em que, a partir das vivências do autor com os animais, refletem sobre a relação do homem com os animais, as plantas e a natureza. Servem de mote para as quatro crônicas do livro a resistência dos passarinhos em conseguir viver nas grandes cidades como Manaus, a observação de uma formiga e a morte de uma cadelinha de estimação. Apesar de na apresentação do livro o autor afirmar tê-lo escrito a partir da solicitação de professoras e alunos de uma creche, os textos são indicados para leitores fluentes ou leitores críticos, uma vez que as reflexões ali apresentadas exigem do leitor capacidade maior de reflexão e crítica.

Excerto:

Onde vão morar os passarinhos?

Deus não criou o mundo só para o homem. Criou-o para todos os viventes, inclusive para as pedras. A terra foi concebida para ser a morada de todos os seres vivos. Todos merecem respirar e cumprir com o ciclo de suas vidas: precisamos da companhia dos bichos, dos pássaros, das plantas, das águas. Dos seres encantados que vivem no fundo dos rios, no interior das matas e que povoam o nosso imaginário. Sem eles, que tédio seria a vida... Ficaríamos solitários e cada vez mais infelizes.

Fomos incapazes de construir caminhos alternativos a essa forma de progresso predatória, que suprime o verde e trata os animais como inimigos. As plantas e os viventes foram criados para nos fazer companhia e ajudar a manter os ecossistemas em equilíbrio. A verdade é que não aprendemos uma lição que os bichos seguem instintivamente: não aprendemos a conviver, a tirar da natureza apenas o necessário para nossa sobrevivência e ter o cuidado para não exauri-la. Muita gente pensa que a natureza não tem vida. Ao contrário, é um organismo vivo, complexo, constituído por todos, até por aqueles que são invisíveis aos nossos olhos. (p.5)

PEGADAS DO KURUPIRA, AS

Autor: **Yaguarê Yamã**. Ilustrações: Uziel Guaymê

São Paulo: Mercuryo Jovem, 2008.

O livro conta a inusitada amizade entre um curupira criança e um indiozinho Maraguá. Índios e curupiras normalmente temem e evitam uns aos outros e porque têm objetivos diferentes. Enquanto Tuim treinava para ser um grande caçador, Kurukawa, como todos os curupiras, trabalhava para proteger a floresta, inclusive dos caçadores. Os dois sentiam-se solitários e quando se encontram veem a possibilidade de, enfim, terem um amigo. Eles vivem algumas aventuras juntos e aprendem a conviver respeitando e conhecendo as diferenças entre eles. Na apresentação o autor explica que se trata de uma ficção a história de amizade entre os dois, mas reforça que os curupiras existem e são fundamentais para o equilíbrio da natureza segundo os Maraguá.

Excerto:

Kurukawa, um kurupyrazinho sem amigos
A floresta equatorial é muito densa. Na Amazônia, no mundo de verdade, o que mais existe é árvore. Tem árvores de todas as espécies e tamanhos que também são moradas dos seres naturais e dos seres encantados. Entre os encantados está o kurupyra.
Kurukawa é o nome de um menino kurupyra que nasceu nessa grande floresta, lá pelas bandas do rio Abacaxis, região bonita, lugar de muito verde, águas cristalinas e praias branquinhas. Um verdadeiro paraíso para todos os que amam a natureza. Desde cedo ele passou a morar sozinho como é o costume dos kurupyras, pois cada um tem sua própria casa. A do pai do pequeno kurupyra fica num tronco de Aperema. Sua mãe mora sobre uma Piranheira e Kurukawa fez sua casa perto de uma grande sapomema, nome dado às grandes e achatadas raízes das árvores. A mais comum das árvores nessa região se chama Samaúma e lá se encontram as mais altas samaumeiras do mundo. Dizem que era lá a capital dos kurupyras, muito antes da chegada dos humanos [...]. (pp. 8-9)

PESCADOR E A PRINCESA ENCANTADA, O

Autor: **Antônio Magalhães Moraes**. Ilustrações: Israel Gusmão

Manaus: Valer, 2011.

O livro é uma recriação do conto de fadas clássico *A princesa e o sapo*. A diferença é a ambientação regional e a troca de papéis. O ser encantado é feminino: foi a princesa Leideane quem foi encantada e transformada em perereca. É um pescador, Severino, quem salva a perereca de um grupo de crianças que a estava maltratando. Os dois tornam-se amigos e sobrevivem juntos a um forte vendaval no meio do rio durante uma pescaria. Ao perceber que ambos se salvaram, Severino faz um gesto de carinho no pequeno animal e, magicamente, ela se transforma na linda princesa, revelando sua maldição. Conforme o prometido, o rei dá a filha em casamento ao homem que, com sua bondade, a desencantou.

Excerto:

Era uma vez à margem de um grande rio, numa praia bonita conhecida como Bela Vista, um solitário pescador chamado Severino que ali morava e vivia basicamente da pesca.

Severino, compreendendo que dependia da natureza para sobreviver, tinha um cuidado especial na preservação de seu ambiente e, com frequência, repreendia as pessoas que agrediam aquela área com a pesca predatória e despejos de lixos.

De vez em quando, dava-se ao trabalho de coletar a sujeira manter Vista Bela sempre limpa (p.11)

PEIXOTO, ANA

Ana Maria Souza Peixoto. Professora e escritora, nascida em Manaus. Produção literária: Naturalmente Amazonas – Noções de Geografia, 1996-2000 (livro didático em coautoria com Roberto Peixoto). Produção literária infanto-juvenil: **Quintal, um lugar para ser feliz, Histórias de bichos da Amazônia, Série Coisas da Ana: As frutas do meu quintal; Sapos no quintal; Os animais do meu quintal**

PINTO, PRISCILA

Artista visual e poeta. Nasceu em Manaus em 1978. Ganhadora do prêmio “Manaus e poesia” da Academia Amazonense de Letras. Produção literária: *Um copo de mim* (2003). *Bernadete Andrade : por entre pinturas e cidades imaginárias* (2011). Produção literária infantojuvenil: ***Bichos da Amazônia***.

PINTO, ZEMARIA

Ensaísta, dramaturgo, crítico e poeta. Nascido em Santarém, no Pará, em 06 de maio de 1957, vive desde criança em Manaus. Produção literária: *Corpoenigma* (haicais – 1994), *Fragmentos de silêncio* (poesia – 1996), *Música para surdos* (poesia – 2001), *Nós, Medéia* (teatro – 2003), *Dabacuri* (haicais – 2004), *Texto nu* (teoria literária – 2008). Produção literária infantojuvenil: ***O beija-flor e o gavião, A cidade perdida dos meninos-peixes, O urubu albino.***

PIRIPAQUE E RAPINANTE

Autor: **Cacilda Barbosa**. Ilustrações: Lucinha Cabral

Manaus: Edições Governo do Estado, 2012.

Piripaque é o apelido de Azulino, um passarinho muito nervoso que desmaia com qualquer emoção forte. No bosque em que Piripaque morava com sua família tudo ia muito bem e os filhotes cresciam felizes. Mas um dia aparece Rapinante, um terrível gavião que ataca de surpresa e leva embora os pássaros do bosque. Para resolver o problema que afeta a todos, a assembleia dos pássaros, liderada pela coruja Sabetudinho delibera que somente dois bem-te-vis poderiam derrotar o gavião. Piripaque e Atrevido foram os escolhidos. Dessa vez, Piripaque vence seu nervosismo e junto com o amigo se torna o herói do bosque ao expulsar o gavião. O livro apresenta problema na editoração gráfica e na revisão que dificultarão muito a leitura pelas crianças.

Excerto:

Não dava para Azulino esconder a sensação maravilhosa que sentia ao deixar-se cair lá de cima do azul do céu, até quase tocar com as asas o chão de capim verde e macio. Todo azul com tonalidade mais clara nas asas, o pássaro sentia-se o dono daquele bosque, ria ao lembrar como ganhara dos amigos um apelido tão engraçado: Piripaque (p.7)

PRÉ-HISTÓRIA DOS CROCODILIANOS, A

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Márcio Matias**

Manaus: Valer, 2011. **Coleção As aventuras do Zezé no lago dos répteis-2**

Nesta segunda parte da aula sobre os crocodilianos, o professor Ronis explica detalhadamente aos meninos a longa história evolutiva da espécie desde o período

Triássico. Ao longo da narrativa, o professor explica o significado de paleontologia, a divisão da História em eras, as espécies pré-históricas e o que se sabe sobre sua vida a partir das pesquisas. É um texto denso de informações e explicações sobre a provável origem dos crocodilianos modernos.

Excerto:

As crianças acordam e vão tomar o café da manhã. A mesa é farta. Tem tapiquinhas com manteiga, sanduíches de tucumã, cará, macaxeira, pupunha e suco de cupuaçu. Primo Duquinha, que é um comilão de primeira, se lambuza todo. Mas os assuntos são os jacarés. Tio Ronis, sentado à cabeceira da mesa, ensina que os crocodilianos possuem uma longa história evolutiva:

- Vamos começar o nosso relato pelo período que os paleontólogos chamam de Triássico, primeiro momento da Era Mesozoica, acontecida há 251-65 milhões de anos (p.5)

PRESENÇA DO NORDESTINO, A

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Júnior Lima**

Manaus: Valer, 2012. **Série Aventuras do Zezé. Coleção Viajando pela História do Amazonas-11**

Continuando a aventura de conhecer a história do Amazonas, Zezé e sua turma, nesta edição, conversam com “tio Reis” sobre o desenvolvimento da cidade de Manaus após o ciclo da borracha. O professor explica o desenvolvimento cultural e econômico da cidade durante o período áureo da borracha. Em seguida, o professor explica a importância dos nordestinos para o desenvolvimento do Estado, tanto no aspecto cultural e científico, como é o caso dos médicos Adriano Jorge e Astrolábio Passos, como o papel dos nordestinos na luta pela posse das terras acreanas pelo Estado do Amazonas. Mas a história da revolução acreana fica prometida para a publicação posterior.

Excerto:

Depois de falar do ciclo do ouro negro, tio Reis fala aos meninos:

- Uma das lembranças da riqueza da borracha é a cidade de Manaus.

- Por que, tio Reis? – deseja saber Zezé.

- Porque com isso a cidade melhorou tanto que passou a concorrer com as grandes cidades do país.

- E era bom morar em Manaus? – quer saber primo Duquinha.

- Era, sim, meu filho – diz tio Reis. – Manaus ficou uma cidade educada e fina. Ela imitava os grandes centros europeus. (p.4)

PRIMEIRA NOITE DE UM HOMEM

Autor: **Milton Hatoun**.

Conto que figura em na antologia *De primeira viagem*, 2004 , editada pela Companhia da Letras.

*A descoberta do amor sensual, o medo da noite urbana, o universo febril do rock, o relacionamento conflituoso entre pai e filho, tristezas, alegrias e mistérios próprios da juventude alternam-se nesta antologia, organizada segundo o desafio de escrever a partir da metáfora “marinheiros de primeira viagem”. Milton Hatoun narra um dos momentos mais importantes da juventude: a primeira relação amorosa. Num conto escrito com astúcia e sutileza, a primeira noite de um homem marca seu ingresso na vida adulta, carregada de sentimentos novos, como melancolia, autoconsciência e vergonha.

PROCURANDO A NOITE VERDADEIRA

Autor: **Elson Farias**; Ilustrações: **Romahs**

Manaus: Editora Valer, 2002. **Coleção: Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica, 4**

Nesta aventura, Zezé e o Bem-te-vi estão passeando pela floresta antes que chegue a noite, “como no princípio do mundo dos índios quando só havia luz, o dia permanente”. O Japiim fala, então que vai ajudá-los a encontrar a noite. Depois de caminhar bastante Zezé senta-se junto ao tronco de uma árvore e cai num sono profundo. Durante o sono, ele acaba tendo um lindo sonho e, quando acorda, descobre que se trata da Lenda da Noite Verdadeira, que nasce quando um menino a liberta de um caroço de tucumã seco.

Excerto:

Zezé e o Bem-te-vi estavam passeando pela floresta, quando ouviram outro bem-te-vi que cantava no galho de uma árvore de louro-cravo.

Foram atrás, mas não era um bem-te-vi. Era o Japiim que imitava o bem-te-vi e brincava com eles.

Lá de cima, O Japiim deu um mergulho no ar e pousou junto ao Zezé, com o Bem-te-vi na cabeça (p.4)

PURATIG: O REMO SAGRADO

Autor: **Yaguarê Yamã**. Ilustrações: **Yaguarê Yamã**, Queila da Glória e crianças Saterê Mawê.

São Paulo: Peirópolis, 2001.

Puratig é o remo sagrado dos Mawé onde estão gravados todos os seus mitos e que em tempos muito antigos era uma arma poderosa. O livro apresenta sete dessas narrativas sagradas, começando pela criação do mundo. As histórias são recriadas como se os leitores entrassem na roda em que o velho Kaumbé conta as histórias aos indiozinhos do povo. Na apresentação, o autor alerta: “Essas narrativas devem ser ouvidas com toda a atenção, como é a tradição do meu povo, pois assim contam os nossos antigos sobre a arte de ouvir e entender: ‘Por meio do conhecimento é que compreendemos a razão por que estamos no mundo e por que somos o que somos, pois não estamos aqui somente para viver, mas sim para saber viver’”.

Excerto:

Na minha aldeia, que fica lá dentro da floresta amazônica, numa região muito distante, a que se chega depois de viajar luas e luas, as crianças gostam muito de se divertir, especialmente de brincar de pular na água e ouvir histórias.

À tarde, meninos e meninas vão para a beira do rio tomar banho: pulam na água, brincam de pega-pega, e só vão embora quando o sol se põe. Então, enxugam-se e voltam felizes para casa e contam aos pais tudo o que fizeram durante o dia.

Quando chega a noite, do mesmo modo que faziam seus antepassados, o velho caminha para uma das casas cobertas de palha e senta-se numa das redes. Então, o pessoal da aldeia e as crianças se aproximam e sentam aos seus pés, sob as lamparinas acesas, para ouvir as histórias e as aventuras do nosso povo.

Enquanto isso, lá na mata, o karaxué e a macucaua entoam seus cantos e os sapos coaxam na beira dos lagos e igarapés. Todos fazem silêncio e esperam ansiosos o velho começar sua narrativa. Ele baixa a cabeça, respira fundo e começa a contar... (pp. 8-9)

Q

QUANDO EU CRESCER

Autora: **Rodrigo Abraham**; Ilustrações: **Rodrigo Abraham**

Manaus: Edições Kintaw, 2004.

*O menino sonha em ser jogador de futebol. Isso o fará realizado e poderá trazer muitas riquezas. As riquezas que ele busca, porém, não são materiais, não correm o risco de serem perdidas. Utilizando o jogo de futebol, o livro destaca com delicadeza as responsabilidades e o desejo de construir uma vida equilibrada. Para aproximar o leitor, o autor utiliza uma linguagem simples e objetiva, aliada à linguagem visual das ilustrações.

QUINTAL, UM LUGAR PARA SER FELIZ

Autora: **Ana Peixoto**; Ilustrações: **Romahs**

Manaus: Edições Kintaw, 2004.

O livro apresenta o quintal como um lugar de alegria e descobertas. Esse quintal não é, obrigatoriamente, um lugar delimitado; o quintal é qualquer lugar de contato entre a criança e a natureza. No decorrer do livro, vários animais e espécies vegetais recebem uma descrição poética. O livro também termina com uma pergunta direta ao leitor: “Você tem um quintal?”

Excerto:

*Todo mundo tem um lugar de ser feliz.
Pode ser no quarto cheio de brinquedos e livros... Pode ser na
sorveteria...Pode ser... onde você quiser...
Eu sou feliz no meu quintal.
O meu quintal não tem cerca.
Ele engole a floresta
Aonde tem um pé de angelim bem alto,
Com o tronco cheio de dobras e casca grossa.(pp.4-5)*

R

RODRIGUES, CUSTÓDIO

Custódio Rodrigues, ator e teatrólogo amazonense. Fez parte do primeiro grupo do TESC (Teatro experimental do SESC). Produção literária infanto-juvenil: **A floresta e os bichos contra o homem-fogo.**

ROMANCE DOS SAPOS, O

Autor: **Elson Farias**; Ilustrações: **Romahs, Gusmão**

Manaus: Editora Valer, 2001. **Coleção: Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica, 3**

Nesta aventura, Zezé acompanha durante três dias o romance de um casal de sapos e descobre, no diálogo com outro sapo que por ali passava, sobre o modo de reprodução dos sapos. No início, os sapos ficam desconfiados do interesse de Zezé sobre seus “hábitos” de vida, mas Zezé os convence que o seu “esforço em conhecer os pormenores de suas vidas está na linha dos bons sentimentos, que jamais destroem, pois só ama aquilo que se conhece” (p.24), estabelecendo uma relação de confiança com esses animais.

Excerto:

Zezé, todos os dias, anda pelas redondezas, brincando com o Bem-te-vi.

Encontra um casal de sapos no seu belo romance.

O macho, montado nas costas da fêmea, juntos formam um belo par, mas, para proteger-se de seus predadores, principalmente das cobras, eles praticam o disfarce dos mais fracos, confundindo-se com as folhas secas caídas dentro d'água. (p.6)

ROMAHS, ROGÉRIO

Rogério Romahs Mascarenhas. Ilustrador e roteirista. Nasceu em Parintins e começou a carreira profissional em 1996 fazendo charges e ilustrações para jornais de Manaus. Seu principal trabalho como roteirista foi com o *Ultra Lins*, uma série de histórias em quadrinhos de super-heróis produzidas totalmente na região. Publica atualmente a tirinha *Bia e Luli*, no *Jornal Acrítica*, de Manaus, inspirada nas filhas do artista. Em 2011 foi selecionado para trabalhar como roteirista dos quadrinhos da *Turma da Mônica*, de *Maurício de Souza*. O artista já havia participado da coletânea MSP 50, composta de histórias da *Turma da Mônica* desenhadas por artistas de várias partes do país em comemoração aos 50 anos de carreira de Maurício de Souza.

S

SANCHES, CLEBER

Cleber Cid Gama Sanches, escritor, dramaturgo, ator e professor. Reside em Manaus desde 1989, dedicando-se à produção para televisão e cinema. Criou, produziu e dirigiu as minisséries *Amazonas, a lenda* (1999) e *O auto do Boi-bumbá* (2002). Produção literária; *Fundamentos da cultura brasileira*. Produção literária infantojuvenil: ***Cobra-grande***.

SANTOS, FRANCIMAR

Francimar Mendes dos Santos, nascida em Altamira, no Pará. É licenciada em Letras pela Universidade Federal do Pará, especializada em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira. Produção literária infantojuvenil: ***O que vi na volta grande do Xingu***.

SAPOS NO QUINTAL

Autora: **Ana Peixoto**. Ilustrações: **Romahs**

Manaus: Editora Valer, 2010. **Série Florescer da Leitura: Coleção Coisas da Ana**.

Neste livro, o narrador fala dos sapos que existem no quintal. O interessante é que ao descrever os sapos, ele mescla informações objetivas – quando fala sobre os hábitos e a utilidade dos sapos, por exemplo - e informações ligadas ao imaginário infantil sobre os sapos – quando fala que “o sapo tem seu lado encantador, mas não tem cara de príncipe”, ou quando relembram a popular canção de ninar que tem os sapos como tema. O livro termina com a pergunta “Você já viu um sapo no quintal?” e apresenta o desenho de um sapo, interpelando a criança a pintá-lo.

Excerto:

*Tem sapos no meu quintal.
O sapo tem seu lado encantador, mas não tem cara de príncipe.
Eu tinha medo de sapos, mas só até descobrir como eles são úteis
para nós.
Os sapos são úteis para as plantações, nas hortas e nos jardins.
(pp.4-6)*

SOM DAS LETRAS, O

Autor: **Elson Farias**; Ilustrações: **Márcio Matias**

Manaus: Editora Valer, 2010. Série **Florescer da leitura**

Livro composto por 24 (vinte e quatro) poemas nos quais são apresentadas, em ordem, as letras do alfabeto. A peculiaridade desta obra, que se assemelha a outros abecedários literários produzidos para crianças, é que este privilegia, em cada letra, a apresentação de palavras ou expressões regionais. No prefácio, o autor assim apresenta a proposta do livro: “Observando as reações do Zezé⁸, o seu gosto pela poesia, resolvi escrever os poemas desse livro [...] Foram escritos a partir do abecedário. (p.8)

Excerto:

*A MENINA FELIZ
Lá vai a Clara
alva como a água
da chuva.*

*Clara enluarada,
alegra a rua
onde passa.*

*O A do ar,
do verbo amar,
ela abraça.*

*Reparte a graça
entre as raras asas
dos ares da praça. (p.10)*

⁸ Zezé, nesse caso, é o filho caçula do autor que inspirou o nome da série *As Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica*

SONHOS DE CUIRÃO

Autor: **Neuton Corrêa**; Ilustrações: Gilmal

Manaus: Editora Valer, 2010. **Série Florescer da leitura**

O livro conta como Cuirão, um pai de família que nunca perdeu o espírito de curiosidade e a imaginação da infância, observa a natureza para encontrar a melhor forma de criar seus filhos depois de ficar viúvo. Sua capacidade de sonhar acordado permite que ele viva algumas aventuras, como pular nos galhos das árvores com os macacos, conversar com as formigas, fugir de um boto tucuxi com um jaraquzinho e nadar com o pirarucu. Na natureza ele encontra os ensinamentos necessários: “Cuirão, que nunca frequentou escola, havia entendido que poderia dar aos filhos os saberes da natureza e que também poderia protegê-los debaixo das asas, como uma galinha, ou sob as páginas dos livros ensinando-lhes a amar as palavras”.

Excerto:

Cuirão pensou que havia acordado, mas ao pisar no terreiro de sua casa, começou a agir como se fosse uma galinha:

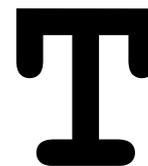
- A galinha é a maior mãe do mundo – gritava ele, pulando entre as aves que criava.

Cuirão recebeu este nome porque cresceu e não perdeu a cuíra da infância. Sempre foi uma pessoa agitada e curiosa.

Morava em uma casa de pernas de madeira, cercada por um imenso rio à frente, um negro lago atrás e uma espessa floresta aos lados. (pp. 4-5)

SOUZA, MÁRCIO

Márcio Gonçalves Bentes de Souza. Escritor, dramaturgo, ensaísta, crítico e professor, nascido em Manaus, no dia 04 de março de 1946. Produção literária: *Galvez, Imperador do Acre (1976); Mad Maria (1980); Plácido de Castro contra o Bolivian Syndicate; Zona Franca, meu amor; Silvino Santos: o cineasta do ciclo da borracha; A Resistível Ascensão do Boto Tucuxi (1982), O Palco Verde (1984); Operação silêncio (1979); A Resistível ascensão do Boto-Tucuxi (1982), A Ordem do dia (1983), A Condolência (1984), O Brasileiro voador (1986), O Fim do Terceiro Mundo (1990), Lealdade (1997), Desordem (2001) A Caligrafia de Deus (1994). Liberdade (1998); Teatro: As Folias do Látex, A Paixão de Ajuricaba, Tem Piranha no Pirarucu, Teatro Indígena do Amazonas, Operação Silêncio, Dessana, Dessana. Produção literária infanto-juvenil: **O nascimento do Rio Amazonas***



TELLES, TENÓRIO

Escritor, advogado, editor e escritor, nascido na localidade de São Tomé (rio Purus). A partir de 1997 dedica-se ao trabalho com o livro como editor e livreiro da editora Valer. Produção literária: *Estudo de literatura brasileira e amazonense* (1995), *O Amazonas e sua literatura* (CD-Rom) 1996, *Antologia do Conto amazonense* (em co-autoria com Marcos Frederico Krüger) 2003, *Poesias e poetas do Amazonas* (idem) 2003, *O anjo cético e o sentimento do mundo* (2003), *estudos de literatura do Amazonas* (2004), *A derrota do mito* (2003); *A nova ortografia da língua portuguesa* (2011) , *Viver* (2011), *Canção da esperança e outros poemas* (2011). Produção literária infantojuvenil: ***Os passarinhos e outros bichos.***

TEMPO DOS DINOSSAUROS, NO

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Márcio Matias**

Manaus: Valer, 2011. **Coleção As aventuras do Zezé no lago dos répteis-1**

Zezé e sua turma estão conversando na beira do rio quando Duquinha afirma que os jacarés só se alimentam de piranha. Duvidando da afirmação do primo, Zezé chama o Japiim que os aconselha a visitar o professor Ronis. Especialista no tem. A turma viaja no Tupé Voador e no Cavalinho até o professor. Lá conhecem Bruna, filha do professor, que vive com um jacarezinho no colo e logo se integra à turminha. O professor começa uma série de aulas sobre os crocodilianos que se estenderão pelos outros três livros da coleção. Neste primeiro volume, o professor fala dos animais da pré-história dos quais eles evoluíram. Durante o diálogo, as crianças são muito ativas, pedindo que o professor esclareça o significado de termos científicos.

Excerto:

- *Zezé, você sabia que os jacarés só se alimentam de piranhas?*
- *Não, primo Duquinha. Onde você aprendeu isso?*
- *Eu ouvi isso lá na beira do rio – diz o menino sem muita convicção. Zezé não se contenta com aquela resposta do primo Duquinha, que é sempre muito apressado em suas conclusões, e sugere aos amigos:*
- *Olha, pessoal, acho melhor a gente procurar o pássaro da sabedoria, o Japiim, para conversar sobre isso.*
- *É sim, vamos atrás dele – concorda, decidida, mana Mimi.*
- *Ah, mas onde vamos encontrar agora essa ave, que só vive sabe lá por onde? – protesta a menina Zuzu.*
- *Sei onde encontrá-lo – avisa o Bem-te-vi... e sai da cabeça do Zezé, voando. (p.5)*

TENTATIVA DE AUTONOMIA

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Júnior Lima**

Manaus: Valer, 2010. **Série Aventuras do Zezé. Coleção Viajando pela História do Amazonas-5**

Neste livro, o professor Reis continua explicando para as crianças o processo de conquista de autonomia do Amazonas, narrando as providências tomadas pelo presidente da Província do Grão-Pará para impedir tal autonomia. Relata, ainda, a luta entre os que não queriam a autonomia e aqueles que viam nela a única saída para que a capitania saísse da decadência em que se encontrava. Durante o relato, o professor cita nomes e acontecimentos importantes nessa luta e faz uma breve explicação sobre diplomacia. O relato do nascimento da Província do Amazonas, no entanto, fica para o próximo encontro.

Excerto:

- *Graças à luta dos seus filhos, o Amazonas veio se aproximando da autonomia – explica o tio Reis.*
- *E continua falando:*
- *Para evitar que o caso se agravasse, o novo presidente da Província do Grão-Pará, José Felix Pereira de Burgos, tomou uma providência brusca e rigorosa: dissolveu a Junta Governativa da capitania de São José do Rio Negro, fez descer para o Lugar da Barra a Câmara Municipal de Barcelos, reconheceu a autoridade judiciária do corregedor e nomeou comandante das Armas o capitão Hilário Pedro Gurjão.*
- *Aí o negócio se complicou, não foi, tio Reis? – pergunta Zezé (p.4)*

TERRA DE CUNHATÃ E CURUMIM É ASSIM

Autor: **Rosa Clement**; Ilustrações: sem ilustrações

Manaus: Valer e Prefeitura de Manaus, 2002. Projeto valores da terra

Livro de poemas que apresenta bichos e frutas da Amazônia de forma descritiva, mas principalmente, afetiva, expressando a relação das pessoas e das crianças com a natureza presente em seu quintal. Na apresentação a autora sintetiza assim a ideia do livro: “Nas terras onde moram a cunhatã e o curumim tem muitos bichos e muitas frutas que a criança da cidade pouco vê ou nem conhece. [...] aqui estão algumas delas, em forma de poesia e alegria para a menina e o menino da cidade aprenderem, se divertirem e sentirem orgulho de morar em um dos lugares mais belos do mundo, que é a nossa querida Amazônia”.

Excerto:

*O Sono do Jacaré
o Sr. jacaré
botou a cartola
e foi espiar
um jogo de bola.*

*Mas ficou cansado,
dormiu e roncou
e os que jogavam,
logo incomodou.*

*Todos decidiram
jogá-lo no rio,
mas para levá-lo
vieram um mil.*

*O Sr, jacaré
nem ficou uma fera,
e dormiu lá na água,
longe da galera. (p. 15)*

TIA TETÉ: HISTÓRIAS E LENDAS AMAZÔNICAS

Autor: **Maria Luiza Damasceno**; Ilustrações: Lucinha Cabral

Manaus: Edições Governo do Estado, 2012

O livro procura recriar, conforme informa o preâmbulo, a experiência familiar de contar e ouvir histórias vividas na infância da autora e protagonizadas pela Tia Teté do título. São recontadas oito histórias: *A criação do Rio Amazonas*, *A lenda da vitória-régia*, *a lenda do guaraná*, *O jabuti e o urubu: uma festa no céu*, *A mãe da seringueira*, *A lenda do fogo*, *O jacaré e a onça* e *A lenda do uirapuru*. A narração das histórias é intercalada pelo diálogo da tia com os sobrinhos em que outras informações e ensinamentos são acrescentados às lendas.

Excerto:

A criação do Rio Amazonas

Na noite anterior, Tia Teté havia nos prometido que contaria a lenda de “a criação do Rio Amazonas”.

Quando todos já haviam chegado, e nós erámos cerca de dez a doze crianças, Tia Teté perguntou:

- Vocês sabem o que é uma lenda?

O Zeca logo respondeu:

Eu sei. É uma história muito antiga.

Tia Teté complementou:

- Além de ser antiga, Zeca, era uma forma encontrada pelos homens de antigamente, que não possuíam o recurso dos conhecimentos científicos, de explicar os fenômenos da natureza. (p.15)

TITA

Autor: **Cacilda Barboza**; Ilustrações: **Lucinha Cabral**

Manaus: Sesc, 1991

O livro é uma fábula que conta a história da festa de quinze anos de Tita, uma cutia muito vaidosa, filha de um pai rico e orgulhoso. Para sua festa Tita só queria convidar bicho bonito e, por isso, organizou um desfile de misses. A cutia acreditava que só porque seu pai era rico todos iriam aplaudi-la, mas no meio do desfile, todos viram que as pernas da cutia eram finas e peludas. Mesmo assim, Tita continuava

toda vaidosa e humilhando a todos. Tupã, que não gosta desse tipo de orgulho, para castigá-la, manda a criatura mais bela da floresta: a lara. Quando lara sobe na passarela todos os bichos ficam encantados com sua beleza e humildade e esquecem de Tita. A cutia aprendeu a lição de que ninguém pode se julgar melhor que os outros e de tratar alguém só porque é mais pobre ou mais feio.

Excerto:

Tita

Era tudo tão bonito, era tudo alegria.

Quando a floresta se enfeitava, tudo virava magia.

Tita, a cutia, estava completando naquele dia, quinze anos de idade.

Seria apresentada para todos os bichos da floresta encantada. (p.11)

TOTEM DO RIO KAWERA E OUTROS CONTOS FANTÁSTICOS

Autor: **Yagurê Yamã**; Ilustrações: **Yagurê Yamã**

São Paulo: Imperial Novo Milênio, 2010.

*As aventuras que compõem o livro, os personagens vivenciam situações de risco que somente um grupo unido consegue vencer. O autor apresenta a obstinação e o orgulho de seu povo - o respeito à natureza e a luta em manter vivas suas tradições.

TRAVESSURAS DE URUBUS OUTROS BICHOS E CRIANÇAS

Autor: **Elson Farias**; Ilustrações: **Márcio Matias**

Manaus: Editora Valer, 2010. **Série Florescer da leitura**

O livro é composto de nove poemas, sendo que seis desses: *A vaidade do Dr. Urubu*, *O voo do Beija-flor*, *O humor dos compadres Sapos*, *Dona Onça* e *o Mestre Macacaco*, *Balada dos três Pintinhos* e *A Preguiçosa* são poemas narrativos que apresentam virtudes e defeitos humanos através das ações dos animais, assemelhando-se à fórmula clássica das fábulas. Os outros três textos: *Musiquinha*, *A Graça* e *O humor de Rafaela* retratam os sentimentos de algumas crianças em momentos de brincadeira.

Excerto:

A VAIDADE DO DR. URUBU

Sapo

- Compadre Urubu, por que tens tu as pernas tuíras?

Urubu

- Tuíras, não, pode ver, elas vestem pura seda!

Sapo

- Por que marchas desse jeito com a cabeça pelada?

Urubu

- É de tanto usar o quepe de soldado e mais nada. (9-11)

TUPÉ VOADOR, O

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Romahs**

Manaus: Valer, 2001 Série: **Aventuras do Zezé na Floresta Amazônica, 1**

O livro, primeiro de uma série de dez narrativas, conta uma das aventuras de Zezé. A história começa quando o Bem-te-vi chega ao jardim onde Zezé está brincando, queixando-se de que “uns homens estão destruindo as cachoeiras do rio Jatapu”, cortando árvores, fazendo as águas sumirem. Com a ajuda do Bem-te-vi, de um velho professor, de um tupé voador – usado em alusão ao tapete da história oriental clássica - e do Curupira, Zezé consegue proteger a floresta e afastar os homens que estão derrubando as árvores.

Excerto:

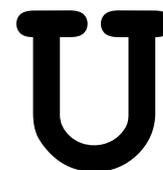
Zezé está em casa, brincando no jardim, debaixo de uma árvore.

Chega o Bem-te-vi. Assustado, Zezé pergunta:

- Bem-te-vi, o que há com você?

O passarinho, zangado, canta três vezes e conta que uns homens estão destruindo as cachoeiras do rio Jatapu. Derrubam as árvores. As águas somem.

- Estou com medo de que o rio se acabe, pois os rios nascem das cachoeiras, as cachoeiras nascem das águas e as águas nascem das folhas das árvores. (p.5)



URUBU ALBINO, O

Autor: **Tenório Telles**. Ilustrações: **Josiney da Encarnação**

Manaus: Valer, 2011 **Coleção Florescer da leitura**

O livro é uma fábula moderna sobre a aceitação das diferenças. Bico Claro é um urubu albino que, não se sentindo compreendido e aceito pelo pai e pelos amigos, já que não conseguia aprender a voar durante o dia por não suportar a luz do sol. Uma noite, Bico Claro arrisca-se e experimenta pela primeira vez a liberdade de voar, mas acaba afastando-se muito de casa e indo parar na cidade. Enquanto isso a mãe sente falta do filhote e sai com o pai e os animais amigos para procurá-lo. Quando enfim o encontram, a família o acolhe e o pai pede desculpas ao filho por não ter compreendido sua diferença. Lição aprendida, Bico Claro passa a integrar o grupo dos bichos noturnos e a conviver bem com todos.

Excerto:

Zezé está em casa, brincando no jardim, debaixo de uma árvore. Chega o Bem-te-vi. Assustado, Zezé pergunta:

- Bem-te-vi, o que há com você?

O passarinho, zangado, canta três vezes e conta que uns homens estão destruindo as cachoeiras do rio Jatapu. Derrubam as árvores. As águas somem.

- Estou com medo de que o rio se acabe, pois os rios nascem das cachoeiras, as cachoeiras nascem das águas e as águas nascem das folhas das árvores. (p.5)



VAL, VERA DO

Vera do Val de Paula e Silva Grobe. Bióloga e contista, nascida em Campinas, vive em Manaus há mais de 10 anos, onde pesquisou histórias tradicionais dos povos indígenas. Produção literária: *Águas Rubras e Jogo de intrigas* (2005); *Histórias do Rio Negro* (2007), premiado com o Prêmio Jabuti; *Do nada ao infinito – Projeto Dulcinéia Catadora* (2007). Produção literária infanto-juvenil: ***A batalha da cachoeira do Cipó; A criação do mundo e outras lendas da Amazônia; Os filhos do marimbondo – Projeto Dulcinéia Catadora***, (SP, 2007; Moçambique, 2010); ***Histórias de Bichos brasileiros; Histórias da onça e do macaco; O imaginário da floresta.***

VERDADEIRA FESTA NO CÉU, A

Autor: **Adriano Aragão**; Ilustrações: Zeluca

2. ed. Brasília DF: Anta Casa Editora, 1996.

O livro narra uma versão “verdadeira” da fábula *A festa no céu*. Do ponto de vista do Mestre Sapo. Entrevistado pelo repórter Xexéu, Mestre Sapo reivindicando a aceitação do fato de que “a verdade tem muitas faces”, passa a narrar sua versão da história – omitida em outras versões da fábula: ao serem descobertos intrusos na festa reservada aos pássaros, o jabuti e o sapo seriam jogados do céu à terra como punição. Com muita esperteza, o Mestre Sapo conseguiu enganar São Pedro que jogou primeiro o jabuti contra as pedras – a versão que mais se conhece - e depois jogou o sapo na água, onde ele facilmente se salvou.

Trecho:

Nem bem Mestre Sapo se pôs a relatar o alvoroço da bicharada, ainda na terra, no dia da festa no Céu, o apressado repórter Xexéu interrompeu impaciente:

- Ora, ora, Mestre Sapo, que o senhor não foi à festa no Céu sozinho, que com o senhor também foi seu compadre Jabuti, isto todo mundo sabe.

Mestre Sapo aprovou com a cabeça. Croac-croac. Respondeu em seguida.

- Está claro, está claro, isto todo mundo sabe, meu caro repórter Xexéu. (p.4)

VIAGENS CIENTÍFICAS, AS

Autor: **Elson Farias**. Ilustrações: **Júnior Lima**

Manaus: Valer, 2012. **Série Aventuras do Zezé. Coleção Viajando pela História do Amazonas-8**

Neste livro, o professor Reis continua explica sobre a tradição das viagens científicas que ocorrem no Amazonas desde a *Viagem Filosófica*, nos fins do século XVIII, até as atuais incursões científicas lideradas pelo INPA. Reis explica para as crianças os interesses culturais e econômicos que sempre motivaram tais viagens e cita nomes de importantes cientistas brasileiros e estrangeiros que passaram pelo Amazonas.

Excerto:

-E o que são viagens científicas, tio Reis? – sai logo perguntando Zezé.

- Ah, meu filho, este é um passo de nossa história que a gente precisa conhecer muito bem. O escritor amazônida Raimundo Moraes dizia que a Amazônia era o paraíso dos naturalistas.

- Ah, tio Reis, e naturalista é o mesmo que cientista? – pergunta a menina Zuzu.

- É, minha filha – ensina tio Reis -, naturalista é o cientista que estuda as plantas, os animais e os minerais de uma região. E nenhuma parte do mundo mereceu mais a curiosidade desses estudiosos do que a Amazônia (p.4)

VIAJANDO COM O BOTO NO FUNDO DO RIO

Autor: **Elson Farias**; Ilustrações: **Cisco e Romahs**

Manaus: Editora Valer, 2002. **Coleção Aventuras de Zezé na Floresta Amazônica,**

9

Nessa história, Zezé encontra-se com um rapaz que diz ser o Boto. O rapaz explica que o Boto é o bicho mais inteligente dos rios amazônicos e que alguns afirmam que ele tem poderes mágicos de se transformar num homem inteligente e bonito que encanta as mulheres. Além disso, o Boto ajuda a Cobra-Grande a proteger o rio. Os dois mergulham no rio Amazonas. No meio da conversa, Zezé pede que o Boto o leve a um passeio no fundo do rio. Eles mergulham no rio Amazonas e o Boto, então, começa a ensinar a Zezé tudo o que existe no rio.

Excerto:

Um rapaz vinha correndo na direção do rio. Era de manhã bem cedo. O rio estava sereno. As águas passavam lisas. Zezé brincava com uns barquinhos feitos de casca de taperebazeiro.

Zezé perguntou ao rapaz:

- Por que vens correndo assim? Alguém está te perseguindo?

- Sim, respondeu o rapaz. Passei a noite toda numa festam, ali na boca do igarapé do Carão, e quando viram que eu era o Boto, os homens saíram correndo atrás de mim. Fui mais rápido que eles e vim me escondendo entre as árvores da floresta, até chegar aqui, são e salvo. (p. 5)

VINGANÇA DO CARAPANÃ ATÔMICO, A

Autor: **Ediney Azancoth**; Ilustrações: livro sem ilustrações.

2.ed. Manaus: Editora Valer e Edições do Governo do Estado do Amazonas, 2003.

Coleção Poracé/Teatro

Peça em ato único, encenada e publicada originalmente em 1976 pelo Governo do Estado do Amazonas. A história narra a tentativa de invasão da floresta por estrangeiros que, em nome do rei, pretendem construir uma estrada de ferro para o Trem Azul passar. Os moradores da floresta revoltam-se diante da possibilidade da derrubada da mata por um motivo completamente alheio à vida e aos interesses da floresta. Convocam, assim, o herói Macunaíma, que, conhecedor de sua fragilidade como herói invoca o Gênio da floresta e recebe dele, como protetores, a Noite e um Carapanã atômico (tal um D. Quixote dos trópicos) que expulsam os invasores da floresta por pelo menos dois mil anos.

Excerto:

Ato único

(Entra em cena o Vaga-lume)

(Canto)

- Um vaga-lume eu sou.
A noite escura ponteio de luz.
Brilho de dor,
dos tempos tristes que vejo passar.
Feliz vivi.
Em dias longes de eterno clarão.
Da noite ausente.
Aprisionada,
rugia negror.

FALA

- Contar e cantar nossa história.
Passada em tempo de luz.
Onde a noite não existia.
Só a doce confraternização
da selva,
com os homens e os bichos,
nas alegres festas do céu. (p.7)



WIRAPURUS E MUIRAKITÃS: histórias mágicas de muletos amazônicos.

Autora: **Yaguarê Yamã**. Ilustrações: **Yaguarê Yamã**

São Paulo: Larousse jovem, 2009.

O livro conta a aventura de um menino que, passeando na mata, encontra um muirakitã e o guarda com seus brinquedos. Um dia leva-o até o pai e é quando este começa a contar-lhe as histórias e os significados de todos os amuletos mágicos dos povos indígenas da Amazônia, os muiraquitãs, e também sobre o wirapuru, o cantor da sorte. Através do diálogo entre pai e filho, o leitor conhece também tradições, usos e costumes do povo Maraguá.

Excerto:

Tinha sete anos e andava pela mata à procura de frutas silvestres quando encontrei no fundo de um olho d'água um belo exemplar de muirakitã. Era a figura de um sapo do tamanho da minha mão, lotado de grafismos simbólicos, que eu nem sequer sabia para que serviam. Lavei-o, tirei o kawixy que o cercava e o levei para casa. Chegando lá, o coloquei junto com meus brinquedos e os esqueci.

Uma vez, papai, me contando a história dos antepassados, falou sobre os amuletos de pedra e de pena que ainda nos tempos de seus avós eram cultuados.

- Papai! – disse eu. – Alguns dias atrás achei um muirakitã desses que o senhor falou. Estava num olho d'água lá atrás do ygarapé.

- Como ele é, filho? – perguntou-me.

- É um sapo verde, papai.

- Traz aqui para eu vê-lo.

Imediatamente corri e o trouxe depressa. Mostrei-o.

- *Esse é um tesouro! – disse ele. – Esses símbolos gravados em seu pescoço significam que é um amuleto mágico. Vamos?*
– *convidou-me ele.*
- *Para onde papai?*
- *Mostre-me onde o encontrou.*
Minutos depois estávamos nos debruçando à beira do olho d'água, procurando vestígios.
Vestígios do que papai? – perguntei sem entender nada. – O senhor está procurando outro desses sapos verdes é?
- *Não, filho, quero saber da terra, do tempo... Quando foi que esse amuleto foi posto aqui. (p.8)*



YAHÍ PUÍRO KI'TI

Autor: **Jaime Diakara**; Ilustrações: Thalles Alexandre

Manaus: Editora Valer, 2011. **Coleção Neengatu**

O povo Dessana acompanha as estações do ano através das constelações e do tempo de amadurecimento das frutas. Para eles o ano inicia com a yahí puíro, a enchente da Garça e é a constelação da garça é a primeira do ano para os Dessana. Este livro conta o mito do surgimento desta constelação quando os Pamuri Masá mataram uma garça, primeiro ser a ser morto depois da criação do mundo, para usar suas penas brancas como enfeites. Por não ser uma garça qualquer, mas sim o Rei das Garças, seus irmãos decidiram que ela não desaparecia como qualquer um; transformaram seu sangue numa chuva, fazendo o corpo ficar bem no centro do universo, em forma de constelação.

Excerto:

Os Dessan-Wahari Diputiro Porã acompanham as estações do ano através das constelações e do tempo de amadurecimento das frutas. De acordo com esse povo, o ano começa com uma enchente, chamada em dessana yahí puíro (enchente da Garça). É também o aniversário da chegada da canoa de transformação na cachoeira de Ipanoré. E assim, nesse tempo, chegam e encostam em Ipanoré todos os tipos de peixe: mandí, aracu, surubim, etc., representando a chegada dos Pamuri Masá, gente de transformação, seres humanos que se originaram dos peixes e outros animais. Esses peixes simbolizam a chegada da gente de transformação nessa cachoeira. Chegando lá, cada grupo de peixe dirige-se para um rio ou um igarapé determinado, como fizeram os Pauri Masá. Isso sempre acontece no mês de agosto. (p.6)

YAGUAKÃG, ELIAS

Filho do povo indígena Maraguá, do clã Çukuyêguá, nasceu em 10 de outubro de 1976, na aldeia Yãbetu'é'y, área indígena do rio Abacaxis, sul do Amazonas, Nova Olinda do Norte. É especialista em grafismos indígenas, artesão e escultor. É professor do Ensino Fundamental e ensina a língua maraguá. Faz parte do Núcleo de Escritores Indígenas Brasileiros (Nearin) e integra a diretoria da Associação do Povo Indígena Maraguá (Aspim). Produção literária infantojuvenil: ***Aventuras do menino Kawã, Historinhas marupiaras.***

YAMÃ, YAGUARÊ

Nome indígena de Ozias Glória de Oliveira, geógrafo, professor, artista plástico e escritor, nascido em Nova Olinda do Norte, na aldeia Yãbetué, da etnia Maraguá-mawé, em 03 de outubro de 1973. É integrante do Núcleo de Escritores Indígenas Brasileiros (Nearin), vinculado ao Instituto Indígena Brasileiro de Propriedade Intelectual (Inbrapi). Produção literária infanto-juvenil: ***Puratig – O Remo Sagrado, O caçador de histórias, Kurumi Guaré no coração da Amazônia, Murugawa: Mitos, contos e fábulas do Povo Maraguá, As pegadas do Kurupyra, Wuirapurus e Muirakitãs, O Totem do rio Kãwéra e outros contos fantásticos, A árvore de carne, A origem do beija-flor – Guanãby Muru-gáwa, Contos da floresta, Falando Tupi.***



ZÉ PIRULITO

Autora: **Astrid Cabral**. Ilustrações: Maria Eduarda

Rio de Janeiro: Agir Editora, Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982. Coleção 4 ventos

Iniciando como um diálogo com o leitor, em uma linguagem coloquial e fluente, o livro conta a história de José Luís, que é conhecido como Zé Pirulito. O menino sofre com os apelidos dos colegas e com os cuidados excessivos da família. Por isso, decide fugir para o Zoológico onde espera encontrar uma convivência sem conflitos entre os animais. Sofre muitas peripécias e descobre que a vida no Zoológico não é como ele fantasiava. Enfim, descobre em si mesmo a forma de viver com as contradições e frustrações do mundo, reencontra os pais e volta para casa.

Excerto:

Tenho um amigo que vocês precisam conhecer. Um dia eu disse a ele: - Vem cá, Zé Pirulito. – Ele se achegou perto de mim e eu falei: - Zé Pirulito, fique quieto, que vou tirar seu retrato. Quero mostrá-lo a seus amiguinhos. Não, isso de encher as bochechas de ar e estufar o peito não vale. Nada de pose de gente prosa! Quero, mas é seu jeito de menino. (p.7)

Rerências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARFUCH, Leonor. A auto/biografia como (mal de) arquivo. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (orgs). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. pp. 370-382.

_____. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3.ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BARROS, Manuela. Editora Valer lança “Coleção Florescer da leitura” no domingo (19). *A Crítica*. Manaus, 14 de dezembro de 2010. Disponível em http://acritica.uol.com.br/vida/Amazonas-Manaus-Amazônia-Literatura_infantil-Livraria_Valer_0_389961127.html. Acesso em 01/08/12.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Trad. Juilo Castanon. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

_____. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BESSA, Maria Elisa Souto. *Histórias para minha tia dormir*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECAS INFANTO-JUVENIS. *Bibliografia brasileira de literatura infantil e juvenil*. v.10. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil Contemporâneo*. 5ª ed. Barueri, SP: Manole, 2010.

_____. *Literatura infantil: história, teoria, análise*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil/Juvenil Brasileira 1882-1982*. São Paulo: Quíron, 1983.

CORACINI, Maria José R. F. *A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobrevivência*. In: Cadernos de estudos culturais: Crítica Biográfica, v.1, n.1. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009. pp.125-136.

CORRÊA, Neuton. *Sonhos de cuirão*. Manaus: Valer, 2010.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1988.

DAMASCENO, Maria Luiza. *Tia Teté: histórias e lendas amazônicas*. Manaus: Edições Governo do Estado, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ENGRÁCIO, Arthur. *Poetas e prosadores contemporâneos do Amazonas: súmula biobibliográfica*. Manaus: UA, 1994.

FARIAS, Elson. *O Tupé Voador*. Manaus: Valer Editora, 2001.

___ *As Aves pedem Ajuda*. Manaus: Valer Editora, 2001_a

___ *O Romance dos Sapos*. Manaus: Valer Editora, 2001_b

___ *Procurando a Noite Verdadeira*. Manaus: Valer Editora, 2002

___ *Noite de Viração*. Manaus: Valer Editora, 2002_a

___ *De Mãos Dadas com a Paz*. Manaus: Valer Editora, 2002_b

___ *A História da Inteligência*. Manaus: Valer Editora, 2002_c

___ *O Jovem Tamarindo*. Manaus: Valer Editora, 2002_d

___ *Viajando com o Boto no Fundo do Rio*. Manaus: Valer Editora, 2002_e

___ *A Origem das Estrelas*. Manaus: Valer Editora, 2002_f

___ *Elson Farias: Memórias Literárias*. Manaus: Valer Editora, 2006

___ *Manaus do Rio Negro, a capital da floresta*. São Paulo: Cortez, 2007

___ *As aventuras do Zezé: os meninos e o professor*. Manaus: Valer Editora, 2009.

___ *O som das letras*. Manaus: Valer Editora, 2010.

___ Elson Farias: o narrador da floresta. Entrevista concedida a Sávio Stoco. *Valer cultural*, Manaus, v.1, pp. 62-67, 2012.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009

GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. Mestiço, pobre, nevrozata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. In: GOMES, Angela de Castro Gomes; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009, pp. 191-223

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. Ed. Rev. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa. *Literatura infantil brasileira e estudos literários*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 36. Brasília, julho-dezembro de 2010, p.97-110.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LEONG, Leyla. Escrevendo histórias para crianças. *Valer cultural*, Manaus, v.1, pp. 76-77, 2012.

MAGALHÃES, Lígia Cademartori. Literatura Infantil Brasileira em formação. In MAGALHÃES, Lígia Cademartori; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: emancipação e autoritarismo*. São Paulo: Ática, 1987.

MARQUES, Reinaldo. O que resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Crítica e Coleção*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2011. pp. 192-203

MELLO, Thiago de. *O menino irmão das águas*. Manaus: Valer, 2011.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. São Paulo: Edusp, 2009.

MORAIS, Antônio Magalhães. *O pescador e a princesa encantada*. 2 ed. Manaus: Valer, 2011.

NOGUEIRA, Wilson. *Formosa a sementinha voadora*. Manaus: Valer, 2010.

OLIVEIRA, Marta Francisco de. Espaços das subjetividades contemporâneas: o novo território das biografias – Resenha do livro O Espaço Biográfico, de Leonor Arfuch. In: Cadernos de Estudos Culturais – Crítica Biográfica. v.1, nº1, Campo Grande: Ed UFMS, 2009. pp. 173-181

PARREIRAS, Ninfa. *Confusão de línguas na literatura: o que adulto escreve, a criança lê*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PEIXOTO, Ana. *As frutas do meu quintal*. Manaus: Valer, 2010.

_____. *Histórias de bichos da Amazônia*. 2 ed. Manaus: Valer, 2010.

____. *Os animais do meu quintal*. Manaus: Valer, 2010.

____. *Sapos no quintal*. Manaus: Valer, 2010.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes: o saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. *Interação e mediação literária para a infância*. São Paulo: Global, ABL, 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global Editora, 1984.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Vera Maria Tieztmann. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. 2. Ed. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

SOUZA, Ana A. Arguelho de. *Literatura infantil na escola: a leitura em sala de aula*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: ____ *Crítica cult*. Belo Horizonte. Belo Horizonte: 2007. p. 105-113

____. A crítica biográfica. In: _____. *Janelas Indiscretas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. pp. 17-25.

____. A biografia: um bem de arquivo. In: _____. *Janelas Indiscretas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. pp. 39-51

ZILBERMAN, Regina. O estatuto da literatura infantil. In MAGALHÃES, Lígia Cadernatori; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: emancipação e autoritarismo*. São Paulo: Ática, 1987.

____. *A literatura infantil na escola*. 2ª ed. São Paulo: Global, 1982.